

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

EM BUSCA DO TEXTO PERDIDO,
Diário de um ofício decorativo.

KÁTIA REBELLO

Florianópolis, agosto de 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

EM BUSCA DO TEXTO PERDIDO,
Diário de um ofício decorativo.

KÁTIA REBELLO

Tese apresentada à Universidade
Federal de Santa Catarina, no Curso
de Doutorado em Teoria Literária,
com a orientação do Prof. Dr. Lauro
Junkes.

Florianópolis, agosto de 2007.

RESUMO

O texto ficcional *Em busca do texto perdido*, apresenta-se como uma experiência de criação literária. No romance, acompanhamos a narradora na busca pelo texto poético que guardava mistérios que ela almejava obter.

Na busca pela palavra não dita, a narradora conduz o leitor por caminhos sem volta e o enredo se desenvolve entre teias, redes e poções.

A produção do romance *Em busca do texto perdido*, apresenta registros do processo criativo. Um *Diário* acompanha as decisões e hesitações do ofício de escrever. O *Diário* procura mostrar, também, o passo-a-passo deste ofício decorativo que possui grande valor na vida do escritor, mas que não lhe dá sustento.

Os papéis de Aspern, de Henry James, possibilita o estudo do narrador, mostrando características em comum entre o narrador de James e Anita, narradora de *Em busca do texto perdido*. O *Diário* de produção do romance, retirado de anotações no decorrer da criação, justifica o entrosamento com o texto ficcional.

ABSTRACT

The fictional text *Em busca do texto perdido*, introduce itself as an experience of the literary creation. In the novel, we can follow narrator in a search for the poetic text which preserve mysteries she wanted to get.

In her search for the word not spoken, the narrator lead the reader into some ways with no return and the plot is developed in intrigue, meshes and potions.

The production of the novel *Em busca do texto perdido*, shows the registrations of the creative process. A *Diary* come together with some decisions and hesitations of the writing work. The *Diary* try to show, too, the step-by-step of the creative work which have huge value in the author's life, but doesn't give him support to survive.

The Aspern's paper, by Henry James, makes possible the study of the narrator showing aspects in common between James' narrator and Anita, narrator from *Em busca do texto perdido*. The *Diary* of the novel production which came from annotations of the creation ways, justify the engagement with the fiction text.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 EM BUSCA DO TEXTO PERDIDO	9
2 DIÁRIO DE UM OFÍCIO DECORATIVO	245
2.1 Palavras	247
2.2 Fábio ♥ Poesia	252
2.3 <i>Parole, Parole, Parole</i>	255
2.4 Ode ao Poeta	260
2.5 Dois Poetas	263
2.6 Um Poeta	266
2.7 Prazer em conhecer	268
2.8 O Poeta feliz	271
2.9 Cada Poeta em seu lugar	275
2.10 O paraíso	278
2.11 <i>Poète X Mouette</i>	287
2.12 Outros rumos	290
2.13 Novos rumos	293
CONCLUSÃO	298
REFERÊNCIAS	299

INTRODUÇÃO

A possibilidade da criação de um romance como objeto da minha tese insinuou-se desde o início do doutorado. A princípio minha pesquisa direcionou-se ao estudo dos gêneros do romance e esse acabou sendo o título de meu projeto do doutorado. Após longa pesquisa, a idéia foi descartada, devido à abrangência do assunto e a impossibilidade de focar um único ponto a ser estudado. A produção do romance apresentou-se, então, como principal objetivo.

A experiência em escrever um trabalho ficcional na minha dissertação de mestrado fez surgir a intenção de repetir o exercício na tese de doutorado. Esta foi a minha única certeza ao entrar no doutorado: escrever um romance. Porém, dessa vez, não como exemplo do que afirmara na teoria e sim como objeto de estudo.

A princípio, seriam estudados alguns autores, cujas obras apresentavam narradores similares à maneira como pretendia conduzir a ficção a ser criada. A escolha de narrativas detetivescas reuniu autores como Henry James, Agatha Christie, Machado de Assis e Glauco Rodrigues Correa. Do gênero investigativo e do policial poderíamos acentuar um ponto

importante, presente em um e, algumas vezes, ausente no outro: o crime. *O assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie e *Crime na baía sul*, de Glauco Rodrigues Correa, apresentam um narrador-assassino. A questão, porém, não contribuiu para o estudo da tese. Em *Casa Velha*, de Machado de Assis, e em *Os papéis de Aspern*, de Henry James, os narradores partem em busca de seus tesouros literários. Porém, entre a hesitação e a volubilidade de ambos, o narrador de James tinha consciência do que precisaria fazer para conseguir cumprir sua missão, e o fez. A fraqueza e a perseverança do narrador de *Os papéis de Aspern* ressaltaram pontos que o romance *Em busca do texto perdido* pretendia destacar.

Enquanto criamos um romance, um mundo paralelo não deixa de existir, ou seja, o mundo real mantém-se ativo, mesmo que o escritor deseje que ele pare e lhe conceda tempo total para a sua criação. Não é possível. Precisamos conciliar ambos. Viver e criar. A utilização de trechos de um *Diário* quase que mostraria o passo-a-passo da produção desse ofício decorativo. Decorativo não porque represente algo menor na vida do autor, mas porque, como a grande maioria dos escritores de nosso país, ele necessita de uma profissão que lhe dê sustento. Como o personagem Fábio, de *Em busca do texto perdido*, sem opção, o ofício de escrever passa a ser como um *hobby* para as horas vagas e fins-de-semana.

O texto ficcional apresenta-se como um exercício de caráter experimental. Uma experiência acompanhada de anotações sobre o processo criativo.

O *Diário* de produção do romance *Em busca do texto perdido* procura registrar o andamento da criação. As idéias que podem ou não ser integradas ao texto ficcional. O surgimento e composições de personagens. As hesitações e as decisões tomadas durante a composição. O *Diário* se utiliza dos mesmos títulos de cada capítulo do romance, acompanhando o desenrolar do texto ficcional. Casa-se com o romance, podendo até, se fosse o caso, finalizar cada capítulo. A obra de Henry James, *Os papéis de Aspern*, permeia o texto ficcional criado, como que em certo paralelo, delegando praticabilidade ao estudo do narrador.

A idéia para o romance *Em busca do texto perdido* surgiu da leitura de *Cartas a um jovem poeta*, de Rilke. Entretanto, a narrativa tomou forma e seguiu rumos a princípio não previstos. O *Diário*, retirado de anotações no decorrer da produção, justifica o entrosamento com o texto ficcional. O paralelo com *Os papéis de Aspern*, de James, não foi premeditado; sabia apenas que a narradora partiria em busca de papéis do seu interesse, já que o título foi o primeiro a se insinuar. No mais, deixemos que ela apresente sua narrativa.

1. EM BUSCA DO TEXTO PERDIDO

SUMÁRIO

Palavras / 11

Fábio♥ Poesia / 29

Parole, Parole, Parole / 36

Ode ao Poeta / 47

Dois Poetas / 56

Um Poeta / 76

Prazer em conhecer / 89

O Poeta feliz / 118

Cada Poeta em seu lugar / 135

O paraíso / 150

PoèteX Mouette / 195

Outros rumos / 212

Novos rumos / 227

Palavras

- Então diz!
- Você já sabe.
- Diz!
- Eu não preciso...
- Mas eu quero ouvir!
- Não vem com essa conversa novamente.
- Ah, diz, vai!
- Pipa, eu não suporto essa sua insistência! Você já sabe.
- Talvez, mas quero ouvir dos seus lábios.

- O que quer ouvir?

- O que você sente por mim.

- Você sabe...

- Não, não sei! Então, Fábio, vai para casa e escreve um poema!

Levantei.

- Espera, Pipa.

Apertou minha mão, prendendo-me.

Olhei para ele na esperança de finalmente ouvir as tão desejadas palavras. Por que tinha dificuldade em se expressar? Estávamos juntos há quase um ano e nunca ouvi uma só palavra que descrevesse seus sentimentos em relação a nós. Não estaríamos juntos se ele não gostasse de mim, me parecia óbvio. Eu era a sua principal leitora! Ele escrevia poemas. Dizia que confiava na minha opinião. Embora a minha crítica não passasse de um “ótimo”, “lindo”, “adorei”. Isso o satisfazia e a mim também. O que realmente não me agradava, era o tema do trabalho dele. Não eram poemas de amor. Louvavam a natureza, a vida de um modo amplo e geral. Eu não me encontrava naquele seu mundo, não era em mim que ele buscava inspiração.

Fábio entreabriu os lábios. A expressão do rosto enigmática, os olhos presos aos meus. Para que pensar tanto? Não existiria palavra para expressar seu sentimento? Ainda não havia sido inventada? Ou caiu em desuso? Por que

não criava uma então? Eu adoraria, mesmo se não soubesse o significado.

Mas, pelo menos haveria uma palavra... só minha, só nossa.

Ouvi o silêncio de sua boca, congelada pelo medo do veneno que poderia proferir.

Puxei minha mão com força e parti.

- Não sei por que é tão importante para você ouvir que ele a ama!

Comentou Débora, quando contei sobre minha frustração.

- Ele não precisa dizer que me ama! Só quero ouvir o que realmente sente!

- Ele não diz nada?

- Não!

- Nada, nada?

- Não. Respondi, convicta.

- É o jeito dele...

- Mas nas cartas para o Poeta ele revela tudo.

- Você leu?

- Não, mas ele disse que escreve muito sobre mim.

- Estranho! Então o problema dele é com a expressão oral.

- É... Concordei, num longo suspiro. Daria tudo para ler essas cartas.

- Até eu fiquei curiosa.

- Imagina! Saber que alguém conhece mais os sentimentos do meu namorado do que eu...

- Pede para ele lhe mostrar as cartas, Anita!

- E ele mostra?

- Não?

- Ele diz: Ah, Pipa, sabe que eu não gosto e...

- E esse apelido: Pipa, só ele a chama assim, não é?

- Ele gosta. Nunca me chama pelo nome. Eu não ligo. Para ele sou como uma pipa solta no ar... Sabe, ficaria feliz se ele me deixasse ler a correspondência com o Poeta.

- Nossa! Há quanto tempo não ouço essa palavra!

- Qual?

- Correspondência. Por que não trocam *e-mail*?

Dei de ombros. Coisa de intelectual. Pensei comigo.

- Acho que o Poeta mora num lugar afastado, sem essas modernidades.

- Hoje em dia? Difícil imaginar! Quem é afinal esse Poeta?

- É o ídolo do Fábio! Solano Braz, poeta, professor de literatura, vários livros publicados... É o que eu sei dele.

- E trocam “correspondência”. Riu.

- Ele é uma espécie de Guru para o Fábio...

- Nossa! Outra palavra clandestina no meu vocabulário!

- Qual?

- Guru.

- Significa exatamente o fascínio que o Poeta produz no Fábio. Precisa ver como ele fica quando chega correspondência! Eufórico. E, pelo que ele me diz, o Poeta faz sempre um comentário especial sobre os seus poemas.

- Onde eles se conheceram?

- Na verdade, não se conhecem. Não pessoalmente. O Fábio foi aluno de um amigo do Poeta e este lhe deu o endereço e o incentivou a enviar seus poemas. Acho que o Fábio prefere esse distanciamento. Isso o deixa mais à vontade para mostrar seu trabalho.

- E são bons?

- Os poemas do Fábio? Como posso saber? Não sou especialista nisso. Eu gosto e basta para mim... para ele, importa mais a opinião do Poeta.

- Está com ciúme?

- De quem?

Débora riu. Esperou que eu repetisse a pergunta, exasperada.

- Ciúmes de quem?

- Do Poeta. Respondeu, a voz insinuante.

- Absurdo!

- Ciúmes do que ele sabe, pelo menos.

- Pode ser. Concordei.

- Da informação que ele detém. Insistiu ela.

- Eu já concordei.

- Ele sabe mais do que você sobre os sentimentos do seu namorado.

- Verdade...

- Ele talvez saiba tudo sobre você, tudo sobre vocês...

- Chega, Débora, está querendo me assustar? E, além do mais, os homens não são de falar muito sobre isso!

- Falar não, mas, escrever... Ele talvez a descreva em forma de poema. Já pensou? Uma noite de amor ardente e momentos íntimos transcritos em versos e o amigo Poeta lendo?

- Prefiro não pensar sobre isso. Murmurei, amuada. Os poemas que ele me deixou ler não falam de nós dois. Por que escreveria ao Poeta sobre mim?

Débora não soube responder. Como saberia? As dúvidas não eram privilégio meu. Ela, tão afastada dos homens, como uma celibatária, na clausura da empresa onde trabalhava, jurava conviver perfeitamente bem consigo e com o vazio de um par ao seu lado. Vivia só, saía só, amava a liberdade e a independência que a ausência de um homem em sua vida oferecia. Não tivera traumas com ex-namorados, ex-noivos, nem ao menos foi casada, descartando a possibilidade de um relacionamento mal sucedido que explicasse a paixão pela vida a sós. Tivera relacionamentos passageiros. Namoros curtos. Homens entravam e saíam da sua vida tão rapidamente quanto ela cansava da companhia deles. Falta de paciência com o outro. Talvez esse fosse o problema. Se existia mesmo algum... Por que sempre apontamos problemas em quem escolhe estar só? Escolhe-se estar só? Débora escolhera. Celebrava sua independência e mesmo quando eu e Fábio começamos a nos encontrar, ela não demonstrou desejo algum em procurar um companheiro para si, ou qualquer sintoma de inveja se apossou dela. Ela manteve a sua rotina, entre idas ao cinema, teatro e espetáculos musicais; acompanhada tão-somente de seu cachecol marrom. Vestia e despia quando lhe dava vontade. Era essa a sua explicação para olhares transbordando piedade pela ausência de um par. Eu admirava a sua coragem. O aveludado

cachecol marrom... Ela o emprestou a mim certa vez para uma ida ao cinema, mas sua companhia não me foi suficiente.

- Vai sair?

- Vou.

Não arriscaria perguntar onde ela pretendia ir, pois só responderia se quisesse. E pior, diria, como das outras vezes, que não tinha namorado para não precisar dar satisfação de suas saídas. Só que, às vezes, é bom ter alguém para nos cobrar certas satisfações.

Nada mais falei.

- Vou a um concerto.

- Mozart?

- *Concerto para piano n.º 17...*

- O meu favorito!

- Pensei que preferia *A Sonata em lá maior*.

- Em se tratando de Mozart...

- Concordo. Você vai jantar com o Fábio?

- Creio que sim. Ele ficou de me ligar, mas quando começa a escrever esquece da vida.

- Por que não vai ao apartamento dele?

- Prefiro não atrapalhar o seu trabalho...

- Atrapalhar? Você vai inspirá-lo! Pense no bem que fará à humanidade.

Achei graça. Mas, fiquei pensativa e saí logo depois dela.

Não era meu hábito visitá-lo sem antes telefonar. Sabia que ele não aprovava essas súbitas aparições. Por que então eu me mantinha rumo ao seu endereço?

Estacionei diante do prédio.

Não desci do carro. Olhei a noite, as pessoas indo e vindo na calçada. Respirei fundo. Mozart teria me feito bem. Fábio gostava de música clássica. Mas, somente Chopin. Escrevia sempre ao som dos *Noturnos*. Sempre. O ritmo lhe moldava os versos, ele me disse, certa vez. Eu não compreendia. Nunca escrevi um verso sequer! Como saber o que se passava em seu íntimo quando criava? Exteriormente nada transparecia. Sentado à escrivaninha, a cabeça mergulhada no papel, a caneta deslizando na superfície branca do bloco pautado. Às vezes parava, olhava para o alto, na esperança, talvez, de enxergar palavras escritas no ar. Eu nada dizia, observava. Cantarolava em pensamento uma melodia ou outra, enquanto ele experimentava o gozo da criação. Esvaído da tarefa de transpor para o papel os segredos da vida, ele me procurava e eu me satisfazia com o que restava dele, um corpo quase exangue, debilitado pela arte de criar. Por quase um ano

eu o compartilhava com a poesia, num pacífico *ménage à trois*. Algumas vezes eu era a outra. A que aguardava, paciente, o momento reservado a mim. Se eu o inspirava, como supôs Débora, talvez me encontrasse em primeiro plano. Mas, eu o preparava para ela: a poesia. E era com ela que ele passava a maior parte do tempo. Ela lhe dava prazer, ela lhe desvendava os mistérios do seu próprio ser, ela o conduzia por caminhos que eu desconhecia. O relacionamento dele com a arte simbolizava um ritual impenetrável. Para a poesia, a mente. Para mim, o corpo.

Eu não tinha tudo isso tão claro na minha mente quando o conheci. Os olhos, os olhos traem os outros sentidos. Captam a imagem e cegam qualquer reação contrária à primeira impressão. E esta bastou para que Fábio me contaminasse com sua aparência de quem busca respostas e as encontra. Assim eu o vi. Assim eu ouvi. As primeiras palavras, silenciosas, nós trocamos em longos olhares de satisfação mútua. Ele, diante do balcão, olhava-me através do espelho onde eu recolocava alguns frascos de perfumes. Obriguei-me a perguntar-lhe o que desejava por ser esta a minha função ali, embora eu não fosse capaz, naquele instante, de formar outra frase sequer.

- O que deseja?

- Aquele é francês?

Olhei na direção do seu dedo indicador. Assenti.

- *Ange de Mai.*

Mas estávamos em agosto!

- E aquele? Apontou para outro frasco.

- Aquele é o meu favorito. Consegui dizer.

Era o meu lado racional reorganizando os sentidos.

- Posso? Perguntou-me.

Olhei para ele, hesitante.

Seu gesto deixou-me claro que ele desejava segurar o vidro na mão.

Alcancei para ele. Acrescentei o nome correto do produto em voz alta, caso o seu francês não fosse muito bom, e um erro de pronúncia o fizesse desistir da compra. Em se tratando de perfume francês, o interesse se manifesta primeiro na audição. O som é a pista para sensibilizar o olfato. No caso de Fábio, o tato antecedeu-se aos outros sentidos. Apalpou os frisos na superfície do vidro. Então, o olhar compartilhou a sensação das mãos.

- *Poète.*

- *Poète?* Repetiu ele. O que quer dizer?

- Poeta. Respondi, tentando não demonstrar a obviedade entre som e significado.

Ele sorriu.

Devo abrir um parêntese aqui. O que é um sorriso? Eu sorrio, tu sorris, ele sorri... Ele sorri? Não! O movimento muscular da sua face não possuiria verbete num dicionário da língua portuguesa. Era sorriso de poeta, descobri mais tarde. Naquele momento, um gigantesco ponto de interrogação nublou minha mente. Eu ainda desconhecia o fato de ele ser um artesão da palavra. E em consequência disso, não percebi a coincidência da minha fragrância favorita com o seu ofício.

- Vou levar.

- Conhece o perfume? Inquiri, curiosa.

- Não.

- Tenho um provador aqui, vou borrifar um pouquinho na sua pele...

- Não precisa. Confio no seu bom gosto.

- Obrigada. Foi só o que pude proferir.

Conhecia aquelas palavras. Diziam confiar no meu gosto, principalmente os clientes mais antigos. Compravam perfumes para esposas, noivas, namoradas, amantes. Confiavam-me, inclusive detalhes, para facilitar a escolha quanto a fragrâncias especiais. A loja possuía serviço de entrega e um catálogo com endereços que crescia a cada mês. A questão da confiança, em mim ou nas outras vendedoras, se fortalecia conforme a assiduidade do

freguês e o acerto, de nossa parte, na escolha do produto. Porém, aquele homem, estreante em nossa loja, depositava em mim o êxito de sua compra.

Resolvi perguntar. Como se não fosse de praxe.

- É para presente?

“Não, é para mim mesmo”. Antevi sua resposta que me deixaria mais tranqüila quanto a sua confiança em meu gosto. Mas, ele disse:

- Sim, é para presente.

- Tenho certeza de que ela vai gostar.

A vendedora que havia em mim superou a insegurança de uma possível indicação mal sucedida.

Ele pagou no caixa, pegou o pacote e retirou-se sem olhar para trás. Pareceu-me que, de uma hora para outra, se lembrara de um compromisso urgente. Olhei aquela figura magra se afastar e sair. Em minha mente, seus olhos fundos no rosto pálido me encaravam sérios, enquanto os lábios sorriam. Se eu soubesse, naquele instante, que ele era um poeta, com toda certeza, diria que ele sofria do “mal do século”.

No final do expediente, eu fechava a loja para ir embora, quando, na calçada, um menino tocou meu braço, entregou-me uma sacola preta. Afastou-se correndo antes de qualquer reação de minha parte. Olhei para o interior da sacola em minhas mãos. Encontrei uma caixa e logo reconheci: o perfume

Poète! A princípio não compreendi. Mas, meu olhar perscrutou ao redor, como se ouvisse algo e meus ouvidos confirmaram a sensação de um movimento audível no ar, como se alguém conseguisse se expressar com os dedos tamborilando o espaço vazio. Reconheci o homem que estivera na loja. Parecia ainda mais magro e pálido à luz artificial dos postes, no início da noite, na pracinha diante da loja.

Não me movi.

Ele se aproximou.

Contraíu os músculos do rosto, mostrou uma fileira de dentes pequenos, unidos uns aos outros como se não houvesse separação entre eles.

- Gostou do presente?

- É para mim? Formulei a absurda pergunta, mesmo segurando a sacola nas mãos.

- É o seu favorito, não é?

- É. Mas, como sabe?

- Você falou.

- Por que o está dando para mim?

- Porque é o seu favorito.

Precisei pensar por uns minutos e foi nesse instante que ele segurou meu braço e ambos fomos sentar num banco da praça. Achei bom, sentada talvez eu raciocinasse melhor.

- O meu nome é Fábio. O seu é...

- Anita. Falei, mesmo tendo a estranha sensação de que ele já sabia.

- Bem, eu comprei o perfume para você!

- Por quê?

- É o seu preferido.

Impaciente, coloquei-me de pé. Ele adiantou-se em segurar-me, colocou seus dedos ao redor do meu braço. Entretanto, puxou-os em seguida como se o contato lhe provocasse ardor ou coisa assim.

Estendi a sacola em sua direção.

Admirado, inquiriu:

- Não quer?

Balancei a cabeça.

- Por quê? Ele quis saber.

- Não aceito presente de estranhos. Respondi, solene.

- Você não é uma estranha para mim.

- Eu não conheço você! Afirmei.

- É claro que não.

Sua face se contraiu. Os lábios se moveram somente num lado do rosto. Ele fez mistério e eu não me sentia disposta a ouvir, mas fiquei. Sentia-me cansada pelo dia inteiro de trabalho, porém não sentei. Observei sua figura, em vantagem por estar de pé. Seu olhar ergueu-se até o meu.

Sentei. Larguei a sacola sobre o banco e, num momento de ausência, deslizei meus dedos pela superfície de pedra. O sopro do vento no cabelo dele opôs-se em suavidade à aspereza do cimento sob meus dedos. Descendo pelo ombro, os fios oscilavam numa dança ritmada.

- Quero que fique com o perfume. Afirmou.

- Por quê? Pare! Por favor, não diga: “porque é seu favorito”.

Ele riu. Uma risada muda movimentando apenas o ar noturno. Seu olhar ergueu-se até à copa da árvore sobre nós, depois voltou a fitar meu rosto.

- Comprei para você. Entrei na loja para comprar um perfume para você!

- Já nos conhecemos? Perguntei, hesitante. Ele pareceu-me tão seguro de seu ato...

- Não! Você não me conhece.

- Então por que comprou um perfume para quem não conhece?

- Você não me conhece, mas eu conheço você.

- Conhece?

- Eu vejo você passar para lá, para cá... Independente, solta no ar...

Leia o cartão. Tem um cartão aí junto à caixa.

Abri a sacola. Havia um envelope em branco. Abri. Retirei o cartão.

Direcionei-o para a luz do poste.

- “Pipa, ver você já não basta. Preciso saciar os outros sentidos”.

Mantive o olhar na letra; depois, o encarei.

- Pipa?

- É assim que eu a chamo. É assim que vejo você: como uma pipa solta no ar, livre, indomável...

Eu? Livre e indomável?

- Como não sabia o seu nome, resolvi lhe chamar assim. Explicou.

- De onde me conhece? Como me via?

- Trabalho no Banco, ali na esquina e a vejo passar... Mas, você não imagina a maior das coincidências! Eu sou poeta!

- Poeta? Inquiri, curiosa. Depois compreendi. Por causa do perfume?

Perguntei.

Seu riso silencioso soprou um hálito fresco em meu rosto.

- É o seu favorito!

- É mesmo! Concordei.

Tive o impulso de olhar o relógio. Ele percebeu.

- Está com fome?

- Olha... Fábio, é esse o seu nome não é? Tenho que ir para casa e...

- Não quer jantar comigo? Vamos no “Templo”, é o seu restaurante favorito, não é?

- Como...

Não completei a pergunta, estava óbvio! Ele na certa já me havia encontrado lá outras noites.

- Vamos? Insistiu.

Concordei. Era perto. Caminhamos e por todo o trajeto ele revelou o amor platônico que nutria por mim. Deliciei-me com as suas palavras antes de saciar a fome com o jantar. Como sobremesa, poesia. Ele retirou do bolso algumas folhas rabiscadas. Para mim era uma grande novidade estar ali com ele e ouvir a leitura dos seus poemas e para ele também era novidade os ler para mim. Uma noite inesquecível!

Com o passar do tempo, o fato de ele saber do que eu gostava, dos lugares aonde ia, das amigas que tinha, deixou de ser uma qualidade no nosso relacionamento. E, talvez, para ele também ofuscassem eventuais surpresas. Para certos homens, especialmente os poetas, devemos inspirar à distância. O amor platônico não morre... Não do mesmo modo que o amor carnal. O

primeiro pode deixar de existir com o tempo, o segundo, deteriora-se. Se o primeiro morre, o segundo, mata. Acho que já me fiz entender.

Fábio ♥ Poesia

E, estava eu ali, dentro do carro, prestes a visitá-lo sem antes telefonar! Depois de quase um ano de namoro... O que evoluiu entre nós? Estacáramos na primeira noite! Uma noite onde tudo aconteceu! Nos conhecemos, conversamos, rimos, jantamos, ele leu alguns de seus poemas para mim... E fechamos a noite no apartamento dele.

No dia seguinte as colegas da loja não perceberam que eu vestia a mesma roupa do dia anterior, porque usávamos uniformes. Porém, Débora ligou-me, preocupada.

- Anita, aconteceu alguma coisa, não dormiu em casa?

- Aconteceu...

Deixei os detalhes para quando nos encontrássemos na hora do almoço. Ela não colocou muita fé no recém-iniciado namoro.

- Como pode confiar em alguém que acabou de conhecer?

- Parece que eu já o conheço há anos...

- Não se empolgue demais! Pode não durar, ser apenas entusiasmo...

A mesma Débora me aconselhava, depois de quase um ano: “Por que não vai ao apartamento dele?” Como o tempo muda a maneira de pensar das pessoas! Só não mudou o pensamento do Fábio. Agia como se houvesse me conhecido na noite anterior. Era como se seus sentimentos por mim continuassem na mesma intensidade de quando nos conhecemos. Ele não os expressava verbalmente para mim. Eu insistia, incentivava, pedia. Nada! Nem uma palavra. Seus poemas versavam sobre o mundo, a natureza... Foi assim desde o início. Só eu não percebi! Estava tão envolvida e hipnotizada... Sua voz, seu rosto, os fios finos dos cabelos rareando no alto da cabeça e descendo

até aos ombros, a aparência extravagante... Não notara o teor do que ele declamava para mim. Sempre “para” mim, nunca “sobre” mim.

Abri a porta do carro e tomei a direção do prédio. Apartamento pequeno de um quarto. Era tudo que sua rica imaginação podia pagar.

Assim que ele atendeu-me, perguntei:

- Estava dormindo?

- Não, recostei no sofá e acabei cochilando. Por que não avisou que vinha?

- Idéia da Débora! Ela foi ao teatro e não quis que eu ficasse sozinha... Já jantou?

Era inacreditável que depois de quase um ano de namoro eu precisasse telefonar antes de aparecer no apartamento dele. Ele também, entretanto, raramente ia ao meu. Débora mal o conhecia. Ele me esperava na saída da loja, jantávamos, íamos ao cinema e depois ao apartamento dele. Mas, nem sempre dormíamos juntos. Eu ficava até certa hora... enquanto ele me dispensava atenção, depois, o deixava para ela, a outra, minha rival: a Poesia! Esta o tomava de assalto. Impelia-o a escrever e não mandava aviso, nem pedia permissão, nem sequer se desculpava por sugá-lo de mim. Eu nada podia fazer. Afastava-me ou simplesmente ia embora.

Naquela noite, senti como se a estranha fosse eu. Ela chegara primeiro. O cochilo ao qual ele se referia, provavelmente fora seu ritual de iniciação. Estivera mergulhado em inspirações. Eu tinha consciência de não o inspirar mais. Não desempenhava o papel de musa. Quase perguntei se eu deveria me retirar. Senti como se atrapalhasse algo. Não era somente trabalho. Trabalho não dá tanto prazer!

Fui até o sofá e sentei.

Ele ainda mantinha-se diante da porta aberta. Seus gestos se tornavam lentos quando “ela” estava por perto. Como uma amante ciumenta, me reservei o direito de reparar na arrumação do ambiente, no desleixo dele quanto à limpeza da casa. Aquilo também era resultado do que “ela” fazia a ele. Se borrifasse um pouquinho do *Poète* no ar, o lugar não teria aquele cheiro de... mofo. Ele usava o perfume para me agradar, mas somente durante o dia, à noite conservava aquele odor da natureza morta de seus poemas.

Permaneci no sofá. Ele se dirigiu à escrivaninha. Atendeu ao chamado da Poesia, incentivando-o a criar.

A sala se resumia a isso! Um sofá, escrivaninha, cadeira e livros.

Fui até a cozinha. Talvez quando ele voltasse a si, ou a mim, sentisse fome. No momento, alimentava-se da criação.

Na geladeira, nada que pudesse ser preparado com rapidez. Foi então que ouvi o som do *Noturno n.º. 1 em Dó Menor*, de Chopin e admiti: teria tempo para cozinhar alguns legumes e fazer uma sopa, a noite seria longa.

Enquanto cozinhava algumas cenouras, chuchus e abóboras, procurei o pacote de massa para sopa. Encontrei somente um, de letrinhas. Bem adequado, pensei comigo. Distraída, distribuí sobre a mesa alguns nomes. Talvez eu fosse capaz de escrever um poema. Um poema de massa para sopa! Como eu iria publicá-lo? Na panela? Não! Só queria brincar com as palavras. Tirar e acrescentar algumas letras, juntar o nome dele ao meu. Jogo infantil. Aquelas palavras não me pareceram poderosas. Não eram como as palavras proferidas em alto e bom som, capazes de dignificar ou derrotar alguém. Que força poderiam ter, então, os poemas dele se nem todos eram ditos a mim? Somente escrever no papel com sua letra rabiscada teria razão de ser? E se ele os lesse em praça pública? Bastava que os lesse para mim. Teriam o mesmo efeito nas cartas que escrevia ao Poeta? Ele era o seu único leitor: Solano Braz. O único leitor dos poemas mais profundos, que falavam de amor, do amor que eu julgava que ele sentisse por mim. Por que não permitia que eu lesse? Vergonha? Seriam excessivamente íntimos? Por que era tão difícil para ele expressar seus sentimentos a mim? Daria tudo para espiar sua correspondência!

O cheiro da sopa invadiu a sala, mas não foi suficiente para despertá-lo do transe criativo. Eu jantaria sozinha? Enchi o prato com o alfabeto inteiro e degustei palavras que julgava não conhecer e que jamais teriam saído da minha boca.

Quando lavava a louça, chateada pelo jantar solitário ele surgiu às minhas costas. Arrancou a toalha das minhas mãos, beijou-me o pescoço.

- Está com fome? Perguntei.

- Muita.

- Eu preparei uma sopa.

- Eu sei. Sussurrou em meu ouvido.

- Ainda está quente.

- Quente...

Virei-me para ele. Segurei seu rosto.

- Não está com fome?

- Estou.

- Então tome a sopa.

- Depois...

A Poesia saciara sua alma. E eu? Bem, ter a Poesia entre nós não era de todo mau, ela o preparava para mim. Ele vinha, prontinho para o amor, ou o sexo; isso eu ainda precisava descobrir. E, infelizmente, a sopa de letrinhas

colocara ainda mais palavras em minha boca. Eu tinha muito a dizer, e a perguntar, mas não naquele momento, mais tarde. Quando Fábio me amava... Era eu mesma naquela cama com ele? Ele tinha consciência disso? Porque em certos momentos eu acreditava que ele pensasse ainda estar em seu transe criativo e que fazia amor com a Poesia. E então seríamos três naquela cama e eu não gostava nada daquilo. Fazer amor com um poeta é compartilhar da cama com a Poesia. Eu já estava habituada.

Ele então sentiu fome. E fomos os três para a cozinha. Não servi um terceiro prato, mas era como se o tivesse feito. A Poesia não se alimentava de sopa; alimentava-se dele, ou vice-versa. Durante quase cinco minutos o olhar dele prendeu-se à cadeira a nossa frente. Era ali que ela sentara. Pensei comigo.

- Está boa? Resolvi perguntar.

- Ótima. Revelou sem entusiasmo.

Achei melhor ir para casa. Levantei e carreguei seu olhar comigo. Se não me dava atenção, por que eu passaria a noite ali com ele? Para testemunhar seus momentos de criação? Acabaria sozinha na cama, e ele na sala com a outra!

- Vou para casa. Voltei até à porta da cozinha. Repeti. Vou para casa.

A palidez do seu rosto ainda me impressionava! Rosto de poeta, eu poderia dizer. Qual tipo de poeta? Os românticos que morriam pelo amor não correspondido? Não era o caso dele. Sua aparência não fora fruto do seu ofício. Afinal, durante o dia, o trabalho burocrático de um Banco o igualava a qualquer simples mortal. Como ele conseguia? Como lidava com o dia-a-dia com tanta criatividade a aflorar em seu ser? Imaginava o sacrifício em balancear as duas atividades. A que lhe dava sustento e a que sustentava sua alma.

Seu olhar prendeu-se nas próprias mãos, sobre a mesa. Murmurou:

- Fica.

Parole, Parole, Parole

No dia seguinte encontrei Débora, cedo na loja.

- Veio escolher um perfume?

- Como adivinhou?

Rimos.

- Sério! O que mais eu teria vindo fazer aqui? Ironizou.
 - Contar que sonhou com Mozart na noite passada!
 - Mozart? Deus me livre!
 - Depois do concerto que assistiu...
 - Também tocaram Schumann...
 - Ah, não! Este era louco! O que mais tocaram?
 - Chopin. Este faz mais o meu tipo. Afirmou.
 - Não sabia que gostava do tipo doentio.
 - Eu o curava num instante. Mas, quero realmente escolher um perfume.
 - Verdade? Pensei que tinha passado aqui para saber como foi a minha noite com Fábio.
 - Como se eu não soubesse...
- Respirei fundo.
- Qual me sugere?
 - O quê?
 - Qual perfume sugere? Não pode ser muito caro.
 - Que tal *Imaginaire*, o seu preferido? É para mulher ou homem?
 - Mulher. É para Leila, a minha chefe, é seu aniversário.
 - Ah, leva este!

- *Parole*. O que quer dizer?

- Palavra.

- Gostei. É muito caro?

Borrifei numa tirinha de papel para ela cheirar, antes de lhe revelar o preço.

- Delícia! Exclamou, estalando os lábios, como se também o paladar tivesse sido ativado pelo olfato.

Sorri.

- Ela vai amar! Incentivei.

- Vai sim. Concordou.

Se eu não trabalhasse há tanto tempo naquela loja e não gostasse de vender perfumes, um emprego como o dela estaria nos meus planos. Secretária-executiva numa grande empresa! Ganhava mais do que o dobro do meu salário. Ambas usávamos uniforme, eu por obrigação, ela por capricho da chefe. Quem nos visse juntas caminhando na rua não apontaria diferença alguma.

Fábio apareceu quando fechávamos a loja. Um abraço denunciou o perfume que ele usava: *Poète*.

- Vamos jantar?

Jantar? Ele me convidou para jantar?

Deixei que repetisse a pergunta.

- Vamos jantar?

- O que aconteceu?

- Nada! Só quero jantar com você.

Observei a noite sobre a praça. E ele ainda mantinha o sorriso do período diurno? Ele nunca usava aquele sorriso à noite! Qual seria o motivo? Brigara com a amante? A Poesia finalmente o abandonou? Não era isso que eu queria, apesar do ciúme. Talvez ela tenha ido viajar, pensei comigo. Se ela me proporcionou essa chance, eu iria jogar fora?

- Não... Murmurei.

- Não?

- É claro que eu quero jantar com você! Declarei, passando os braços ao redor do seu pescoço.

- Então, vamos! Tomou-me pela mão e nos colocamos a caminho do restaurante.

Por ser cedo, o “Templo” se encontrava quase vazio. Há quanto tempo não jantávamos ali? Talvez o gerente nem fosse mais o mesmo. Era. E veio nos receber na entrada. Cumprimentou-nos educadamente e nos acompanhou até uma mesa perto da janela. Fábio sentou-se ao meu lado.

- Aceitam um aperitivo? Licor de damasco?

O funcionário ainda lembrava a minha bebida favorita! E já fazia quase um ano! Admiti que também eu lembrava do perfume favorito de alguns clientes... Se eu fosse gerente de um restaurante, também lembraria das preferências dos meus ilustres clientes. Porém, para aquela noite, sugeriria algo mais doce. Mas, resolvi aceitar. Em nome dos velhos tempos e para não desagradar ao gerente... Ele merecia que eu aceitasse sua sugestão. Sentia-me tão satisfeita com a surpreendente ida ao restaurante que aceitaria até uma dose de vodca, se o gerente me confundisse com outra pessoa. E para minha surpresa, Fábio resolveu me acompanhar no pedido.

- É bom. Anunciou depois de tomar o primeiro gole.

- Meio amarginho, mas é bom, não é?

Observei seus dedos longos e pálidos no cálice de cristal. Senti uma necessidade irreprimível de tocá-lo. Como desejava surpreendê-lo tanto quanto ele o fizera a mim, toquei numa parte do seu corpo que não estava à mostra por debaixo da toalha da mesa. Ele estremeceu.

Olhou-me, aturdido.

Seu susto foi tamanho que me contagiou e eu puxei a mão rapidamente.

Ele tomou minha mão entre as suas, beijou-a e a colocou em seu colo, novamente.

- Tenho algo para lhe contar. Sussurrou-me.

Então havia motivos para aquele jantar. Ele estava mesmo diferente!

Desprendia-se dele o cheiro de *Poète*.

Pedimos a janta, a sobremesa, e ele protelou o mistério até o último gole do café. Ele escrevia poemas, não histórias de mistério. Mas, naquela noite, demonstrou ter talento para tal.

Não agüentei e resolvi perguntar. Eu não tinha vocação para Sherlock Holmes! Então fui direto ao assunto.

- O que tem para me contar?

Ele ergueu um canto dos lábios. Seus olhos passaram dos meus para a xícara vazia sobre a mesa.

Recolhi a mão de seu colo. Não fizera o efeito esperado. Ele tinha outra coisa no pensamento, capaz de neutralizar os efeitos do meu carinho. Se queria a minha atenção, eu daria.

Virei-me para ele, o olhar em seu rosto.

- Recebi uma carta do Solano e...

Aquela era a surpresa? Desde quando as cartas do Poeta lhe motivariam o convite para jantarmos fora?

- ...ele enviou meus poemas a um amigo...

Quase cantarolei *Parole, Parole, Parole...* Queria saber o que a chefe de Débora achou do perfume. Quem não gostaria de ganhar um perfume francês de aniversário? Em pensamento eu alcançava o suave odor do *Parole*, mas, o momento cheirava a café expresso. O odor e a cor... Quando pensamos em perfume, sempre imaginamos o líquido num tom claro. Por que não inventam um perfume preto? Alguém usaria? E por que não? Coloridos... Roxo, vermelho... O cheiro lembraria a cor e vice-versa. Eu deveria patentear a idéia!

- ...vai ler e existe a possibilidade de...

Parole, Parole, Parole... Sabe aquela música antiga, cantada por Alain Delon e Dalida, a música inspirou o perfume? Ou foi o contrário? Deveriam fazer um comercial e usar a melodia como fundo, um casal discutindo, ao som de *Parole, Parole, Parole...* E no final um beijo apaixonado mostraria o efeito do perfume! Eu estava inspirada naquela noite! Seria o lugar? Ou o acompanhante? A voz meio metalizada de Fábio não se comparava com a de Alain Delon! Ri dos próprios pensamentos e constatei: Ninguém diz o que pensa. Ninguém pensa o que diz! Deveria ir para casa e anotar os pensamentos? A criatividade dele me contaminava! Teria cura? Ou seria meu destino namorar a Poesia? Não, para mim seria “o Poema”. Eu já não tinha o Poeta? Mas eu nunca iria... publicar.

- ...publicar.

Ele leu meu pensamento? Ou nossa conexão chegou a ponto de eu pensar e ele falar? Meu pensamento soou em sua voz! Eu estava ficando louca!

- O que você disse? Resolvi perguntar.

- Solano Braz... Não ouviu o que eu disse?

- Ouvi, claro! Mas, repita, por favor.

Ele encarou de modo positivo o meu pedido.

- Solano Braz tirou cópias de meus poemas e os entregou para um amigo editor, para estudar a possibilidade de publicá-los.

- Num livro?

- Sim. Afirmou, sorrindo. Ou rindo do meu questionamento.

- Seus poemas publicados num livro?

- Não é fantástico?

Fantástico? Depende.

- Vai me deixar ler os poemas?

- Será uma surpresa para você.

- Não, Fábio, chega de surpresas por hoje! Deixe-me ler os poemas, afinal, depois todos vão ler...

- E você também.

- Como uma leitora comum?
- Você não é uma leitora comum. É a minha leitora favorita!
- Então me deixa ler! Implorei.
- Depois.
- Depois quando?
- No livro. Se realmente for publicado. É outra sensação, você vai

ver!

- Eles falam de mim?
- É claro, Pipa! Falam de você, de mim, de nós...
- E você vai publicá-los...
- Sou um poeta, e quero ver meus poemas num livro.
- Mas, os outros vão ler...

Um sorriso enigmático brincou em seus lábios.

Resolvi dormir em casa. Aleguei dor de cabeça e ele me deixou na entrada do prédio. Embora não quisesse ficar sozinho. Queria comemorar. Comemorar? Eu não! Ansiava refletir sobre a possível publicação de seus poemas.

Carente de afeto, Fábio abraçou-me, inundando meu olfato de *Poète*, além do que eu conseguia suportar por uma noite. Empurrei-o. Ele insistiu.

Enlaçou-me e me obrigou a inspirar o seu cheiro. O beijo voraz prenunciava que seríamos somente nós dois na cama, naquela noite. Buscando força de onde eu julgava não ter, larguei-o na calçada, ainda fervendo com o calor do meu corpo. Naquela noite ele dormiria sozinho. E eu também.

A única diferença, suponho, é que eu não consegui dormir! Fábio, por certo, sonharia com a publicação de seu livro de poemas. Eu? Nem pesadelos tive! O sono não veio. Virei na cama de um lado para o outro sem sossegar o pensamento. Via o livro de poemas de Fábio. Segurava na mão. E, no momento em que criava coragem para abri-lo, uma multidão invadia o ambiente e o exemplar sumia das minhas mãos.

Levantei.

Fui até a cozinha preparar um chá.

- Não consegue dormir?

- Pensei que você estivesse dormindo! Chegou agora? Perguntei, reparando na roupa de minha amiga. A festa estava boa?

- Ótima! Sabe como é festa no escritório... Compraram bolo, champanhe, ficaram bêbados, trocaram beijos...

- Nossa! Eu ficaria feliz se trabalhasse naquela firma!

- Por que veio dormir em casa?

Respirei fundo.

- Débora, você não tem vontade de encontrar alguém?

- Como todo mundo. Confessou.

- É, eu sei. Acho que eu estou um pouco amarga hoje. Vou dormir.

Tomei a direção da sala.

- Aconteceu alguma coisa?

Voltei-me para ela.

- O Fábio acha que... vai publicar seus poemas.

- E isso não é bom? Inquiriu, hesitante.

- Para ele é!

- Para você não? Não quer que ele publique? Por quê?

- É claro que eu quero! Mas, queria primeiro ler os poemas que ele pretende publicar!

- E você não leu?

- Não! Ele enviou todos ao Poeta.

- E não deixa você ler?

- Não! Disse que vou ler quando sair o livro...

- O jeito é ter paciência.

- Não, Débora! Os poemas falam sobre mim!

- Como sabe?

- O Fábio disse. Já imaginou, pessoas que nem conheço vão ler os poemas! Eu queria ler primeiro. Não acha que estou certa?

- Acho que sim. Sabe-se lá o que ele escreveu!

Preocupei-me ainda mais.

- São poemas eróticos? Perguntou.

Desesperei-me.

- Os poemas dele que já li falavam da natureza, dos seres humanos, da vida... Ai, meu Deus! Que tipo de poema ele enviou ao Poeta?

- Já imaginou esse Poeta lendo os poemas?

- Por que acha que não consegui dormir?

- É algo a se pensar, minha amiga!

- Estou numa enrascada! O Fábio tem que me deixar ler esses poemas... Amanhã falarei com ele...

Ode ao Poeta

O jantar da noite anterior não se repetiu. Preparei uma *pizza* e levei ao apartamento dele. Não sem antes telefonar.

- Fábio? Que tal comermos uma pizza?

- Não quero sair esta noite, Pipa.

- Eu levo para jantarmos aí, está bem?

- Pode ser.

Estava marcado o encontro e eu levaria a janta, coberta de pedidos e *mozzarella* que lhe derreteriam o coração. Na dúvida, se somente minhas palavras não seduzissem sua audição nem a comida lhe fisesse o olfato e o paladar, apelaria à *lingerie* transparente para confundir os outros sentidos. Sabia do que ele gostava, embora admitisse, “a outra” o conhecia há mais tempo. A Poesia habitava seu coração há mais tempo do que eu. Se fosse realmente seu coração meu *habitat*. Se não havia lugar para nós duas no coração dele, então eu precisava encontrar refúgio em outra parte do seu corpo e a lingerie transparente compraria passagem de primeira classe. Armada com minhas ferramentas, eu parti rumo à casa dele.

Fábio abriu-me a porta, sério. O entusiasmo da noite anterior se desvanecera. Embora o olhar mantivesse uma chama que ameaçava incendiar-se a qualquer instante. Tive receio. Sabia que a idéia de publicar seus poemas era a culpada por aquele brilho ameaçador. Ameaçador para mim que ignorava o teor de seus poemas. Para ele, pura recompensa pelos momentos de criação.

Disfarçando minha principal tarefa daquela noite, mantive a atenção na tentativa de fatiar a *pizza* em pedaços iguais. Atenta ao que fazia, deixei que pensasse ser real minha distração e perguntei:

- De que falam os seus poemas?

- De tudo. E de nada.

Não desisti. Mantive o olhar no fio da *mozzarella* alongando-se e entrelaçando-se até os dois pratos que servi. Eu dissolveria aquele nó.

- Falam de amor?

- Também.

Olhei para ele, impaciente. Ameacei:

- Sabe que não deve brincar quando uma mulher tem uma faca na mão.

- Isso não é uma faca! É um cortador de *pizza*.

- Mesmo assim! Poderia fazer estrago! Eu acharia um bom lugar para usá-lo.

- Não faria isso!

- Não, é?

Ele puxou-me para seu colo, segurou com a mão a fatia de *pizza* de seu prato e a empurrou entre meus lábios. Enquanto eu mastigava, foi a sua vez de falar e, nada mais pude fazer além de ouvir.

- Precisa ver as cartas que ele me escreve! É como se nos conhecêssemos a vida toda. Ele compreende o que sinto... Precisa ver o que ele escreve. Ele...

- Me mostra.

- Outra hora. Solano quase não vem à cidade e também...

- Me mostra agora!

- Por quê?

- Curiosidade. Quero ver o que ele escreve para você!

- Estou lhe dizendo, ele é solitário. Escolheu um lugar afastado para viver. Acho que algum dia eu serei como ele.

Olhei fixo no rosto daquele homem que me mantinha em seu colo. Enquanto comia a *pizza*, deliciava-se com elogios ao amigo. Não me contive e o beijei na boca. Queria que engolisse aquelas palavras e que falasse apenas sobre mim. Desejava ouvir de seus lábios o que ele realmente sentia, o que escrevia. Roubei, com aquele beijo na sua língua os vocábulos de uma sentença degustada com *mozzarella*. Calei-o por alguns minutos, na esperança de que, quando voltasse a falar, proferisse palavras dirigidas à minha pessoa e, principalmente, sobre a minha pessoa. Poético, não? O beijo transmutou o poeta que havia nele, momentaneamente, para mim. Somos todos poetas.

Alguns expressam sua poesia em quadros, outros, em esculturas. Eu, num demorado beijo.

Deixamos o resto da *pizza* para mais tarde. Coloquei em ação o plano número dois. Ou seja: a *lingerie*.

E pela primeira vez eu o deixei sem palavras.

O apartamento naquela noite não cheirava a *Poète*. As cobertas, o lençol, as fronhas dos travesseiros atestavam sua assídua presença no ambiente. Dava-me impressão de que a entrada do sol fora impedida por muitos meses. A camisa que ele vestia e que eu acabara de despir, juntou-se a uma outra no chão, num canto do quarto. O mesmo aconteceu ao restante da sua roupa, atirada sobre o abajur, o tapete e a mesinha de cabeceira. O cabelo dele no meu rosto, cheirava a xampu. O Poeta Solano Braz seria como ele? Cabelos longos? Teria também aversão aos raios solares? A cor da pele de Fábio denunciava sua rara exposição ao sol. Naquele momento, meus lábios alcançaram onde os raios do sol jamais se aventurariam. Poeta da noite! Fábio ou Solano Braz? Por que eu não me concentrava no que fazia?

Todos os escritores têm algo em comum. Eu não era escritora! Vendia perfumes. Mas, também, não tinha muito em comum com as outras vendedoras. Usávamos uniformes para que os clientes nos identificassem. Os poetas deveriam usar uniformes! Então aí está a resposta! Eles não precisam,

pois se parecem fisicamente. Você olha para o Fábio e logo descobre: é poeta. Os artistas têm algo em comum e isso os faz diferentes. Nós, vendedoras de perfumes, não formávamos uma sociedade restrita, não tínhamos um pacto. Era isso! Isso que me incomodava na correspondência de Fábio com o Poeta, eles tinham um pacto. Impenetrável! Algo somente deles, que somente eles compreendiam. Mesmo que eu lesse as cartas do Poeta, não as entenderia!

Meu pensamento sobrevoava a cama, o corpo dele sobre o meu. Por que ele não dizia nada? Expressava-se com o silêncio, gestos e beijos.

- Diz...

- O quê? Sussurrou.

- O que sente por mim! Diz!

- Não...

- Diz! Implorei.

- Pipa...

- Fala, Fábio, fala, fala!

Não teve jeito! De algum modo o meu pedido excitou sua audição e ele encerrou nosso diálogo. Deitou-se ao meu lado. Pensei em levantar e ir embora, mas desisti. O contato com o corpo dele me dava prazer. Estávamos somente os dois na cama. Naquela noite, a Poesia não se deitou conosco. Porém, se o pensamento dele esteve ausente dos seus textos, o meu não!

Então, éramos três ali, Fábio, eu e o Poeta. Sem o saber, Solano Braz compartilhava daquele momento íntimo com seu amigo de correspondência. Pelo menos, em pensamento.

A palavra correspondência invadiu minha mente e meu olhar insinuou-se até a sala. Fábio respirava, tranqüilo. Dormia? Imaginei que sim. Escorreguei o corpo sob as cobertas. Sentei na beirada da cama. Olhei para ele. O peito seminu inflava-se, erguia e baixava o lençol num movimento suave. Achei-o atraente. Naquele instante tive a visão ofuscada, não pela pouca luz do ambiente, mas por um sentimento que somente as mulheres possuem. A fragilidade doentia de sua aparência despertava em mim vontade de cuidar dele.

Levantei. Juntei a camisa dele e vesti.

Passo a passo alcancei a sala. Girei a cabeça e olhei para ele na penumbra do quarto. Aproximei-me da escrivaninha. Não me agradava a situação. Uma coisa era fazê-lo dizer o que escreveu ao Poeta, outra seria revirar a sua correspondência. Alguns envelopes surgiram a minha frente. Tinham o endereço de Fábio como destinatário. Virei a outra face do envelope, remetente: Solano Braz, Praia das Gaivotas, s/nº. ... Li rapidamente. Abri.

Eu queria ler os poemas do Fábio! Onde estariam?

- Pipa?

Larguei tudo sobre a mesa.

Voltei ao quarto.

Despi a camisa e deitei de costas ao lado dele.

- Fábio, você não tem curiosidade de conhecer o seu amigo?

- Amigo?

- Solano Braz.

- Pessoalmente? Não. Declarou, arqueando os lábios.

- Não? Achei que gostaria de conversar com ele.

- Um dia talvez... Por hora, escrever basta.

- Eu queria ler um poema! Insisti.

- Qual?

- Um dos que vai publicar.

- Não tenho nenhum comigo.

- Como não tem?

- Eu mandei para o Solano.

- Sim, mas, deixe-me ler o original, então.

- Eu mandei o original.

- De todos? Você enviou o original de todos os poemas?

- Foi coisa de momento, fui escrevendo nas cartas e não fiz cópia. Afinal, que valor poderiam ter! Solano os guardou e resolveu mostrar para um amigo editor. Já disse que... Pipa?

Ele virou-se para mim, curioso pelo meu silêncio.

Não encontrei palavras para expressar o espanto.

- Não fique preocupada, Solano tirou cópia de cada poema e entregou ao editor. Os originais estão guardados com ele.

Permaneci muda. Foi a sua vez de falar e suas palavras foram dedicadas ao Poeta.

- A atenção que ele dá às minhas cartas é comovente. Refugiou-se numa casa abandonada e, creio, fechou-se para o mundo. Não sei como ainda tem paciência comigo... Com tudo que tem para fazer, se dispôs a tirar cópias de meus poemas e levar ao editor. Veja que amigo! Nunca deixa de responder minhas cartas. E sei que lê tudo que escrevo, pois responde a todas as minhas perguntas e dúvidas sobre o seu trabalho. Li um dos livros dele várias vezes. Chama-se *Ode à Sedução*. Um dia escreverei poemas assim. A sua intimidade com as palavras é de causar inveja a qualquer poeta. A facilidade que demonstra ter em se expressar... Talvez com a idade, a maturidade, meus poemas tomem o rumo dos dele. O fato de ele ter se interessado pelo meu trabalho é a minha recompensa.

Derrota! Sentimento amargo. Avassalador! Eu deveria me convencer da minha própria derrota? Engolir o amargo sabor da desilusão? Erguer-me e admitir que eu leria os poemas dele junto ao público que comprasse um exemplar de seu livro quando ele o editasse? Talvez fosse o melhor a fazer. A única saída! Confinar-me à insignificância de uma leitora comum da obra dele. E, também, esquecer que seus poemas falavam sobre mim. Entretanto, eu estava com ele ali na cama! Não era qualquer leitora abraçada ao seu corpo nu, era eu!

Resolvi, como última tentativa, perguntar, a voz trêmula.

- Mas, você não se lembra do que escreveu?

- Nas cartas?

- Não, Fábio! Nos poemas! Lembra de algum em especial?

Silêncio.

Resposta:

- Não.

- Como não lembra? Foi você que escreveu!

- Você não entende, Pipa, escrevi no calor da criação, num turbilhão de sentimentos... Você não compreende.

Não. Eu não compreendia. O Poeta certamente entendia, eu não!

Dois Poetas

O sonho que tive naquela noite plantou a semente de uma idéia que ainda não havia germinado em mim, não conscientemente. Os planos são assim esquematizados, sem que o executor saiba que também será vítima de uma conspiração futura por ele próprio engendrada. Mas, no meu sonho, eu preparava uma sopa. Existe algo mais inofensivo? Sopa de letrinhas. Numa atitude um pouco mais suspeita, as letras de massa, conforme a água fervia, dançavam na superfície do caldeirão. Diante de meus olhos, as letras formaram um nome: F Á B I O.

A letra F cedeu lugar à outra e formou-se: S Á B I O.

E então: L Á B I O.

As letras mergulharam na água da sopa e outras emergiram. Somente o A voltou à tona. Um P deformado transmutou-se num O. Fez-se entre rodela de cenouras, a palavra: P O E T A S. Havia diante desta palavra uma massa retorcida e ao reconhecê-la, constatei que a sopa não era somente de letrinhas, tinha números também. E a massinha que precedia a palavra recém-formada era o número 2. Reli: 2 P O E T A S! O ponto de exclamação fica

por minha conta. Ou quem sabe um fiapo de cebola verde. Estava o caldo quase pronto quando senti fome e, acordei. Mas, ainda no sonho, lembro do questionamento: o que fazer com dois poetas? Penso que a resposta surgiria na superfície do caldeirão se eu não tivesse acordado, mas a fome não me deixou descobrir. Quantos poetas haveria no mundo? Por que dois cruzavam o meu caminho? Dois não! Apenas um cruzou o meu caminho: Fábio. Era com esse que eu deveria me preocupar. E foi pensando nisso que estiquei meu braço para tocá-lo, ao meu lado, na cama. Tateei o lençol e o espaço vazio. Abri os olhos e constatei a sua ausência. Ouvi o silêncio do ambiente. Pensei sentir o cheiro da sopa, mas, comêramos *pizza* naquela noite!

Levantei. Frio. Vesti uma camisa dele.

Meu olhar dirigiu-se para o foco de luz na escrivaninha. Lá estava ele. O rosto mergulhado nos braços sobre a mesa. Dormia?

Toquei seu ombro. Aproximei os lábios de seu ouvido, sussurrei:

- Vem deitar!

Lentamente ele ergueu a cabeça.

- Estou escrevendo...

- Não, está dormindo!

- Estou escrevendo. Repetiu.

- Vem dormir na cama!

- Depois.

Deixei-o e fui aquecer no forno as fatias da *pizza*.

Da cozinha eu o observei. Escrevia? Que nada! Voltou a descansar a cabeça sobre os braços. Era assim que escrevia? Não me pareceu que sentisse prazer com a sua criação! Não sentado daquele jeito, desconfortável e cochilando sobre o papel. Como escreveria? Nem lápis tinha entre os dedos! O silêncio o ninava em seu local de trabalho. Por que não ia dormir? Algo o impedia! Era ela! Só podia ser ela! A Poesia o estava aprisionando ali. Acorrentara-o à escrivainha e ele não conseguia se afastar. Era isso! Maldita Poesia! Concluí comigo.

Seria assim com todos os artistas? Vivem atados às suas criações? Isso é liberdade? Ou o prazer compensava tudo? Olhando Fábio naquele instante, não percebi nada além de cansaço. Ou, talvez o sono o dominasse pela falta de inspiração. E, eu não poderia culpá-lo, afinal, eu não o inspirava mais. Então, a culpa por ele não estar ao meu lado na cama e sim, ali, dormindo sentado, era minha! Eu chamava para mim uma responsabilidade que não queria. Se não o inspirava mais, ele ficava como naquele momento, sem conseguir criar. Se eu o conseguisse inspirar, entregava-o à Poesia. Malditos Poetas!

- Estou farta disso tudo! Confessei para minha amiga, durante o almoço.

- Disso tudo o quê? Da comida? Perguntou, apontando com o garfo a lasanha no meu prato.

- Não! Dessa história de Poesia... Poeta...

- Por quê?

- O Fábio dormiu...

Débora achegou-se, curiosa.

Ponderei.

- Ele acorda durante a noite e passa horas na escrivaninha... Não escreve, mas também não volta para a cama...

- Isso é um problema. Proclamou, mesmo sem entender.

Não queria que ela soubesse sobre a falta de inspiração de meu namorado. Quando o dia amanheceu, ele ainda estava dormindo na sala, sobre os papéis em branco. Eu o acordei e preparei o café, antes de sair.

- Vai se atrasar. Falei.

- Não se preocupe, Pipa. Pode ir. Disse-me ele, distraído.

Beije-o e parti.

Se eu não o tivesse chamado, com certeza perderia a hora no Banco. O mundo real parecia, para ele, não ter a mesma importância do seu mundo imaginário, da criação de seus poemas.

- Já leu os poemas dele? Inquiriu-me Débora.

- Não! Acredita que ele enviou os originais para o Poeta?

- Então você não vai poder ler...

- Não.

- E quando ele os publicará?

- Não sabe ainda. O Poeta não lhe deu resposta se o editor aceita ou não. Respondi, amuada.

- Ele vai publicar somente os poemas ou toda a correspondência?

- Toda a correspondência? Inquiri.

- Você sabe, como o livro do Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, ou o do Llosa, *Cartas a um jovem escritor*. Já pensou nisso? Riu.

- Não... Murmurei, confusa.

- Posso até imaginar o texto: “Querido amigo...”

Percebendo, talvez, a minha inquietação, Débora ponderou.

- Esses livros são só pretexto para o escritor exhibir a sua opinião e o seu eruditismo. Não acredito que esse tipo de coisa se ensine. Só se for

encarado como conselho para quem já escreve e... Você não se conforma, não é?

- De não ler os poemas antes do livro impresso? Não! Mas, acho que não terei alternativa.

O movimento à tarde na loja foi fraco.

Éramos três funcionárias e, na sobreloja, a gerente Lurdes e uma secretária compunham o time feminino do local. Quando não havia muitos clientes, nos ocupávamos dos pedidos por telefone, das entregas das mercadorias e da reposição dos frascos nas prateleiras. E coube a mim recolocar embalagens no balcão de vidro. Eu sempre recebia a tarefa, diziam que meu gosto para decoração era melhor do que o delas.

Segurava um frasco de perfume quando uma cliente surgiu às minhas costas.

- Como adivinhou? Perguntou-me, estacando.

- Como disse, senhora? Virei-me de imediato.

Ela não respondeu, tomou o vidro de perfume da minha mão. Olhou com espanto ainda maior, como se isso fosse possível, e repetiu:

- Como adivinhou que eu procuro *Mouette*?

- Coincidência.

Ela ergueu a mão como se fosse me esbofetear. Acariciou minha face e falou, a voz suave:

- Minha querida, isso não existe! Imagine você, eu nem vinha ao centro da cidade hoje, então, um amigo muito especial me pediu para lhe comprar o perfume *Mouette*. Entro aqui e você o está segurando para mim!

Sorri.

Ela vestia-se de modo extravagante. Xale de seda roxo estampado, cabelos presos no alto da cabeça, num coque frouxo, onde alguns fios de cabelos negros lhe caíam até o queixo. Devia ter uns cinquenta, cinquenta e cinco anos, embora sua pele apresentasse riscas profundas a lhe marcarem o sorriso. Os olhos muito negros fixaram-se no meu rosto. Aproximou-se de mim e quase encostou o nariz no meu pescoço.

- É *Poète* que está usando, não é?

- É sim. É o meu favorito. É o seu também?

- Costumava ser. Murmurou como se falasse consigo. Mas, desisti de usá-lo. Não desista de usar *Poète*, querida! Aconselhou-me.

- Por que eu desistiria? Gosto do perfume!

- É claro, é claro! Bobagem minha...

Não parecíamos estar falando do mesmo assunto.

- Sabe, continuou ela, agora, uso *Plage*. Acho que combina comigo e... Bem, na verdade sempre estamos querendo agradar alguém.

- Também temos este. Falei, apontando para o frasco, na prateleira.

- É, mas não vou levar. Hoje trouxe a encomenda de *Mouette* e levarei apenas este. É difícil resistir a esses frascos maravilhosos! Esse pessoal é bem esperto, fisga a gente pelo olhar, depois, esses nomes tão significativos e, finalmente, o golpe certeiro, aromas fantásticos... Daria para comparar esses perfumes aos homens, não concorda?

Achei graça.

- Quer que mande entregar?

- Não, eu mesma levo.

- É para presente?

- Sabe o que quer dizer *Poète*? É claro que sabe! Não usaria um perfume sem saber o significado. Usaria?

- Não.

- E *Plage*? Sabe o que significa?

- Para dizer a verdade não. Falei, sincera.

- E *Mouette*?

- Também não.

- Você tem um provador?

- Tenho.

Borrifei o perfume numa tirinha de papel.

- Este qual é? Perguntou-me.

- *Plage*.

- É o que eu uso. Cheire! Insistiu.

Atendi ao seu pedido. Embora já conhecesse a fragrância.

- Sabe o que significa?

Quem ela pensava que eu era? Como iria traduzir uma palavra estrangeira pelo olfato? Quem seria capaz? Para não decepcioná-la, cheirei novamente. Ela não pareceu decepcionada, nem poderia estar. Adiantou-se:

- Significa Praia, em francês.

Eu jamais adivinharia. Pensei comigo.

- E do *Mouette*? Tem provador?

- Aqui está.

Este, ela adiantou-se para cheirar. Colou o nariz no papel de um modo que imaginei ter inspirado todo o odor para dentro de si. Fechou os olhos e só depois de expirar o ar dos pulmões, abriu-os novamente.

- Cheire você agora.

Obedeci.

- É realmente maravilhoso! Declarei.

- Sabe o que significa *Mouette*?

Neguei.

- Gaivota.

- Gaivota? Que bonito! É tão unissex quanto *Poète*.

- Essa diferença radical entre perfume masculino e feminino não funciona para quem tem bom olfato. Há perfumes ditos femininos tão adocicados e intoleráveis... Não imagino quem seria capaz de usar! E por que o perfume masculino precisa ser repugnante, como aqueles de cheiro agreste? Nem todas as mulheres gostam de fazendeiros!

Rimos.

- É para presente?

- Não, pode colocar numa sacola.

Ela pagou no caixa e voltou para retirar o pacote.

Seu olhar percorreu meu uniforme até ao crachá.

- Muito obrigada pela atenção... Anita. O meu nome é Bel, digo, o meu nome é Isabel, mas todos me conhecem por Bel. E você, também tem apelido, Anita?

- Pipa. Mas só o meu namorado me chama assim.

- Pipa? Solta no ar como uma Gaivota!

Nem tanto, pensei comigo. Tem sempre alguém segurando a linha na outra extremidade.

- Gaivota combina com Praia. Brinquei. Ela, pela primeira vez, guardou o sorriso que trouxera no rosto.

- Combina com *Poète* também. Retrucou.

Não compreendi e imaginei que o mesmo teria acontecido com a alusão que eu fizera.

- Volte sempre, Bel. Falei, enfim.

Ela acenou-me da porta.

- Que figura, não? Comentou, uma de minhas colegas da loja.

- Conhece tudo de perfume. E de francês também. Acrescentei.

- Um cursinho de francês não nos faria mal. Noventa por cento dos perfumes que vendemos são franceses!

- Olha! Peguei o frasco na mão. *Plage* é Praia. Falei, imitando os trejeitos da cliente que acabara de sair. Larguei o vidro, segurei outro. *Mouette* significa Gaivota. Completei.

- Não vou esquecer.

- Nem eu.

Encontrei Fábio na saída da loja. Creio que ele não entraria se não esbarrasse comigo na calçada. Coincidência? Segundo a minha cliente daquela tarde, isso não existia.

Passamos numa lanchonete e, para minha surpresa, ele me convidou a entrar.

- Aqui?

- Por que não? Fazem um lanche gostoso!

Concordei.

As mesas ao ar livre se encontravam desocupadas. No interior do bar, alguns casais jantavam. Fábio preferiu ficar no lado de fora.

- Está com frio?

- Não. Respondi, sentando-me ao lado dele.

Pedimos nossa janta ao garçom e, quando este se afastou, Fábio segurou meu rosto com ambas as mãos, beijou-me.

- Adivinha!

- O quê? Perguntei curiosa.

- O editor aceitou publicar os meus poemas!

Não demonstrei reação alguma. Ele repetiu:

- O editor aceitou publicar os meus poemas!

- Aceitou?

Ele balançou a cabeça, num gesto afirmativo.

- Quando... Quando...

- Quando eu soube? Hoje ao meio dia, chegou uma correspondência do Solano dizendo que...

- Não! Quando vai publicar?

- Ah, não sei... Isso ainda temos que combinar... Mas, o importante é que ele aceitou, você não acha?

- Acho. Falei, sem muito entusiasmo.

- O que aconteceu, Pipa? Não parece muito contente!

- Estou feliz por você!

- Então o que é?

- Só estou cansada.

Não queria parecer egoísta, nem estraga-prazeres. Porém, não engolia a idéia de ler os poemas dele quando os publicasse em livro...

O garçom trouxe nosso lanche. Comemos em silêncio.

O vento soprou forte. Cruzei os braços no peito.

- Acha que... é para quando?

- O lançamento? Não faço idéia.

- Como conseguiu escrever direto nas cartas? Nunca costuma deixá-los na gaveta por um tempo e depois corrigir?

- Já me viu escrever. Sabe que às vezes é assim que trabalho. Mas, quis fazer diferente! Sei lá, surgiu a idéia e escrevi, criei coragem e os enviei. Tenho vários poemas descansando na gaveta.

- Mas esses não falam sobre mim, sobre o que sente por mim...

Ele remexeu-se na cadeira.

Estava explicado porque nos encontrávamos sentados ali naquela noite e não trancados no apartamento dele: a carta de Solano Braz. Só mesmo o Poeta para deixá-lo mais sociável! Eu dependia da sua correspondência com o Poeta para melhorar o humor dele. Precisava dizer ao Poeta para lhe escrever mais, beneficiando assim o nosso namoro. Eu deveria esquecer por um momento a fatalidade de ler seus poemas somente no livro e aproveitar a noite com ele, ali, ao ar livre. Respirei fundo.

- Como foi o seu dia no Banco?

- Igual aos outros. Respondeu, sem entusiasmo.

Segurei na mão dele.

- Quer dormir lá em casa?

- Sua amiga não está?

- Débora? Está sim. Por quê?

- Ela não se incomoda?

Dei de ombros.

- Você nunca vai lá... Por quê? Só nos encontramos na rua ou no seu apartamento!

- Moro sozinho. É melhor, não é? Está com frio?

- Estou.

Menti para ganhar um abraço. Recostei a cabeça no ombro dele. Seu cabelo mesclou-se ao meu.

- Fábio? Comecei sem me mover. Como é o Poeta?

- Como assim?

- Você disse que ele mora na praia, não é?

Eu havia lido no envelope o endereço e queria confirmar.

- Mora. Não conheço o local, mas, pelo que ele escreve nas cartas é bem afastado e solitário.

- O que ele faz? Além de escrever.

- É professor. Acho que... aposentado.

- É mesmo? Quantos anos ele têm?

- Não sei... Nunca falamos sobre isso!

- É claro que não. Concordei.

Sobre o que falavam em suas cartas então? Poesia, poesia e poesia?

- Ele mora sozinho? Insisti.

- Creio que sim. Imagino que passe semanas ou meses sem falar com uma pessoa sequer. Quando me escreve, sinto que desabafa a necessidade de comunicação. Não deve ser fácil ficar assim afastado do mundo!

- Ele é doente?

- Nunca se referiu a doença alguma.

- Então, por que se afastou do mundo?

- Para escrever.

- Mas você escreve e convive com muitas pessoas, no trabalho...

- Porque não tenho escolha!

- Se tivesse, se afastaria, como o Poeta?

Ele não soube responder, ou não quis.

- Não sei se eu conseguiria ficar muito tempo afastada do mundo!

Refleti. Talvez uma semana, no máximo. Falei, rindo.

- Você iria me visitar?

- Visitar você?

- Quando eu me aposentar e me afastar do mundo. Vai me visitar?

- E o que vai me oferecer? Poemas? Sugerir.

- Posso pensar em alguma outra coisa!

Segurou meu queixo e me beijou nos lábios. Porém, meu pensamento fixou-se no que eu mesma dissera: Visitá-lo... Poemas... Visitá-lo e ler os poemas... Visitar o Poeta e ler os poemas de Fábio!

Admirada com a idéia que se alastrava em minha mente, convidei.

- Vamos embora?

Queria ficar sozinha e analisar as possibilidades, a princípio irreais, da missão que eu mesma poderia designar para mim.

- Me deixa em casa? Sugeri.

- Não quer dormir comigo? Perguntou-me antes de levantarmos.

Beijou-me novamente e tive dificuldade em recusar o convite.

Afastei o rosto e disse:

- Prefiro dormir em casa.

Deixamos o local. A noite fria afugentava as pessoas das ruas. Ninguém passeava pelas calçadas, a pressa as guiava, como se um compromisso importante as aguardasse. Atitude que também nos contagiou. Mais alto do que eu, Fábio mantinha o braço sobre meu ombro e teria diminuído o passo se eu não mantivesse o ritmo até chegarmos diante do prédio onde eu morava.

- Já vai entrar? Me dá um beijo!

Puxou-me pela cintura. Colou o corpo ao meu.

Beijou-me.

Então, olhei fixo nos seus olhos.

- Diz, Fábio! Sussurrei. O que sente por mim?

Sua expressão enigmática traduzia-se em dúvidas, timidez, insegurança, incertezas, sentimentos reprimidos... Como adivinhar?

- Fala, Fábio! Implorei.

Apenas uma palavra me pouparia a noite em claro maquinando um plano que me parecia coisa de gente louca! Uma só palavra...

- Pipa...

Afastou-se. Passou a mão pelos cabelos. Olhou para o chão. Depois para o alto, como se fosse possível ler no concreto ou nas estrelas sentimentos que habitavam seu coração. Ergueu os braços no ar. Nada! Nem uma palavra. Dos lábios lacrados pelo silêncio nem uma vogal escapou.

Puxou-me e me apertou contra seu corpo.

Aguardei que me soltasse.

Balancei a cabeça, inconformada. Deixei-o e entrei no prédio sem olhar para trás.

O que eu seria capaz de fazer por ele! O que eu seria capaz de fazer por ele? Por que ele sentia tanta dificuldade em expressar seus sentimentos por mim? Por que usava a palavra escrita como ferramenta para colocar no papel

intimidades e, de seus lábios o nada se fazia ouvir entre reticências e exclamações? O que eu precisaria fazer para ler o que ele escreveu ao Poeta? Seria mesmo capaz de... Se eu tivesse outra opção! Se Fábio me dissesse uma palavra sequer...

- Ainda está acordada? Perguntou-me Débora, na porta do meu quarto.

- Cheguei quase agora.

- É, eu ouvi. Não foi dormir na casa do Fábio?

- Não... Também perdeu o sono?

- Estava lendo e não vi a hora passar. Vou preparar um chá, você quer?

- Quero.

- Eu trago para você.

Sorri. Fiquei olhando para a porta após ela se afastar. Ouvi barulho na cozinha. O pensamento teimava em rever a idéia de visitar o Poeta. Visitar o Poeta? Eu nem o conhecia! Sabia o endereço... E ele me deixaria ler os poemas de Fábio? E por que não? Fábio só não me mostrava porque não guardou uma cópia consigo. Se ele dissesse o que sente por mim... pouparia tanto sacrifício!

Débora entrou no quarto com o chá, tomei um gole e falei:

- Vou tirar férias!

- Férias?

- Preciso descansar um pouco. Acho que... vou tirar uns dias para passear. Alguns dias serão suficientes, eu espero. Planejarei um passeio.

- Onde?

Fiz mistério. Não quis revelar de imediato. Tentei parecer indiferente e convencê-la de que a idéia me surgiu naquele momento.

- Na praia.

- Na praia? Você nunca gostou de praia!

- Mas vou descansar...

- O Fábio vai com você?

- Não. Eu... acho que ele não deve saber dessas minhas férias...

- Por quê? Vai com outro?

- Claro que não!

- Então por que ele não pode saber?

- Quero dar um tempo. Ver se realmente gosto dele, e se ele também gosta de mim. Sabe como é, às vezes, a gente tem que se afastar para pensar friamente, ver se sente saudade...

Meus argumentos a convenceram. Porém, perguntou-me.

- Mas, o que vai dizer a ele?

Fiquei pensativa. Então decidi:

- Não direi nada. Ele nunca vem aqui, mesmo! Na loja, pedirei às outras funcionárias para também não dizerem nada. Se ele perguntar por mim, podem dizer que estou trabalhando com a gerente, ou coisa assim. Logo estarei de volta. Uns dias sem me ver lhe fará bem. Concluí.

Um Poeta

Eu sabia o endereço de cor. A imagem do envelope e a letra do Poeta fixaram-se na minha lembrança. Não seria difícil encontrá-lo. Afirmei para mim mesma. Coloquei uma mala com algumas roupas no carro. Tinha uma longa estrada pela frente.

Na loja, cheguei cedo. Não quis chamar a atenção das outras balconistas por não usar o uniforme. Subi à sobreloja. Imaginei ter algum privilégio por ser a funcionária mais antiga.

- Férias, Anita? Quando?

- Hoje! Sei que deveria ter avisado com antecedência, mas, Lurdes, é um caso urgente!

- Problema de saúde?

- Bem, não. Mas, eu preciso realmente desse afastamento. O movimento anda tranquilo e as moças dão conta.

- Você as treinou bem! Acho justo que tire uns dias de férias. Concordou.

- Obrigada! Creio que uma semana deve bastar. Só mais uma coisa... Se alguém perguntar por mim, não diga que tirei férias, está bem? Diga que... estou fazendo um trabalho com você, uma pesquisa de mercado ou coisa assim. Avisarei para as moças na loja também.

Ela concordou, porém, desconfiada e curiosa.

Longa estrada de asfalto! Olhei o relógio. Felizmente trouxera um mapa rodoviário! Não tinha o hábito de viajar de carro e precisei parar no acostamento para me certificar de que tomara a direção correta depois de quarenta minutos sem chegar a parte alguma. Só via asfalto na minha frente e não queria permitir que o arrependimento me obrigasse a dar meia-volta no automóvel e tomar o rumo de casa. Abasteci o carro num posto onde vários caminhões enfileiravam-se para fazer o mesmo e alimentar os motoristas na lanchonete anexa. Não senti fome. Mesmo assim, comi uma maçã enquanto aguardava o atendimento do frentista.

Em seguida, retomei meu caminho. A paisagem tingiu-se de verde. O cheiro do mato fez ressurgir lembranças da infância no interior, dos fins de semana na casa de meus avós. Escalar árvores era a minha especialidade! Ninguém me venciam! O contato com a natureza sempre me fez bem. Praia eu nunca freqüentei. Gostava do cheiro do mato! Do mar? Bem, eu iria descobrir.

Alcancei uma estrada paralela à rodovia principal, que parecia não ter fim! Cansada de dirigir, parei no acostamento. Desci do carro para esticar as pernas. O litoral logo se mostraria diante dos meus olhos. Um ruído ensolarado anunciava que atrás daquele cenário de longas e flexíveis hastes, nos terrenos que ladeavam a estrada, escondia-se a praia onde morava o Poeta. Voltei ao carro.

Seguindo o mapa, cheguei a uma pequena praça, cercada de bancos de pedra. Estacionei, olhei ao redor. Casas simples e afastadas umas das outras, se estendiam até uma murada onde alguns homens consertavam redes de pesca. Crianças brincavam nas ruas ao lado de cachorros mansos e preguiçosos. Somente eu me agitava em busca de um lugar à sombra para deixar o carro. Até o vento soprava com lentidão. Erguia, em câmara lenta, cortinas brancas, quase transparentes. Levei alguns minutos tentando acertar meus movimentos ao deles. Depois, admiti, alguns dias de descanso me fariam

bem. Sem esquecer a minha principal missão, a busca pelo texto do Fábio, tentaria tirar proveito das súbitas férias.

Mais adiante, perto da calçada que delineava a areia da praia, uma construção de dois andares ostentava uma placa onde li: Restaurante e Pousada das Gaivotas. Antes de seguir para lá, meu olhar procurou uma segunda opção. Não encontrou.

Caminhar foi agradável e doloroso. Ergui os braços. Tentei não chamar a atenção dos que passavam. Ninguém parou para olhar.

Antes de entrar no restaurante, virei-me para o mar. A praia se estendia nas duas direções. Respirei fundo em busca de coragem e um cheiro salgado impregnou-se em mim. Dava-me a impressão de que meus sentidos sincronizavam com o local. Tive quase certeza de que meu sangue pulsava na mesma velocidade com que as ondas corriam sobre a areia. Por incrível que pareça, não me senti estranha ao lugar. A natureza acolheu-me, como me acolhiam o verde e as árvores na chácara de meus avós. Ficaria ali olhando, ouvindo, e até tocaria a areia úmida, se o cheiro do meio-dia não alertasse meu renegado paladar.

Entrei no Restaurante.

Algumas famílias ocupavam as mesas perto das janelas.

Dirigi-me ao balcão.

- Bom dia.

O homem ergueu o rosto do jornal aberto a sua frente. Encarou-me. Curiosos olhos negros debruçaram-se sobre mim. Lá fora eu me mesclava à natureza, ali não. Era visitante.

- Eu queria um quarto. Quanto é a diária?

Não recebi resposta.

- A Pousada das Gaivotas é aqui, não? Insisti.

- É sim...

Felizmente ele despertou e, mais atento, fez meu registro num grande caderno de capa preta. Esperava partir em dois ou três dias. Mas, tinha reserva financeira para um pouco mais.

Depois de levar minha mala até o quarto, descí para o almoço.

A comida satisfez meu paladar. Ou a fome já o havia eliminado? Peixe frito. Quem vai ao mar, nutre-se dele. Se aquele era o Restaurante das Gaivotas, os clientes deveriam se alimentar como elas. Mas, dormiríamos também como as aves? Eu esperava que não. Uma boa noite de sono depois de enfrentar aquela estrada, era tudo que eu precisava. Antes disso, encontraria o refúgio de Solano Braz. Se a tarde fosse proveitosa, cedo voltaria para casa e Fábio não notaria meu súbito afastamento.

Conhecer e reconhecer as palavras por ele escolhidas na criação de seus poemas me daria segurança e quando seu livro fosse lançado, não temeria a leitura. Do que falava o texto de Fábio?

Não protelei meu passeio pela praia. O que na verdade não era um passeio e sim a busca pela residência do Poeta. Estamos sempre em busca de algo.

O sol escondia-se entre nuvens e não me acompanhou por todo o caminho. Não previ a chuva que cairia. E a missão precisou ser abortada, ou adiada. Voltei ao restaurante com a roupa colada ao corpo. O endereço do Poeta, a princípio tão simples e obvio de ser encontrado, ocultou-se num número não existente. Quando eu lera no envelope Praia das Gaivotas, s/nº, imaginei que sua moradia fosse a única do lugar. Enganara-me! Quatro ou cinco casas beiravam a faixa de areia e em nenhuma delas encontrei número identificando-as. Como a chuva me obrigou a voltar, deixaria a tarefa para a manhã seguinte.

Atravessei o restaurante em silêncio, tentando fugir do olhar do homem atrás do balcão. Vítima da chuva, impossível!

- A chuva pegou você! Observou.

Como se não fosse óbvio!

Virei-me para ele e sorri. Sentia frio e não parei para incentivar a conversa.

- Servimos a janta a partir das sete. Teremos um prato especial hoje.

Ah é? Pensei comigo. Peixe?

O quarto não era grande, e a decoração não deixava esquecer a localização da pousada. Conchas enfeitavam as paredes, pintadas de azul. A janela dava para a praça e a praia, mais adiante. A cortina lembrava uma rede de pesca, mas era de crochê. Um banheiro anexo me proporcionaria um pouco de conforto, mas, nem o banho quente incentivou-me a descer para jantar. Abri um pacote de biscoito que trouxera na mala e aquela foi minha refeição noturna.

Telefonei para Débora e avisei que estava tudo bem comigo. Não lhe dei referências exatas do lugar, somente o número do telefone da Pousada. Não sem antes fazê-la jurar vinte vezes que não passaria a informação para quem quer que fosse, muito menos para o Fábio.

- Já prometi que não contarei a ele. Nem se ele enfiar farpas de bambu embaixo das minhas unhas!

- Tenho certeza de que ele não fará isso! Mas se fizer, não conte!

Amanhã eu ligo novamente, está bem? Boa noite, Débora.

Deitei. Mas não dormi. O ruído que vinha do andar de baixo me manteve acordada até perto da meia-noite. Vozes, louça sendo lavada, gente descendo e subindo a escada de madeira... E pensar que o Poeta poderia estar perto dali! E com ele, os poemas do Fábio. E o que Fábio estaria fazendo àquela hora? A Poesia fazia-lhe companhia? Na escrivaninha ou também na cama? Eu não estava lá para rivalizar com sua presença. Entreguei-o de presente para ela! E o Poeta, o que estaria fazendo naquele momento? Também escrevia, abandonado em seu refúgio? Eu? Tentava dormir.

Um silêncio luminoso anunciou o dia. Pouco dormi. O barulho das ondas do mar lembrava-me constantemente da minha tarefa. Nem fechando os olhos a sensação direcionava-se aos meus ouvidos; não, ia direto para a minha mente. Se eu posicionasse ambas as mãos para tapar o som, o cheiro salgado insinuava-se. Não havia como escapar!

Vencida e convencida do trabalho a ser executado, desci para o café da manhã.

O homem atrás do balcão recebeu-me com um sorriso simpático. O período da manhã tem esse efeito em algumas pessoas.

Pela primeira vez, desde que tivera a idéia de procurar o Poeta, me senti culpada. Não por estar ali, mas, por estar ali sozinha! Fábio teria aceitado

a idéia de visitar Solano Braz? Não se eu lhe informasse a minha verdadeira intenção: ler os poemas que ele tencionava publicar! O que mais eu poderia fazer se ele não confessava o que sentia por mim?

Convencida de que eu não tivera outra opção, terminei o suco de laranja e deixei o local.

Na praia, tirei os sapatos, caminhei descalça na areia. O céu azul assegurou-me que não me pregaria a mesma peça do dia anterior. Nenhuma nuvem tempestuosa insinuava-se no horizonte. Era só mar e céu! Azul crespo, azul liso. Fábio teria escrito muitos poemas ali. Inspiração não faltaria. Observei que as quatro ou cinco casas que avistei na tarde do dia anterior não passavam de galpões para barcos. Mantive os passos firmes por mais alguns metros. Surgiu então uma casa baixa, cercada de árvores que quase a ocultavam entre seus galhos. Corri o olhar pelas paredes e não avistei número algum. Seria o endereço do Poeta?

Parei para observar.

As gaivotas faziam vôos rasantes no mar. Algumas após erguerem-se, levavam peixes nos bicos. Observei-as por alguns instantes e voltei a atenção para minha recente descoberta: a casa do Poeta! Seria mesmo ali sua morada? Ele estaria lá dentro? Talvez fosse um homem velho e doente. O que

aquelas paredes ocultavam? Como não havia separação entre o terreno gramado e a areia, achei-me à extremidade. Parecia abandonada!

As janelas cerradas não possibilitavam visão alguma do seu interior. A grama no jardim na frente e na lateral do terreno fora recentemente aparada. Pensei em bater à porta, mas desisti e me afastei.

Andei mais alguns metros, nenhuma casa ou mesmo galpão para barcos surgiu entre a vegetação à beira da praia. Decidi fazer o caminho de volta. Ao passar novamente pela suposta casa do Poeta, parei.

Se avistasse uma janela aberta, juro que entraria! Suponho que os poemas de Fábio passaram a ter maior valor para mim. Seu trabalho seria publicado. Isso bastava para ele. Para mim não! Eu desejava ler, conhecer o assunto, as palavras que utilizara quando se referia a mim, quando se referia a nós! Somente Fábio, o Poeta e o editor detinham a informação preciosa. Aqueles textos passaram a ter grande importância para mim e a possibilidade de os ler mantinha meu pensamento atado à missão na qual me embrenhara. A busca pelo texto de Fábio...

Depois do almoço deitei para descansar e recuperar o sono da noite. Devo ter dormido, pois sonhei. No sonho, entrei naquela casa na praia. Pulei uma janela. Fui recepcionada por aranhas que enredavam suas teias nos meus cabelos. O cheiro de mofo lembrou-me o apartamento de Fábio. Escuridão,

poeira, destroços por todo lado. Enfim, encontrei os poemas. Apanhei-os e avidamente folhee, molhando a ponta do dedo na língua. Conforme virava as páginas, sentia um estranho sabor na boca. Então, constatei que cada poema tinha um gosto diferente!

Voltei à praia no final da tarde e encontrei o lugar tão deserto quanto naquela manhã. As gaivotas me acompanharam habituando-se a minha presença ali. Logo o frio me levou de volta à Pousada.

Tomei banho e desci para jantar. Achei um pouco tarde, mas, não iria para a cama cedo mesmo! A comida era boa. Tomei café e permaneci no restaurante folheando uma revista turística que encontrei.

Lá fora, a praça adormecida acolhia o vento e a ausência dos moradores. Todos na cama! Imaginei. Somente um grupo barulhento de pescadores permanecia no local. Falavam excessivamente alto e brindavam sua tarefa do dia, creio. Tentei não prestar atenção ao falatório. O dono da Pousada se juntou a eles, mas não sentou, permaneceu junto das mesas, caso mais alguém entrasse no bar. Àquela hora? Quem deixaria o calor das suas casas? Só aquele bando tagarela, mesmo!

Folhee a revista até a última página. Depois a revi, de trás para frente. De que adiantava subir para o quarto? Com aquele barulho, como conseguiria dormir?

Então, resolveram, finalmente, encerrar a conversa daquela noite. Colocaram-se de pé. Eram em torno de oito, dez homens. Alguns mais velhos, outros nem tanto. Nem reparei. O dono da Pousada acompanhou-os até a porta. Hora de fechar. Despediram-se.

- Bem cedo amanhã, não é, Itu?

- E eu durmo com as galinhas?

- Mas acorda com elas...

- Está bem, está bem! Não comece! Não comece! Todos já esqueceram essa história...

A gozação foi geral.

Não entendi o motivo da arruaça. Levantei para me retirar.

- Pois nem lembro mais daquela noite...

- Nós lembramos e...

- Não! Não! Não diga mais nada, é tarde, é tarde, Solano...

Virei-me de imediato.

O dono da Pousada fechou a porta.

Corri até ele. Pelo vidro vi o grupo se afastar.

- Vai sair? Perguntou-me.

- Não. Era... Era Solano Braz?

- Sim. Você o conhece?

- Não... Só de nome. Ele estava com os outros pescadores? São pescadores, não são?

- São. Quase todos que moram aqui são pescadores.

- Solano também é pescador?

Ele achou graça da minha pergunta.

- Não.

- Ele mora aqui perto?

- Mora. Mais adiante, na praia. Vem sempre aqui. Toda noite. Não quer mais um café?

Solano Braz freqüentava aquele lugar! Vivia com os pescadores! Bebia com eles! Eu estivera atrás dele e ele viera a mim... O Poeta viera a mim!

- Quer outra xícara de café?

Olhei no rosto do homem a minha frente.

- O que disse?

- Perguntei se quer outra xícara de café.

- Não. Do contrário não durmo.

Sorri.

E aquela descoberta me deixaria dormir? Afastaria o sono para bem longe. Solano Braz, ali! Por que não prestei atenção àquele grupo barulhento? Qual deles seria o Poeta? Qual deles?

Não telefonei para Débora. Não quis acordá-la.

Dormi quando o sol insinuava-se sobre a copa das árvores, na praça. O sono enlaçou-me e me deixei dominar. Talvez dormindo me ocorresse alguma idéia de como me aproximar de Solano Braz.

Uma coisa era estar ali. Outra era me aproximar dele. O que eu diria? Como chegaria até ele? A teoria seria colocada em prática e, confesso, titubeei. Quem não hesitaria ante aquela missão? Respirei fundo e puxei na lembrança a imagem de Fábio... Seus beijos, seu rosto, seu cheiro: *Poète*.

Prazer em conhecer

Desci para o almoço odiando as horas que perdi dormindo! Deveria estar na praia! E o que era pior: nada me ocorrera para dizer ao Poeta. Ou seja, uma justificativa para me aproximar dele. Poderia dizer que era estudante de

jornalismo e desejava fazer algumas perguntas sobre o seu livro. Mas eu não o havia lido! Que estupidez a minha! Por que não o comprara antes de vir para aquele lugar? Opção descartada. E se eu dissesse que... era escritora? Mas, se ele pedisse para eu lhe mostrar meus poemas... Deveria ter trazido algum poema do Fábio! Não possuía nenhum, mas, poderia ter tomado algum emprestado sem que ele notasse. O Poeta reconheceria o estilo? Seria possível? Melhor pensar em outra coisa... Bem, com o Poeta eu poderia reinventar a mim mesma! Poderia ser qualquer pessoa! Quem eu gostaria de ser? Nada me ocorreu! Como encontraria a melhor opção? Deveria investigá-lo antes de me aproximar. Descartei a idéia. Quem me daria as informações de que precisava?

Dirigi-me ao balcão. Não vi o dono da Pousada. Em seu lugar, uma mulher de cabelos negros, observava a praia através das vidraças.

Ao perceber minha presença, virou-se. Por um momento, vi em seus olhos a expressão distante que trouxera da paisagem exterior, depois, foi como se chamasse os aquecessem quando os fixou no meu rosto.

- Olha! Eu quase não a reconheci sem o uniforme!

Sua memória era melhor do que a minha. Pelo menos mais rápida.

- Não lembra de mim? Insistiu.

Paciente, ela aguardou que eu buscasse em minha memória o registro de sua fisionomia. Como não encontrei referência alguma, atentei para sua voz e a palavra “uniforme”. Nada! Vazio! Sem registro! Foi então que, a fragrância que ela usava, alcançou minha memória olfativa e, lembrei.

- Da loja. *Plage*, estou certa?

- O que faz por aqui, Anita?

Ela lembrava o meu nome! E o dela qual seria? Tentei recuperar a cena, tão recente e reacesa pelo cheiro do perfume...

- Vim descansar! Resolvi dizer, desistindo de vasculhar o que talvez não tivesse sido devidamente registrado pela minha memória. Tinha coisas mais importantes para pensar naquele momento.

- Está gostando daqui?

- É o paraíso.

- Vai gostar da comida!

Peixe? Pensei comigo.

- Sou eu que preparo! Anunciou, orgulhosa.

Ela não cheirava a peixe! Cheirava à praia, *Plage*, para ser mais exata. Dava quase no mesmo, só que em francês.

Fui sentar-me e almocei sem que ela se aproximasse da mesa. Entretanto, seu olhar acompanhou cada garfada, cada porção de comida que

eu colocava na boca. Queria descobrir se o sabor do que preparou me agradava? Teria o poder de ler na minha expressão meu prazer em degustar sua comida? Tentei dissimular. Mas, estava mesmo deliciosa.

Quando terminei, sorri. Sua expressão não se modificou. Já havia lido em minha fisionomia o prazer pelo alimento consumido. Foi então que reparei nas toalhas de renda em exposição na lateral do balcão. Perguntei.

- São para vender?

- Sim. Fui eu que fiz.

- Nossa! São lindas! É renda de bilro, não é?

- É. Aprendi com minha mãe. Apontou para a almofada num canto, exibindo o emaranhado de fios pendendo dos bilros de um desenho por finalizar.

- Como consegue? Sempre achei difícil o trabalho das rendeiras, com tantos alfinetes...

- Meu irmão diz que eu sou uma bruxa moderna! Já disse para ele que não concordo. Não sou moderna!

Achei graça.

Ela não. Fitou o trabalho inacabado como se fosse capaz de concluir o bordado apenas com a força do olhar.

- Você já conheceu o Ituriel, não?

- Quem?

- Ituriel, meu irmão, dono da Pousada. Na verdade somos sócios.

Completo.

- Imaginei que fosse seu marido.

Pensei em perguntar a ela sobre o Poeta, mas desisti.

- Pretende ficar muito tempo?

- Alguns dias.

- Tirou férias?

- É bom descansar às vezes...

Pronto! Não poderia me desprender em excesso da realidade ao me apresentar a Solano Braz! A dona da Pousada me conhecia. Com toda certeza meu disfarce não teria durado. Felizmente ela me reconheceu antes de eu me aproximar do Poeta. Poupe-me o vexame de ser desmascarada! Refletiria novamente sobre o que dizer quando conhecesse Solano Braz.

- Acho que vou caminhar na praia.

- Aproveite seu passeio, Anita.

O fato de ela lembrar meu nome e eu não lembrar o dela me incomodava. Precisava criar coragem e confessar-lhe, mas não naquele momento... Mais tarde, em outra oportunidade. Pensei comigo, ao me afastar.

O vento marcava presença também naquela tarde ensolarada. O frio afastava os turistas e só permaneciam os moradores do local. Pescadores, rendeiras, bruxas modernas... Ri dos próprios pensamentos e mantive os passos firmes na areia.

Mais adiante avistei algumas pessoas perto de um barco. Estavam alguns metros além da casa, que eu suspeitava ser do Poeta. Parei. Sentado numa pedra, um homem desgarrado do bando logo à frente, observava-os de longe.

Aproximei-me cautelosa.

- Senhor, sabe quem mora naquela casa? Perguntei, indicando a residência às nossas costas.

Sem nada dizer, ele apontou na direção dos homens.

Estava na hora de criar coragem e iniciar a minha missão. Refiz a pergunta.

- Esta é a casa de Solano Braz?

Ele repetiu o gesto, indicando o grupo mais adiante. E enfim, falou:

- Ele está ali, ó!

No sol? Na praia? Onde?

- Qual deles?

- Aquele, dona, pescando siri!

Pescando o quê? Pescando siri? Ninguém ali estava pescando! Muito menos siri! Olhei para a areia da praia, atenta. Não, não havia siri...

- Qual deles é Solano Braz, senhor? Questionei.

O homem olhou-me curioso. Talvez não pela minha pergunta, mas pela falta de compreensão. Ficou de pé e, paciente, explicou-me.

- Aquele com a calça dobrada, dona.

Observei-os novamente. O homem que ele me indicava, vestia calça jeans dobrada até a altura dos joelhos. Usava tênis, camiseta branca e óculos escuros. Os cabelos curtos num louro acinzentado possuíam o mesmo tom do bigode e do cavanhaque. A pele bronzeada. Aquele era o Poeta? Olhei novamente para o meu informante. Este confirmou com um gesto de cabeça. Descrente, inquiri.

- Aquele é o poeta Solano Braz?

- É sim, dona.

- Ele é pescador?

- É não, dona.

- É escritor?

- É sim, dona.

- E o senhor o conhece bem?

- Se conheço... Todo mundo conhece! A senhora não, dona?

Não respondi. Agradei e me afastei, carregando comigo o seu olhar curioso. Tive medo que ele o chamasse para me apresentar, então me distanciei o mais rápido possível.

A imagem do Poeta me acompanhou. Fixou-se na minha retina! Rodeado de amigos, falante e alegre! Na praia, no sol, na areia... Relutava em acreditar! Aquele era o homem que trocava correspondência com Fábio? Fábio... Nada pareciam ter em comum os dois poetas! Certo, não necessitavam ser idênticos. Mas, eram opostos um do outro! A aversão de Fábio pelo sol o deixara com a aparência frágil de um bebê. O rosto pálido, tão branco como suas partes mais íntimas que jamais teriam sido expostas à claridade. A tez bronzeada do Poeta me fez refletir se todo o seu corpo também possuía aquele tom saudável. Ele não despertava pena, como acontecia com Fábio. Não era exatamente pena... O Poeta não despertava em mim vontade de cuidar dele...

Passei diante da Pousada e firmei o caminhar apressado. Não tinha destino, queria manter os passos acelerados como os pensamentos.

Depois de uma distância considerável, voltei. As pernas doloridas.

Subi direto ao quarto sem olhar para o balcão, no restaurante.

Deitei.

Não, eu não iria dormir! Queria pensar! Agora que sabia que o Poeta não era como Fábio, pelo menos não se parecia com ele, ficava mais fácil

imaginar uma maneira de me aproximar. Bem, aparentemente, eu sabia como ele “não” era, mas, nada conhecia da sua personalidade. Era poeta e isso não bastava para decifrar a personalidade de alguém.

Seria prudente me informar com a dona da Pousada? Não queria envolver ninguém! A missão era minha!

Tentando desanuviar o pensamento, apanhei o telefone e liguei para casa. Passava das seis horas e, com sorte, Débora atenderia.

- Alô!
- Que bom ouvir a sua voz, Débora! Está tudo bem?
- Eu é que pergunto! Não me ligou ontem, fiquei preocupada...
- Na verdade eu esqueci. Desculpe! E o Fábio?
- O que tem ele?
- Tem telefonado?
- Duas ou três vezes...
- O que disse a ele? Ele foi à loja?
- Parece que sim.
- Como parece que sim? Você falou com ele?
- Falei.
- E ele?
- O quê?

- O que ele disse? Você está dormindo, Débora? Parece não ouvir o que digo!

- Desculpe, Anita. Não dormi muito bem à noite...

- Agora me conte o que ele disse ao telefone.

- Na verdade ele esteve aqui!

- Aí no apartamento?

- Sim.

- E você?

- Eu o quê?

- O que disse a ele, Débora?

- Que você estava com a gerente da loja...

- Ele acreditou?

- Creio que sim.

- Como crê que sim? Acha que ele desconfiou?

- Desconfiar do que, Anita? Você se afastou para descansar, não foi?

Para pensar sobre o relacionamento com ele, ou... O que realmente está acontecendo?

- Ah, Débora! É tão complicado! Não queria contar por telefone...

Mas, preciso desabafar com alguém!

- Sabe que pode confiar em mim...

- É, eu sei. Escute! Jura que não vai contar para o Fábio! Jura?

- Juro! Claro! Se você quer, eu juro!

- Eu quero, não! Eu imploro!

- Nossa! É tão sério assim?

- É.

- Tudo bem, eu juro! Conte!

- Eu... Vim para cá em busca dos poemas que estão com o amigo do Fábio. Ele vai publicar e você sabe que não quero ser pega de surpresa! Quero ler o que ele escreveu sobre mim, sobre nós...

- Se ele não quis lhe mostrar, por que o amigo dele fará diferente?

- Não é que Fábio não quis me mostrar... Eu já lhe contei, ele não possui cópia do texto, enviou o original ao Poeta.

- E o que vai fazer?

- Vou tentar ler esse original.

- Na casa do Poeta?

- Na casa do Poeta.

- E, sabe onde ele mora?

- Aqui perto.

- Na praia?

- É, na praia! Não menti quando falei que iria descansar numa praia.

Eu vou lhe passar o endereço da Pousada onde me hospedei, se realmente precisar de mim, saberá onde estou, mas, devo voltar em breve. Assim espero!

- Você conheceu o Poeta? Como é mesmo o nome dele?

- Solano Braz. Conheci hoje à tarde.

- E ele concordou em lhe mostrar os poemas do Fábio?

- Na verdade eu ainda não falei com ele, mas... Ah, Débora! Que enrascada! Acho que... perdi a coragem!

- Por quê?

- Sei lá... O Poeta é tão diferente do Fábio...

- Diferente?

- Outra hora eu explico... Não conte ao Fábio, está bem? Eu ligo para você amanhã. E, Débora, se ele telefonar esta noite, diga que estou trabalhando até tarde, deixei um beijo e... É o interfone que está tocando? Será que é ele? É o Fábio?

- Como eu vou saber? Amanhã você me liga. Até mais Pipa.

- Espera, Débora! Vê se é o Fábio... Débora? Alô? Alô?

Respirei fundo. Recoloquei o fone no gancho.

Ela me chamou de Pipa? Nunca me tratou pelo apelido... Pensei em telefonar novamente, fazer de conta que ligava para avisar que chegaria mais

tarde, mas temi que Fábio estivesse lá e quisesse falar comigo ao telefone. Talvez, eu não fosse capaz de mentir para ele.

Tomei um rápido banho de chuveiro. Escolhi uma roupa casual. Desceria para jantar e não me tumultuaria com previsões incertas. O Poeta estava sempre cercado pelos amigos pescadores, como eu teria chance?

Desci ao restaurante.

Todas as mesas encontravam-se ocupadas. O que dera nos moradores naquela noite? Resolveram jantar fora para comemorar a minha descoberta sobre Solano Braz?

- Está lotado! Comentei, me aproximando do balcão.

O dono da Pousada sorriu-me, satisfeito.

- Já vou arrumar um lugar para você!

Corri o olhar pelas mesas. Não avistei o Poeta, nem o grupo de pescadores.

- Não se preocupe, Ituriel, não estou com pressa.

A expressão do homem a minha frente, de mera cordialidade, transmutou-se em espanto! Um espanto de... felicidade?

- O que foi?

- Não imaginei que soubesse o meu nome!

- Sua irmã comentou esta tarde. Expliquei, na esperança de que ele me revelasse o nome dela.

- Conheceu minha irmã? Ela está na cozinha...

- Na verdade já nos conhecíamos.

- De onde?

- Trabalho em uma loja de perfumes e ela apareceu para comprar um e, conversamos um pouco...

- É típico dela fazer amizade em todo lugar que vai! Viu as toalhas que ela faz?

- São maravilhosas!

Ele não usava perfume. Constatei quando ergueu o braço para apontar os trabalhos da irmã no outro lado do balcão. Não cheirava mal. Tinha um cheiro suave de banho tomado. O cabelo úmido denunciava.

Recostei-me na banquetta e aguardei. O que mais poderia fazer?

Aos poucos as mesas foram desocupando e eu sentei para jantar.

Enquanto meu olhar permanecia na porta do restaurante, meu pensamento se mantinha conectado ao fio do telefone, na conversa com Débora. Na verdade, já me arrependia da revelação que fizera! E se não desse certo? Se minha intenção de me aproximar do Poeta fosse um fracasso? Como explicaria isso a ela? E se Fábio insistisse para que ela contasse o que eu

andava fazendo e... ela não resistisse! Não, não! Débora tinha personalidade. Não cederia assim fácil. E, não havia por que Fábio desconfiar da minha mentira... O trabalho com a gerente da loja não se distanciava da minha realidade. Já ocorrera em outras épocas. Eu visitava alguns distribuidores depois do expediente. Fábio não desconfiaria! Teria saudades, isso sim! Eu também sentia...

Jantei sem nutrir a esperança da presença do Poeta. Escolhi vinho para acompanhar o nhoque especial daquela noite. Não pude comprovar se era realmente especial, pois o provava pela primeira vez. As famílias, aos poucos, se retiraram. O silêncio desceu a escada, para onde havia se afastado, e dominou o ambiente, outra vez. Terminei a janta, mas não o vinho.

Tomei outra taça e uma terceira, quase sem perceber.

Encontrei-me sozinha no restaurante. Ituriel e um garçom levavam os pratos para a cozinha.

A porta se abriu e um grupo de homens, que suspeitei ser o mesmo da noite anterior e da praia, entrou. Pulando de rosto em rosto, meu olhar decepcionou-se. O Poeta não estava entre eles. Sentaram numa mesa afastada. O dono da Pousada lhes serviu a bebida. Falavam em bom e alto som, mas a conversa não me interessava.

Terminei a terceira taça de vinho e me servi de outra. O jeito era desistir. Jogar-me na cama. Deixar que o álcool me levasse até Fábio...

Logo os pescadores se retiraram. Julguei ser tarde, mas não quis olhar a hora. Ituriel os acompanhou até a porta e na volta, dirigiu-se à minha mesa.

- Outra garrafa?

- Não terminei esta! Não quer me ajudar?

Ele puxou uma cadeira. Sentou-se.

- Está gostando daqui?

- A praia é linda!

- No verão os turistas brigam por um quarto!

- Eu posso imaginar! Mas, prefiro a tranquilidade desta época do ano.

Ele sorriu. Talvez concordasse comigo. Mas, se vivia do comércio...

- Sabe, nasci no interior e ficar longe da natureza não me faz bem.

Nunca gostei muito de praia, mas, este lugar é especial!

De onde eu tirava tanto assunto? Resposta: do vinho!

- Concordo plenamente. Minha irmã e eu nascemos aqui. Nesta mesma casa para ser exato. Quando nossos pais morreram, tocamos o negócio. Construimos o andar superior, minha irmã decorou os quartos...

- São de muito bom gosto. Disse, sincera.

Ouvimos a porta do restaurante ser aberta e ambos olhamos naquela direção. Ele sorriu. Eu estremeci. Solano Braz entrou e veio em nossa direção.

- Ué! E o pessoal?

- Foram ver um barco na casa do Augustino.

Meu rosto em brasa por causa do vinho não me deixava disfarçar a emoção pela presença do Poeta. O Poeta!

Sempre olhando para Ituriel, puxou uma cadeira e, sem cerimônia, sentou à minha frente. O sorriso amplo! Os olhos, na praia ocultos pelos óculos de sol, naquele momento desvendavam-se a mim. Azuis ou verdes... Grandes! Teria em torno de cinquenta e cinco anos. Como ser exata?

- Já jantou? Perguntou Ituriel, colocando-se de pé.

- Eu como o que tiver sobrado na cozinha. Falou o Poeta, rindo, e finalmente dirigindo-se a mim.

O dono da Pousada desapareceu pela porta atrás do balcão.

Encontrei-me sozinha com o Poeta no restaurante vazio!

- Quer vinho? Ofereci.

Ele estendeu o braço e bebeu da minha taça.

Em minha mente, uma tempestade formava-se sem que a chuva desanuviasse o céu das idéias. Tinha quantas perguntas para lhe fazer? Era impossível selecionar a melhor ou a mais importante.

- Você mora por aqui? Questionei, começando pelo óbvio. Assim, poderia prever sua resposta.

- Moro. Mais adiante, na praia. E você...

Nesse momento, Ituriel voltou, anunciando:

- Olha o que minha irmã preparou para você!

Colocou sobre a mesa uma porção de camarões com batatas fritas.

- Ela sabe tudo! Tem poderes!

- Está bebendo o vinho da moça?

- Ah, desculpe. Disse-me arriando a taça a minha frente.

- A moça já bebeu demais. Proclamei, sorrindo.

- Viu? Ela não se importa! Então a moça vai me acompanhar nos petiscos. Traz um garfo para ela, meu amigo! E um para você, se quiser.

O dono da Pousada se afastou novamente até a cozinha.

- Meu nome é Anita.

- Solano. Falou, apontando para si.

- Solano? Que nome diferente!

Ele riu.

- Onde li este nome... Insinuei, pensativa. Ah! Acho que foi num livro de poesia que comprei para uma amiga! É! É isso mesmo! Era este o nome do poeta... Solano! Solano Braz...

A princípio, suspeitei que ele não tivesse escutado. Depois, imaginei que não fosse ele o poeta! Mas, com o olhar preso às batatas fritas que fincava ao garfo e levava à boca, murmurou.

- Sou eu mesmo.

Foi a minha vez de disfarçar. Fingi não ter ouvido. Olhei para ele, duvidosa.

- Você?

- Sim, sou eu. Bem, primeiro me diga o título do livro, se você lembrar...

- Lembro sim! Era... *Ode à Sedução*.

Ele bebeu novamente da minha taça.

- É o seu livro? Insisti.

- O último que publiquei. Você leu?

- Infelizmente não! Dei de presente para uma amiga.

- Ela gosta de poesia?

- Gosta. Por isso escolhi o livro.

- Escolheu pela capa?

- Na verdade... pelo título.

- Gosta de poesia?

- Gosto! Você... não teria um exemplar em casa, teria?

Abençoado vinho! Coragem etílica! Nem sempre é benéfica, mas, naquela noite foi a minha salvação!

- Tenho um ou dois exemplares em casa. Vou separar um para você. Está hospedada aqui?

- Estou.

Ituriel voltou para nos fazer companhia. Com o garfo que me entregou, espetei duas batatas. Agradava-me comer no mesmo prato que ele e compartilhar a taça de vinho. Mesmo sabendo que ultrapassara o limite alcoólico, tomei mais um gole após ele beber. Criava-se entre nós, naquele momento, uma certa intimidade. Ituriel também beliscava uns camarões, mas trouxe sua própria cerveja.

Sobre o ombro do Poeta, vi o vulto da irmã do dono da Pousada surgir à porta. Desviei o olhar para o rosto de Solano, que ria de algo que não ouvi, e me admirei de seu riso solto, saboroso aos olhos e ouvidos. Ao voltar-me para a porta da cozinha, ela não estava mais lá.

Desde que Solano Braz entrara no restaurante e sentara junto a nós, eu tentava adivinhar qual perfume ele usava. O cheiro me parecia conhecido...

Havia tantas fragrâncias! Era francês! Meu faro de vendedora treinada detectava, pelo menos, o país de origem. Se eu pudesse me aproximar dele, tinha certeza de que descobriria. Àquela distância? Impossível!

- Pensei que eles estariam aqui! O Martinho me prendeu numa conversa sem fim! Contou história de pescador a tarde toda! O Vitório também estava lá. Ficou quando saí. Tinham assunto a tratar.

- O Martinho, me parece, tem uma dívida na venda do Vitório...

- Isso mesmo! Iam acertar umas trocas...

Eu não sabia do que falavam. Não conhecia os personagens daquela história. Entretanto, não me importei! O diálogo fazia bem aos ouvidos. O assunto corriqueiro não interessava a mim. Somente o Poeta olhava na minha direção enquanto falava. Depois, desviava o olhar para Ituriel que concordava ou não com suas idéias. Havia musicalidade na conversa, um ritmo morno, mas aquecia-se quando o Poeta falava.

Depois de um tempo, não prestei mais atenção às palavras, orações, enunciado... O som fora subtraído pelo cheiro que se desprendia dele. Não de Ituriel; deste, evaporou-se o odor do banho quando seu cabelo secou. O Poeta! Dele, eu quase enxergava a onda colorida de partículas perfumadas se alongando até meu nariz. Imaginei um membro extra. Um braço comprido com dedos longos se insinuando na minha direção. Quase senti a carícia do

cheiro que se desprendia da pele dele. Minha memória olfativa apressava-se em identificá-lo, e algo impedia, obstruía a resposta. Cheguei quase a perguntar a ele o nome do perfume que usava, porém, eles falavam do tamanho do camarão pescado na semana passada e não achei delicado interromper. Mesmo que a conversa cheirasse a frutos do mar, a invisível mão perfumada do Poeta não desgrudava de mim. Talvez mais inebriante do que o vinho branco.

A minha presença, meramente decorativa, de algum modo os incentivava a manter um diálogo constante. De um assunto passavam a outro e outro sem interrupção.

- Não! Naquela noite ele deixou o Nilo ganhar de propósito! O jogo estava na mão dele...

- São companheiros! O Tuca é compadre dele... Sabe o Tião? Não entra em jogo com eles! Conhece as manhas e não participa da mesa. Já ouvi tanta reclamação! Eu não vou mais lá! Só ouço reclamação! Penso que briga de jogo deixou de ser interessante... Talvez, encontre sossego em casa... sozinho.

Antes de concluir a sentença Solano dirigiu seu olhar para mim. Verificou se eu prestava atenção à conversa. Ituriel continuou, mas o Poeta não desviou seu olhar do meu.

Esperei o outro silenciar. Então, perguntei:

- O que foi?

A vantagem de quem se cala é o momento em que se pronuncia novamente. Não se abusa do ouvido de ninguém, nem de quem fala, nem de quem ouve. Minha voz soou como o canto das sereias. Eles não se inclinaram sob a mesa à procura de vestígios de um suposto rabo-de-peixe oculto pela calça *jeans*. Não olharam para fora, na tentativa de vislumbrar Ulisses vociferando para os marujos desamarrá-lo. Mas, eu os encantei. E qual voz feminina não os enfeitiçaria depois de ouvirem por alguns minutos a própria voz? Eu mesma, quase me cansei da tonalidade metálica na fala de Ituriel. Lembrava-me alguém... Quem? Seria o segundo mistério naquela noite! Primeiro, o nome do perfume do Poeta. Segundo, o tom metalizado que Ituriel emitia ao falar. Lembrava a voz de quem? Pensaria nisso mais tarde. Naquele momento, deliciei-me com o efeito que minha voz provocou neles. Valeu a pena calar-me por tanto tempo! A simples pergunta roubou-lhes a atenção. Na verdade, me dirigi ao Poeta, mas tive também a atenção do outro.

- Quando posso buscar o livro? Ousei perguntar.

Agora? Pensei comigo.

Solano Braz colocou a mão no bolso do paletó.

Observei, atenta.

Ele tinha um exemplar no bolso? Não! Não! Eu precisava ir à casa dele... Estando lá, seria possível, pelo menos na teoria, fazer com que ele me mostrasse os poemas do Fábio. Fábio! É claro! A voz de Ituriel lembrava a voz de Fábio! Como pude esquecer? Precisava cumprir logo a minha missão e voltar para casa... Pelo menos um mistério eu resolvi!

Quando o Poeta retirou a mão do bolso, largou uma concha sobre a mesa. Aliviada por não ser seu livro de poemas, falei:

- É linda!

Segurei o objeto com a ponta dos dedos. O tom róseo dava-lhe um aspecto delicado.

- Trouxe para sua irmã, Ituriel.

Olhei para o Poeta e ele para mim.

- Se ficar com ela terá que se entender com Bel!

Bel? Então era Bel! Era esse o nome que eu não conseguia lembrar!

Bel... Bel... Isabel.

- O nome dela é Isabel, não é?

- Todos a chamam de Bel. Esclareceu o irmão.

- E, o perfume que está usando... Dirigi-me ao Poeta. É *Mouette*, acertei?

Parecia que a lembrança do nome da dona da Pousada desobstruiu outras recordações. Por que só naquele momento minha memória olfativa voltou a funcionar?

Mostrando admiração, Solano Braz virou-se para o amigo e perguntou, sério:

- Todas as mulheres são bruxas?

- Que eu saiba não, mas, pelo que vejo, ou melhor, acabei de ouvir, talvez minha irmã não seja a única. Deve ser época de convenção. Riu.

- E pelo jeito, meu amigo, o encontro será aqui.

- Essa eu preciso contar para Bel! Murmurou o outro, levantando-se e tomando a direção da cozinha.

- Tem certeza de que não precisa de uma segunda averiguação?

Perguntou-me, estendendo o braço sobre a mesa, na minha direção.

Aproximei o rosto e cheirei seu pulso. Não havia dúvidas: *Mouette*!

Ele então, levantou.

- Um terceiro teste. Advertiu.

Aproximou-se, e sentou na cadeira ao meu lado.

- Uma última chance! Brincou, sério.

Puxou a gola da camisa e ofereceu-me o pescoço.

Hesitei.

Então, cheguei o rosto até o tecido macio de seu paletó, toquei o nariz em sua pele. Fechei os olhos e inalei a sua fragrância. Sim, pois já não era somente *Mouette*, era ele! Era o cheiro dele, da sua pele, do seu ser, do seu calor, da sua masculinidade. Já não era só o *Mouette*!

Desejei prolongar aquele momento.

- Ainda está em dúvida? Sussurrou.

Afastei o rosto rapidamente.

- Eu nunca tive dúvida.

Ele olhou nos meus olhos.

- Não se vanglorie. É sua última chance.

E dizendo isso, novamente convidou-me a testar meu olfato, *in loco*!

Obedeci. Não a ele! Aos meus sentidos. Aos meus instintos.

Quase toquei meus lábios na sua pele. Quase? Além da confirmação do olfato necessitava também do paladar? Não bastava o toque suave do nariz no calor da sua pele? A quem eu estava enganando? Para que confirmar o óbvio? Interpretei o papel da indecisão por mais um minuto. Então ouvi passos, afastei o rosto alguns centímetros e pude ver Ituriel e a irmã surgirem da cozinha. Ao observar a cena, Bel voltou rapidamente por onde viera. O irmão, ao perceber que se encontrava sozinho, retornou atrás dela.

- É *Mouette*! Afirmei.

- Como adivinhou?

- Não é adivinhação.

- Então o que é?

- A explicação é simples! Tem certeza de que quer ouvir? Ou prefere o mistério, a possibilidade de eu ser uma bruxa?

- Você não é bruxa! Posso ver nos seus olhos!

- É mesmo?

- Bruxa é a Bel. Você não é como ela!

Seria um elogio? Ou não?

- Pois foi por causa dela que eu pude descobrir...

- Por causa de Bel? O que ela tem a ver com isso?

- Eu trabalho numa loja de perfumes.

- Então para você foi fácil identificar o meu!

- Não exatamente! Imagina quantas fragrâncias vendemos por dia, por mês, por ano... É difícil lembrar de todos os cheiros. Sempre temos os nossos preferidos, é claro!

- E *Mouette* é um dos seus preferidos?

- Não...

- Que pena!

- Mas agora é! Bem, quero dizer... Eu não conhecia a fragrância até a Bel aparecer na loja para comprar... Foi para você que ela comprou, não foi?

- Ela nem ia à cidade! Viu que o perfume estava acabando e foi comprar.

Viu que estava acabando? Como? Questionei comigo.

- É muito prestativa. Completou. Então você a conheceu na loja.

- Exatamente.

- E passou a conhecer o perfume.

- Isso mesmo.

- Ela a convidou para visitar à Pousada?

- Não! Na verdade eu não sabia que ela e o irmão eram os donos daqui. Vim passear, descansar.

- Então me desculpe!

- Por quê?

- Está de férias?

- Sim.

- E eu estou obrigando você a trabalhar! Sentir meu perfume e identificá-lo. Até desafiei você! Veja o absurdo!

Achei graça.

- Gosto do meu trabalho. É um ambiente agradável.

- Perfumado. Insinuou. E se não fosse vendedora de perfumes, o que gostaria de ser?

- Secretária, como minha amiga Débora. E você? Se não fosse poeta, o que seria?

Ele pensou por um instante.

- Poeta.

Observei-o, e ele a mim.

- Tenho que ir. Ele disse, ao olhar o relógio. Vai amanhã lá em casa?

Olhei-o, hesitante.

- Buscar o livro! Ressaltou.

Sorri.

- À tarde?

Ele assentiu.

- Oh, Ituriel? Chamou.

O dono da Pousada voltou ao restaurante, devagar.

Solano levantou-se e foi até o amigo.

- O que houve? Bel não veio falar conosco!

- Foi dormir cedo. Anda cansada...

- Deixa um abraço para ela. Até amanhã, meu chapa!

Quando caminhava em direção à porta, parou e acenou para mim. Retribuí o gesto. Ituriel o acompanhou até a saída.

Coloquei-me de pé. Recolhi a concha com ambas as mãos. Um presente! Uma lembrança daquele primeiro encontro com Solano Braz. Senti como se a primeira fase da minha missão estivesse cumprida. Desejava descansar... A minha intenção era subir as escadas antes que o dono da Pousada retornasse.

Ao ouvir seus passos no assoalho do restaurante, falei:

- Até amanhã, Ituriel!

Mantive os passos firmes até entrar no quarto.

O Poeta feliz

E quem disse que poeta não sabe fazer piada? Aquele era mesmo Solano Braz? Tão solto e alegre! Normal! Um jeito diferente de ser poeta, pelo menos em comparação ao meu namorado! Quem seria mais poeta: Solano ou Fábio? Mas, ambos eram poetas e... diferentes! O que então justificaria a correspondência? A Poesia! Como seriam os poemas de Solano Braz?

O que Fábio diria ao ver desfeita a imagem que tinha do Poeta? Solitário, afastado do mundo, velho... Quem? Solano Braz? Não! O lugar podia ser um pouco distante, mas ele não se encontrava isolado! Tinha amigos! Gente simples. Pescadores. Pessoas que talvez jamais tenham lido ou venham a ler os seus escritos. Ele parecia não se importar com isso e se mimetizava aos moradores. Na aparência, ninguém adivinharia que era poeta. Alguém suspeitaria que eu vendia perfumes, só de olhar? Somos o que fazemos e blá blá blá... Mas precisamos nos parecer com nosso ofício?

Pensei em ligar para Débora, mas era tarde! Necessitava, de algum modo, manter contato com ela, na tentativa, talvez, de não esquecer por completo a minha missão ali.

Aquela noite... Aquela noite mudara tudo! Eu sabia que era errado ficar comparando Fábio ao Poeta. Mas era impossível evitar!

Levei a concha para a cama comigo. Observei-a, atenta. Girei entre os dedos. Senti, ou imaginei sentir, o cheiro salgado do mar. Ou era o perfume do Poeta que se insinuava em minha memória olfativa? *Mouette*.

De um só golpe, arremessei a concha em direção à parede, abracei o travesseiro e tentei não pensar no encontro daquela noite. Porém, o ruído do choque na parede de madeira ressoou em meus ouvidos. Teria se espatifado com a queda?

Pus-me de pé à procura do paradeiro da concha do mar. Espatifara-se? Não! O tapete amorteceu a queda e apenas uma lasca denunciava a minha violência. Arrependida, joguei-a entre as cobertas e deitei.

Não queria acordar cedo. Mas acordei. Levantar cedo para quê? O encontro com o Poeta seria depois do almoço! A palavra encontro, mesmo em pensamento, soou inadequada. Eu iria à casa de Solano Braz para buscar o seu livro, apenas como pretexto para ler os poemas de Fábio. Que isso fique bem claro!

Quando eu deixava o quarto, naquela manhã, dei com Bel no corredor. Sua reação foi óbvia. Embora sendo uma Bruxa Moderna, não dissimulou o desconforto ao me ver.

- Bom dia. Cumprimentei, séria. Também não pude disfarçar. Só não decifrava a causa do meu incômodo ao vê-la.

- Posso limpar o quarto agora?

Era dela o serviço de limpeza da Pousada das Gaivotas?

- É sua a tarefa? Perguntei, escolhendo as palavras.

- Quando temos que trocar a roupa de cama, eu prefiro fazer o serviço pessoalmente.

Concordei, mesmo não sendo da minha conta.

Teria pedido o almoço se com essa atitude adiantasse as horas do dia. Tomei um copo de suco de laranja; assim, a fome apressaria o tempo.

Saí para a praia, desci os degraus da calçada, mas não deixei a faixa de areia na frente do restaurante. Olhei o mar, as gaivotas, o horizonte... Sentei e permaneci pensativa, embora nenhum pensamento transitasse pela minha mente. Eram impedidos pela paisagem. Não havia lugar para a poluição naquele ambiente! Nem visual, nem auditiva, como o burburinho da cidade. Nem olfativa, com a poluição dos carros e ônibus. Nem o gosto do ressentimento, muito menos o toque da infidelidade. Então, as idéias iam sendo fulminadas sem penetrarem em mim. Fiz uma limpeza geral nos sentidos e sentimentos que poderiam me ameaçar ou colocar por água abaixo minha missão ali. Enquanto Bel trocava lençóis e toalhas, eu trocava o cheiro da cidade pelo cheiro azul do mar. Trocava *Poète* por *Mouette*? Pelo menos até conseguir o que viera buscar.

Tentei dominar a ansiedade, caminhando pelas ruas tranquilas das redondezas. Entre árvores e casas simples com amplos quintais, seria capaz de esquecer a proximidade do mar. Imaginava-me na chácara de meus avós. Quase corri para escalar os galhos grossos das árvores na pracinha central. Limitei-me a sentar num dos bancos de pedra e olhar para as copas, cujos ramos quase se uniam no alto. Passei ali o resto da manhã. Minutos e minutos

desfilaram num cortejo lento e arrastado entre os troncos e os canteiros de azaléias.

Senti fome: meio-dia.

Almocei na mesa mais isolada do restaurante.

Sozinha com meus pensamentos e um prato de filé de peixe com purê de batatas. Precisava traçar os planos para o encontro com o Poeta. O que perguntaria, o que responderia... Como entraria no assunto das cartas, do texto que viera buscar... Infelizmente as idéias foram degustadas numa velocidade maior do que o almoço.

Quando o Poeta disse para eu ir a sua casa, à tarde, seria às duas horas ou às quatro? Para mim, depois do almoço inicia-se o período da tarde. Eu já havia almoçado! E o Poeta?

Na dúvida, pedi a sobremesa. Gelatina de morango.

Ituriel encontrava-se ocupado no caixa e não achou tempo para uma conversa mais longa quando me aproximei do balcão.

- Gostou da comida hoje?

- Acho que o peixe vai se tornar indispensável nas minhas refeições.

Sentirei falta.

Ele sorriu. Ia me dizer algo quando o garçom o chamou na porta da cozinha. Não lhe dei oportunidade de retomar o assunto, subi ao quarto.

A cama feita, as toalhas de rosto e banho trocadas, tudo cheirava a colônia de bebê. Escovei os dentes, passei batom.

Pronto! Já era de tarde, não era?

Deixei a Pousada e caminhei lentamente pela praia, rumo à casa do Poeta. Não era perto, mas logo a alcancei. Parei, olhei ao redor. Busquei a tranquilidade do mar. As gaivotas sobrevoavam os ares, num cortejo ameaçador. Pareciam se comunicar com gritos inquietos e inquiridores. Quase respondi: é a minha missão! Foi para isso que eu vim! Elas mantiveram o tom em grasnados imprecisos, então notei que não traduzi com precisão os comentários. Poucos dias ali e eu já queria decifrar a linguagem das aves! Aqueles pios significavam realmente um tipo de linguagem? Parecia haver entendimento entre elas. Haveria também entendimento entre mim e o Poeta? Ele me convidou a sua casa para me presentear com um livro seu. Seria só isso? Eu o visitava somente para buscar o livro? Errado! Eu tinha outras intenções. Ele também teria? Quais seriam? Impossível! Ali, a vítima era ele. Vítima! Pois eu nada mais queria a não ser me apoderar dos poemas de Fábio. E, pensando assim, adentrei no terreno da casa de Solano Braz.

Antes de bater à porta, questionei-me sobre a imprudência do meu ato. Não o de bater à porta do Poeta e, sim, o de visitá-lo sozinha... Eu mal o conhecia! Depois de bater duas vezes com os nós dos dedos no vidro da porta

da frente, admirei a minha impetuosidade. Ao bater pela terceira vez, fugiu-me a coragem que se arrastou comigo pela areia da praia até ali. E a minha missão? Precisei lembrar a mim mesma da minha missão! Os poemas de Fábio... Teria que amargurar a idéia de os conhecer como uma leitora comum e ler o texto quando fosse publicado.

Baixei o olhar e me afastei lentamente. Chegando à extremidade do terreno, dei com o Poeta, vindo da praia.

- Veio cedo! Exclamou ele.
- Eu volto mais tarde. Murmurei, amuada.
- Não, não! Vamos entrar!
- Você não está ocupado? Eu volto outra hora!
- Não, Anita! Por favor, vamos entrar!

Acompanhei-o.

Abriu a porta. Entramos.

Em minha mente, antecedeu-se uma imagem do interior da casa do Poeta. De todos os sentidos, o olfato foi o primeiro a insinuar o odor imaginário de mofo. O silêncio transportou-se para o interior do ambiente. A visão turva trouxe o apartamento de Fábio para perto da praia e o instalou ali, estendi as mãos para tocar seu rosto imaginário. O beijo deixou-me um gosto

de *pizza* na boca. Toda a imagem caiu por terra quando a claridade não se afugentou ao penetrarmos na sala.

Janelas amplas, com cortinas transparentes não impediam o sol da tarde de enredar o assoalho. Sofás em tecidos claros ocupavam duas paredes. Meu olhar não foi rápido suficiente para detectar toda a decoração naquele primeiro instante. Facilitou a engrenagem da minha mente que trabalhava de modo lento.

Esperei que ele me indicasse o caminho.

- Quer beber alguma coisa?

Recusei, aturdida.

Onde foi parar o apartamento de Fábio? Por que a imagem preconcebida em minha imaginação não se concretizou? Por que a casa do Poeta não cheirava a mofo? Ampla, arejada, limpa e clara! Aquela era mesmo a casa de Solano Braz? Era! E ele deixou isso bem claro ao sentar-se confortavelmente no sofá enquanto eu permanecia de pé.

- Sente-se.

- Eu vim buscar o livro! Falei, acendendo em mim a missão quase abortada.

- Ah, claro! Eu não esqueci! Venha.

Colocou-se de pé e tomou a direção da porta à nossa esquerda. Era para eu o seguir? Ao entrar atrás dele na sala anexa, meu estarrecer foi ainda maior.

Um escritório!

Não um escritório qualquer... Mas, tão bem equipado quanto o da sala da gerente da loja de perfumes! Sobre a escrivaninha, havia computador e impressora. Seria comum em qualquer casa, se o dono não trocasse “correspondência” com um amigo. “Por que não trocam *e-mail*?” A pergunta de Débora ressurgiu na minha memória. E naquele momento era minha a interrogação. Por que trocavam cartas se poderiam trocar *e-mails*? Não que eu fosse contra, mas não se pode negar a velocidade dos meios eletrônicos! Tinham mais intimidade com a caneta do que com a máquina? Como saber? Eu não iria perguntar. Não naquele instante.

Solano foi até a cadeira de espaldar alto e rodinhas, sentou-se e a deslizou para perto da mesa.

Reparei na presença do sol também ali. Como não notar? Porém, uma cortina de tecido estampado impedia que a claridade excessiva chegasse à tela do computador.

Solano Braz abriu uma gaveta.

Era aquele móvel o local que guardava as cartas de Fábio? Seria aquele o meu alvo? Ou ele escrevia sua correspondência num lugar mais íntimo, como o quarto, por exemplo? Desejei que não! Aquele escritório já me pareceu bastante além das minhas possibilidades. Confesso que me senti como uma criminosa. Alguém em quem não se pode confiar. Se ele lesse meus pensamentos, certamente me expulsaria da casa. Eu planejava remexer nas suas gavetas, revirar seus papéis, ler sua correspondência... Eu não merecia confiança! Por que fui recrutar tal missão para mim? Por Fábio? Não!

- Anita! Chamou, despertando-me dos pensamentos.

Estendeu-me o livro.

Enquanto eu experimentava o gosto amargo da insegurança, ele escrevia uma dedicatória para mim.

O olhar insistente do Poeta deixou-me claro que eu deveria ler naquele momento. Hesitante, li. Dizia:

Anita,

Preciosa concha do mar. Nos olhos de quem vê,

sua imagem transpõe o imaginário

mundo das possibilidades.

Que este livro seja um elo,

jamais uma obrigação.

Solano Braz.

Li com os olhos do momento. Não digeri na mente o verdadeiro sentido das palavras. E, naquele instante, não poderia exigir uma leitura mais profunda dos símbolos ali grafados. Se havia ambigüidade, mais tarde eu tentaria decifrar.

- Obrigada!

Sorri.

Ele colocou-se de pé. Voltamos à sala. Meu pensamento desejava permanecer naquele escritório. Ficou por mais alguns minutos ali, e logo se arrastou de volta a mim, até o sofá onde sentei, diante do Poeta.

- Vou fazer um café para nós!

- Não precisa.

- Prefere chá?

- O que você for beber está bom.

- E que tal um licor de...

Ergueu-se e foi até o balcão. Imaginei que se certificava das possibilidades alcoólicas armazenadas antes de me oferecer.

- Na verdade, um chazinho me faria bem.

Ele encarou-me, depois, dirigiu-se à porta entreaberta na outra extremidade. Parou. Voltou-se para mim.

- Sei que é visita, mas, não se sentiria melhor se me ajudasse a ferver a água?

Achei graça.

Segui seus passos até o outro ambiente: a cozinha! Creio que o meu apartamento caberia ali dentro. O do Fábio? Nem me ocorreu tal possibilidade! Talvez se eu visse o banheiro, poderia pensar a respeito. Uma típica casa de veraneio. Pensei comigo. Porém estávamos no inverno! E a casa me pareceu boa em qualquer estação.

De tudo o que me chamou atenção na casa do Poeta, e confesso que tudo me chamou a atenção, notei em especial o excesso de limpeza. Se isso pode existir! Existe o excesso de poeira, de camada opaca sobre móveis, pelo assoalho, o bolor da madeira úmida no ambiente sem ventilação... Na casa do Poeta, não encontrei vestígio algum de pó! E isso me saltou aos olhos depois que entrei na cozinha. A cozinha é o exemplo do resto da casa. Alguém poderia dizer que é o banheiro. Eu discordo! Onde fazemos as refeições prevalece sobre o local em que fazemos nossas necessidades. Uma teoria que formulei após os meses de namoro com Fábio. Na verdade foi quando passei a freqüentar seu apartamento. Como ele raramente comia em casa, a pia não se

abarrota de louça suja. Os azulejos das paredes não se ocultavam em camadas de gordura, o fogão mantinha-se intacto, quase como fora comprado, de segunda mão. Já o banheiro, ele mesmo mantinha limpo. Só não dava para sentar.

A cozinha de Solano Braz, tão clara quanto os outros cômodos, parecia ter sido reformada há pouco tempo. Ou modernizada, eu diria. A sala possuía um estilo mais clássico, sofás com almofadas soltas, em tom amarelado, mesa de centro em cerejeira, tapete marrom. A cozinha combinava com o escritório pelos “equipamentos” ali existentes. A conclusão a que cheguei foi a de que ele havia comprado a casa com todos os apetrechos dentro. Era a minha primeira visita e eu já tirava conclusões!

Recostei-me no balcão enquanto ele enchia a chaleira e levava ao fogo.

- Tem preferência?
- Como?
- O chá! De que prefere?
- Gosto de todos. Simplifiquei.
- Ótimo!

Eu havia deixado o livro na sala e desejei tê-lo nas mãos para disfarçar a agitação. O chá me deixaria mais tranqüila, me acietei.

- Gostou daqui?

- É bonita.

Se ele se referia à praia, a sua casa ou à cozinha, estava respondido.

Uma resposta econômica e nada comprometedora. Inteligente!

- Fica até quando?

- Logo partirei.

Outra resposta ambígua e econômica, capaz de satisfazer-lhe a curiosidade mesmo sem compreendê-la. Ele se referia à duração das minhas férias ou à visita a sua casa? Para que me preocupar se a resposta se encaixava em ambas?

Após despejar água fervendo em duas xícaras sobre os saquinhos de chá, entregou-me uma.

- Eu gosto bem doce, e você?

- Também.

Tive que admitir, eu estava ficando afiadíssima em respostas curtas. Adoçamos nosso chá. Voltamos para a sala e sentamos no mesmo lugar de antes.

Bebi o chá em silêncio.

- Então, já descobriu o sabor? Desafiou-me. Desculpe! Sei que está de férias, e você sente o cheiro e não o gosto dos perfumes, mas aceite como um treinamento, para manter-se em forma. Completou.

Irônico, eu diria. Os olhos riam-se de mim, os lábios não!

Bebi mais um gole. Falei:

- Menta... Menta com... Menta com chocolate!

Sua boca abriu-se num delicioso sorriso. Mas, dessa vez foram os olhos a abandonarem a expressão alegre.

- Você mora sozinho aqui? Ousei perguntar.

Se eu não o tivesse visto preparar o chá, diria que acrescentou algum ingrediente alcoólico. O ambiente me deixou mais relaxada, e, admiti, a presença dele também. Talvez fosse o cheiro do mar, ou o ruído da maré. A tranquilidade penetrou no local e, finalmente, conversamos.

- Gosto de solidão.

- Não me parece solitário! Digo, tem seus amigos...

Ele concordou.

- Nem sempre a gente encontra o que procura.

- Você procurava a solidão?

- E descobri que não sou boa companhia para ela. Ela me recusou.

- Não acho que a solidão seja uma boa companheira!

- Não acha?

- Talvez para quem escreve... Mas alguns autores conseguem escrever no meio da multidão, não é? Inquiri.

- Creio que sim.

- Você precisa se isolar para escrever?

- Se preciso me isolar para escrever? Bem, foi assim que escrevi este livro. Falou, apontando para o exemplar sobre a mesa. Mas, não existe regra. Existe o momento. E o que funciona uma vez, nem sempre se repete.

- Não existe regra? Você quer dizer que nem sempre ocorre do mesmo jeito? Que complicado, não? Você, então, precisa se conhecer muito bem para saber o melhor jeito para escrever...

- E nem sempre isso acontece.

- Como prefere? Quero dizer agora, como prefere escrever?

- Não busco mais a solidão como solução, rima, mas não funciona.

Completou, rindo.

- Você não concorda que é mais solitário para quem está ao lado do escritor sem conseguir participar do mundo dele?

Ele olhou-me, admirado. Ou seria impressão minha?

- Por que diz isso? Você também é escritora?

- Não! Já li alguma coisa a respeito... Livros de teoria sobre a arte de escrever romances, poemas... Coisas desse tipo.

- Sabe que nunca pensei nisso? Pode parecer egoísmo da minha parte, mas nunca me importei ou parei para pensar. Sozinhos, não ferimos ninguém!

- Depende do que se escreve. Observei.

Ele fez silêncio. Terminou o chá.

- Prefere escrever à noite ou pela manhã?

- Quando surge a idéia.

- Ouvi dizer que a música pode ser muito inspiradora. Ou você é daqueles que abominam a palavra inspiração?

- Muito pelo contrário! Compreendo o que é a inspiração no meu trabalho e, ultimamente, passo os dias a persegui-la. Quanto à música, não funciona comigo. Prefiro ouvir o silêncio. Perto do mar, temos uma musicalidade constante.

- É verdade! Concordei. Na primeira noite na Pousada, estranhei o barulho das ondas... Acho que senti falta do ruído da cidade. Como dormir sem sirenes e buzinas?

- Não me pergunte, já não sei mais o que é isso.

- Você é que é feliz! Falei. Então, você ouve o silêncio para escrever! Completei, interessada.

- Só que, ultimamente, o silêncio não tem dito nada...

Pousei a xícara sobre a mesa de centro. Tomei o livro na mão.

- Já vai? Perguntou-me.

- A sua casa é muito bonita! Muito clara e limpa.

- Obrigado! Tenho alguém para cuidar disso. Sozinho não sou nada!

Que contradição! Ele não era solitário? Não buscava o isolamento para escrever? Como afirmava, então, que alguém cuidava da casa para ele? Eu não notei vestígios da presença de outra pessoa ali! O que haveria para notar se eu não entrara em seu quarto?

Coloquei-me de pé e segui até à porta da frente. Ele me acompanhou. Agradeceu a visita. Eu agradei o livro. Dissemos adeus. Parti.

Cada poeta em seu lugar

Abracei o livro no peito e tomei o caminho de volta à Pousada. Eu tinha um exemplar do livro de Solano Braz! Entretanto, a lembrança da minha

missão fracassada na primeira visita ao Poeta me desanimou. Por que não entrei no assunto das cartas? Começava a me questionar se seria mesmo capaz de conseguir ler os poemas de Fábio! De quantas visitas precisaria? Quantos dias ali perdidos! Sem mencionar as minhas economias que se esvaíam com a maré.

Ao chegar à Pousada, encontrei o balcão do restaurante vazio. Aproximei-me. Ouvi vozes vindo da cozinha. Espiei a almofada onde Bel trançava um emaranhado de fios e alfinetes de cabeças coloridas. Achei o trabalho bastante adiantado! Ao lado da almofada, algo me chamou atenção. Contornei o balcão para ver melhor e constatar com a proximidade e, finalmente, com o toque dos dedos, que aquele objeto me pertencia! Era a concha que Solano Braz havia me dado na noite anterior. Reconheci pela lasca, resultado de quando a arremessei contra a parede. Segurei na mão e a guardei no bolso. Subi sem que ninguém me visse.

Guardei a concha junto ao livro, na mala. Com tanta concha na praia, por que ela pegou a que ganhei do Poeta? Talvez fosse essa a resposta.

O que mais ela teria roubado? Questionei-me, observando atentamente meus pertences. Nada! Somente a concha.

- É minha! Murmurei.

Quando voltaria à casa do Poeta? Não recebi convite! Afinal, fui lá buscar o livro que ele me prometeu.

Imaginei que poderia encontrá-lo durante o jantar, no restaurante. Engano meu! Jantei sozinha e encarei o manjar, de sobremesa, também sozinha!

Desisti de esperar que ele aparecesse.

- Já vai dormir? Perguntou-me Ituriel.

Imaginou ser ele o motivo das longas horas que passei ali na noite anterior? Engano seu, meu chapa! Pensei comigo. Eu tinha uma missão a cumprir. Não salvaria a humanidade, não teria o agradecimento dos arqueólogos, nem o despojo literário que eu fora buscar faria parte do museu nacional. Era uma missão de cunho pessoal, particular, íntimo e de extrema importância para desvendar os sentimentos que meu namorado nutria por mim. Ou seja, a missão dizia respeito somente a mim, embora envolvesse outras pessoas que nada tinham a ver com o meu problema, mas isso não tinha a mínima importância.

- Estou cansada! Respondi e não dei oportunidade para algum argumento incongruente de sua parte. Como havia lerdeza em seu pensamento, subi a escada antes que ele formulasse um comentário.

Reconhecia que se alguém tinha culpa pela missão fracassada, não seria Ituriel, nem a sua irmã, ladra de concha. Eu! Eu engoliria a culpa! Amarga, acre, indigesta...

Não consegui dormir. Nem tentei. Nem ao menos deitei na cama. Como então chamaria o sono? Nem que gritasse ele viria! Debrucei-me na janela do quarto e deixei que a brisa da noite trouxesse o cheiro do mar.

A noite fria mostrava pontinhos prateados no céu. A lua, entre nuvens, insinuava-se de quando em quando. Pensei em partir. Em um minuto faria a mala e aquele lugar deixaria de existir para mim! Passado! Tornar-se-ia como aquelas vagas lembranças que nunca afirmamos se realmente aconteceram ou se foi em sonho ou num filme que vimos. Solano Braz seria o protagonista de um filme e eu não faria mais parte do elenco. Aquele lugar parecia realmente cenário de algum romance. E eu pularia para fora da ficção enquanto tinha chance... Pensando nisso, lembrei do livro do Poeta. Levei-o até a cama e comecei a folheá-lo.

Li aleatoriamente os poemas.

Não imaginava que um sorriso, um gesto, um jeito de olhar fossem capazes de suscitar palavras tão significativas. O modo como ele descrevia o beijo da mulher amada levou-me a questionar se aquele seria um ato que somente ele experimentou. Ou se somente ele seria capaz de o descrever

daquele modo. Por que um poeta escolhe esta e não aquela palavra? Por que era na voz de Fábio que eu ouvia a narração dos poemas? Talvez eu quisesse iludir a mim mesma, pensando que aqueles poemas poderiam ser os do Fábio. Pois se fossem, eu seria a mulher mais feliz do universo! Seriam como aqueles os poemas que eu viera buscar? Se fossem, valeria a pena cada minuto gasto naquele fim-de-mundo, cada centavo gasto nas diárias da Pousada, cada palavra trocada com o poeta Solano Braz.

Joguei o livro sobre a cama e deixei o quarto.

Não tive outra opção além de descer a escada. No restaurante, Ituriel encontrava-se de costas. Meu passo surdo levou-me até a porta sem lhe chamar atenção. Saí para a praia.

Abotoei o casaco. Frio!

Aproximei-me do mar. A espuma me pareceu idêntica ao bordado de Bel naquela almofada, mas logo se desfez. Não era renda de bilro!

Caminhei pela areia. Respirei fundo. Como era agradável aquele lugar! Tranquilo. Não, eu não conseguiria classificar, no futuro, aquela passagem da minha vida como um fio de lembrança ou um sonho... Não! Era real e eu jamais esqueceria aquela Praia das Gaivotas.

Mantive o passo lento, mas, como era de se esperar, caminhava na direção da casa do Poeta. Não queria me afastar muito da Pousada, afinal, era

noite e eu não conhecia os perigos do lugar. Ali haveria perigo, embora fosse difícil de imaginar! Há perigo no Paraíso?

Mais adiante vi a figura de um homem. Parado, olhava para o mar. Meu receio esvaiu-se quando reconheci o perfil do Poeta. Ele não percebeu minha aproximação.

Parecia absorto em si mesmo, olhava o firmamento, que àquela hora da noite não existia. Mas estava lá.

Não querendo anunciar minha chegada, mantive o silêncio, deixei que ele sentisse a minha presença antes de me ver.

- Também não consegui ficar em casa. Disse-me ele sem se virar, como se tivéssemos marcado o encontro ou se o fato de eu aparecer ali fosse o mais corriqueiro possível.

Para mim não era! Por isso meu coração estava aos pulos, apesar da aparência tranquila. Imaginei que o barulho no meu peito se revelasse na quietude da praia, pois ele olhou admirado para mim.

Sentou-se na areia e eu fiz o mesmo.

- Está com frio? Perguntou-me.

- Não.

Abracei os joelhos e não me afastei quando senti meu ombro tocar no dele. Um pouco de calor não me faria mal. Difícil era acalmar o coração!

Irritada comigo mesma, quis puxar assunto para esquecer os inconvenientes do corpo.

- Deve ser bom morar aqui... Eu não pensaria duas vezes em...

- Deixaria a cidade para morar num lugar como este?

Não respondi.

- A maioria das pessoas diz que sim, mas não consegue abandonar seus vícios. Reafirmou.

- Eu não chamaria de vícios, tenho que trabalhar, pagar as contas. Se eu morasse aqui, de que viveria?

- Bel se vira.

- Ela nasceu aqui! Tem a Pousada...

Ele pareceu concordar. Fez silêncio. Ouvimos duas ou três ondas baterem na praia, preguiçosas. Eu então falei:

- Eu li seus poemas.

Ele virou meio corpo para mim. Apesar da claridade da lua e principalmente da luz da varanda da sua casa, havia uma sombra em seu rosto me impedindo de observar seus traços por completo.

- Não vejo a hora de reler cada palavra...

- Não vê?

Sorri.

- Confesso que não fazia idéia do conteúdo do livro e um mundo novo abriu-se para mim! Cada palavra escolhida molda seu sentido no sentimento que eu buscava. Acho que foi por isso que não consegui dormir.

Ele olhou-me por alguns minutos.

Depois, voltando-se para o mar, disse:

- Que bom que gostou.

- Você tem outros livros publicados?

- Gostaria de ler?

- Muito.

Aos poucos meu coração se aquietou, pelo menos não latejava mais em meus ouvidos e eu podia escutar somente o silêncio da noite. Apesar de calado, o Poeta não me parecia triste ou mal-humorado como acontecia com Fábio no período noturno. Com quase um ano de namoro, me habituei às inconstâncias do temperamento dele! Era insuportável quando não conseguia escrever, dormia sentado na escrivaninha, sobre os papéis. Quando escrevia, se distanciava de mim! Ouvia Chopin e trancava-se em si mesmo. Solano Braz me parecia o mesmo daquela tarde! Afável e gentil... Quando escrevia? Em qual momento se fazia necessário criar? Porque Fábio... Fábio era Fábio. Solano Braz... não era Fábio! Cheguei à conclusão de que deveria pôr cada poeta em seu lugar. Não era correto fazer uma comparação entre eles! Solano

não era um espelho obrigado a refletir na superfície todas as virtudes e defeitos do meu namorado. Naquele momento me pareceu imensa a diferença entre os dois!

- Você já foi casado? Resolvi perguntar. O silêncio excessivo me fazia pensar muito e, como consequência, surgiam perguntas como aquela.

- Já. Tenho uma filha. Provavelmente da sua idade. Quantos anos têm? Vinte e cinco, vinte e seis?

- Não! Tenho trinta e dois.

- Parece ter menos.

Não recebi o comentário como elogio, afinal, ser mais jovem implica em ser menos experiente. Essa impressão eu não desejava lhe passar.

- Sua filha tem vinte e seis?

- Da última vez que eu a vi, tinha.

- E quanto tempo faz?

- Estou brincando. Falei com ela por telefone na semana passada. É professora na mesma Universidade em que eu lecionava, sabia?

- É mesmo! Ela dá aula de Literatura?

- Não. História.

- Ninguém é perfeito. Brinquei.

Ele riu.

Encarou-me. O sorriso preso aos lábios por um fio de lembrança ou a idéia para algum poema. Como adivinhar? O perfume dele pareceu-me estender a mão invisível novamente na minha direção. Estávamos próximos e... Por um momento, achei que ele iria me beijar.

Levantei rapidamente. Espanei a areia da roupa.

- Está tarde! Melhor eu voltar à Pousada e tentar dormir.

Ele pôs-se de pé também.

Caminhei de costas. Ele veio na minha direção.

- Eu acompanho você.

Abri a boca para dizer que não havia necessidade, mas proferi palavras silenciosas.

Mantivemos os passos lentos. Existiria paraíso? Naquele instante sim! Tive o endereço em minhas mãos. Não era um lugar, era um perfume! *Mouette*! O meu paraíso se chamava *Mouette*.

Olhamos o mar, o céu, os galpões dos barcos, lacrados e envoltos na escuridão da noite.

Ao chegarmos perto da Pousada, ele falou:

- Janta comigo amanhã?

- No restaurante?

- Na minha casa.

- Oito horas?

- Sete. Tenho um compromisso às oito.

- Está certo.

Pensei que ele se afastaria e voltaria dali. Entretanto, manteve-se ao meu lado. Subimos os degraus ele abriu a porta para mim. Entrei. Vi Bel no outro lado do balcão. O Poeta acenou para ela. A irmã de Ituriel retribuiu a gentileza.

- Durma bem. Disse-me.

Sorri e me afastei.

Quando pensei que o Poeta sairia, ele entrou no restaurante logo atrás de mim. Foi na direção de Bel. Ela o atendeu, sorridente. Conversaram num tom baixo, não fui capaz de compreender o que diziam um ao outro.

Sem olhar para trás, disfarçando a curiosidade e a indignação, subi para o quarto. O paraíso dela também se chamava *Mouette*? Então, não foi por educação ou qualquer outro interesse que me acompanhou até ali! Veio encontrar-se com a Bruxa Moderna. Não era assim que o irmão a descrevia? Bruxa Moderna! Ladra de concha.

A minha primeira atitude, quando amanheceu, foi buscar alguma interpretação diferente para as palavras na dedicatória de Solano Braz. Levei o livro à janela e mostrei ao sol.

Seria prudente jantar na casa dele? E não era isso que eu havia planejado? Uma nova visita aumentaria a minha chance de conseguir ler os poemas de Fábio. Tudo estava saindo como eu havia arquitetado. E naquela noite, na casa do Poeta, não deixaria passar a oportunidade de obter os poemas, as cartas, toda a correspondência. Quando eu digo “obter” quero dizer “roubar” mesmo! Nem que eu escondesse toda a papelada dentro da roupa. Reviraria as gavetas se fosse preciso. Afinal era para isso que eu iria jantar com ele. E não me custou esforço algum, ele mesmo convidou! Um encontro diante do mar, sob o luar da Praia das Gaivotas e o convite fora feito. O meu plano começava a dar certo. Logo teria nas mãos o que viera buscar.

Peguei o telefone e disquei o número de casa.

Impaciente, aguardei.

Ninguém atendeu! Eu me perdera no tempo... No paraíso era sempre domingo! Disquei novamente. Nada! Talvez Débora estivesse dormindo. Ou já havia saído para o trabalho? Como era possível? Aqueles poucos dias ali me deixaram tão desligada do tempo real!

Larguei o telefone. Tentaria mais tarde.

Resolvi, então, que deveria ir até em casa. Decisão que não se manteve de pé por muito tempo na minha mente. E se encontrasse Fábio... Desistiria da missão! Voltar para a cidade seria admitir a minha incompetência de nem ao menos tentar ler os poemas dele. O jantar daquela noite seria um ótimo motivo para o Poeta me mostrar sua correspondência com o jovem pupilo. Jovem pupilo? Era a primeira vez que eu adequava Fábio àquele termo! Aprendiz condizia melhor com a situação. Ele que sonhava um dia ser como Solano Braz não fazia idéia de como era a vida do Poeta ali, no paraíso. A imagem de “paraíso” diverge de poeta para poeta. Como a de “inferno” também. Não! Nisso talvez concordassem, inferno era não criar.

Lembrei que deveria dar uma volta de carro pelas redondezas. Não pelo repentino gosto por desbravar o desconhecido, mas, pelo singelo motivo de não deixar falhar a bateria de meu automóvel já adolescente.

Peguei o veículo e girei pelas ruas próximas.

Na estrada principal encontrei um restaurante e parei para almoçar. Comi peixe frito. A proximidade do mar não proporcionava opção mais saudável. Não se comparava à refeição servida no restaurante da Pousada das Gaivotas. A sobremesa era boa.

No caminho encontrei uma lavanderia. Havia separado algumas roupas numa sacola com a prévia intenção de lavá-las em casa se eu resolvesse dirigir até lá.

Encontrava-me exatamente entre a cidade e a praia. Aquela mesma estrada que me acompanhou na ida para o litoral, poderia me levar de volta para casa. Direita ou esquerda? Qual direção tomaria?

Com as roupas limpas, macias e cheirosas, na sacola, voltei para a praia. Porém, não fui direto para a Pousada. Queria estar ausente nas horas que antecediam o jantar na casa do Poeta. Voltaria somente ao entardecer. Ordenei para mim mesma. Dirigi mais alguns quilômetros até um mirante. Estacionei.

Desci do carro. O silêncio e a quietude do local eram reflexo da estação do ano. No verão, por certo, o lugar desfigurava-se com a presença de turistas em excesso. Naquele momento, eu tinha a paisagem toda para mim. Egoísmo? E quem não o teria com o cenário que se descortinava daquele mirante? As gaivotas crocitavam, em vôos rasantes, de asas abertas, por todo o paraíso. O mar refletia a cor do céu, sem nuvens. Senti um bem-estar inédito na minha vida. Um sentimento de dentro para fora, reflexo da paisagem em mim, com toda a certeza. Num instante, a beleza do mundo exterior instalou-se em minha alma. Respirei o ar fresco. Cheiro de natureza! Eu seria capaz de largar tudo para morar ali! Abandonaria a civilização pela remota

possibilidade de fixar residência naquele paraíso... Não! Como abandonaria tudo? O lugar era bonito, mas um fim-de-mundo. E o emprego? E Fábio? Ele talvez não visse o lugar com os meus olhos. Sol, mar, gente... Não estavam nos planos dele! Para ele, Solano Braz morava, ou melhor, se escondia do mundo, no meio do nada. E aquele lugar poderia ser “tudo” menos “nada”. Quanta diferença entre a imagem na sua mente e a realidade!

Por todo o caminho de volta pensei em como entraria no assunto das cartas com o Poeta. Sutileza e persuasão? Olhei o relógio. Tomaria um longo e relaxante banho. Banho de coragem.

Chegando ao estacionamento da Pousada, deixei o automóvel sob uma árvore. O passeio foi suficiente para dar nova vida à bateria do carro, entretanto, eu me esquecera de colocar gasolina. Se não andava, ia-se a bateria, se andava, acabava a gasolina! Ó dilema de proprietários de veículos antigos... Se funcionassem a perfume... Umas gotinhas de *Poète* e andariam por quilômetros. Precisava patentear a idéia. E encontrar um profissional capaz de inventar tal motor. Pelo menos, a poluição do ar agradaria ao olfato.

Cumprimentei Ituriel ao entrar no restaurante.

Mantive o passo e subi para o quarto.

Eu merecia um banho!

Imaginei que deveria ter perguntado ao Poeta se precisava levar algo como bebida ou sobremesa... Que grosseria! Melhor esquecer. Foi o que fiz.

Escolhi uma roupa descontraída, tênis... Abençoado caminho de areia! Deixava de lado qualquer possibilidade de usar salto alto.

O sol se despediu da praia. Eu me despedi da Pousada. Rumo à casa de Solano Braz! Levava comigo a esperança de cumprir minha missão naquela noite. Acenei para Ituriel, na saída. Admirado, ele sorriu e observou-me até eu fechar a porta.

O Paraíso

Tentei frear a euforia. Tive vontade de caminhar descalça pela praia. Não, não era uma boa idéia! Deixaria para a volta, se a euforia também retornasse comigo.

O espetáculo da natureza exibiu-se prendendo minha atenção e deixando minha mente cheia de expectativas para a noite que se insinuava. Longa despedida do dia. Nuvens coradas fechavam a cortina no palco onde o sol fora protagonista. Quase aplaudi.

Mais adiante percebi alguém vindo em minha direção. Lentamente a figura se moldou na aparência de Bel. Ela, ao identificar-me, não sorriu. Deixou a admiração desfazer-se em seu rosto e cumprimentou-me, comedida.

- Olá, Anita!

- Oi, Bel.

Foi o nosso diálogo, ao passarmos uma pela outra. Não ameacei parar, ela igualmente.

Percebi algo diferente nela... Num coque frouxo, alguns fios de seus cabelos pendiam ao redor do rosto, mas, a diferença era o fato de eles estarem molhados. Molhados! Ela vinha de onde eu imaginava? Com o cabelo úmido? Úmido não, molhado!

Intrigada, mantive o rumo. Já não levava a mente desabitada. Um grande ponto de interrogação se pendurou em mim. Quase me escorei nele para caminhar melhor na areia fofa.

A casa de Solano Braz logo surgiu à minha frente. Custou-me a acreditar! Não por chegar ali, mas por estar ali. Admirei minha coragem! E se tudo desse certo, sairia dali conhecendo o conteúdo dos poemas de Fábio.

O Poeta abriu-me a porta quando alcancei o gramado diante da casa.

- Você é pontual! Começou ele, sorridente. Venha! Entre!

A primeira coisa que notei foi o cabelo dele: molhado! Ocorreu-me a questão, se eu não fosse tão pontual, como ele observou, e tivesse me adiantado, onde encontraria Bel? Na porta da casa dele? No quarto dele? Mas, por que me importar? Eu nada tinha com o Poeta. Interesse? Interesse em conseguir os poemas de Fábio era tudo o que eu queria do Poeta.

Ele olhou na direção da praia antes de fechar a porta, após eu entrar. Certificava-se de que Bel fora embora realmente? No meu encontro com ela, uma coisa ficou clara para mim: eu sabia de onde ela vinha, ela sabia para onde eu ia. Coisa de bruxa moderna? Não, qualquer um suspeitaria. E qual perfume ela estaria usando? *Plage* ou *Mouette*? Ele usava *Mouette*! Lá fora as gaivotas voavam; dentro da casa, o cheiro dele espalhava-se pelo ar, de asas abertas, só que em francês.

O ambiente da sala era agradável também à luz artificial.

- Deveria ter perguntado se você queria que eu trouxesse algo para bebermos ou uma sobremesa...

- Então pergunte.

- Não vai me fazer sair para comprar uma bebida ou preparar a sobremesa agora, vai? Brinquei.

Ele riu.

- Vai correr o risco?

- Quer que eu vá até a Pousada pegar uma bebida com Ituriel, ou comprar um doce para a sobremesa? Questionei, fingindo aborrecimento.

Ele fez silêncio. Mostrou-se pensativo. Levou a mão ao queixo. Olhou o relógio.

- Não. Falou, sorrindo. Você é minha convidada, Anita! Não precisa trazer coisa alguma, mas seja gentil e não reclame do que eu servir, está combinado?

- Combinado, senhor Poeta.

- Me chame de Solano. Pediu.

Ops! Ele era poeta, não se chamava poeta! Mas eu gostava de me referir a ele desse modo.

- Posso chamá-lo de Poeta? Insisti.

- Prefiro Solano. Venha, vamos jantar.

Colocou-se de pé e estendeu a mão para mim. Não a segurei. Levantei, mas não dei um passo. Ele encaminhou-se para a cozinha e eu fui atrás.

A mesa arrumada com esmero esperava-me, pronta. Toalha branca, pratos e talheres em lados opostos. Agradou-me a ordem e a decoração simples.

Ele segurou um dos pratos, foi até o fogão, levantou a tampa de uma espécie de frigideira e começou a servir, sem nem ao menos me perguntar se eu gostava do que teria de comer.

- O que é? Resolvi perguntar.

- Não me pergunte.

- Por quê? É tão ruim assim?

- Pelo contrário! É delicioso! Só não sei lhe dizer o nome disso.

Disso? Pensei comigo. Eu teria que comer? Valeria a pena o sacrifício? Bem, a fome seria minha grande aliada.

Entregou-me o prato e serviu outro para ele.

A aparência não era das piores. Sobre a mesa uma travessa com o que imaginei ser: batata cozida cortada ao meio, com alguns temperos verdes em cima. Seria a minha salvação, caso o gosto “daquilo” não me agradasse. O cheiro era bom!

Sentei.

Ele abriu uma garrafa de vinho. Serviu-me.

Eu não iria compará-lo a Fábio. Seria impossível!

- Gostou?

- Ainda não provei.

- Tenha coragem. Vai gostar.

Espetei o garfo no que suspeitei ser um camarão, grande e rosado.

Provei.

- É bom! Muito bom!

- Não lhe disse?

- Estou surpresa!

- Não fique.

- Por que não? Eu sou péssima cozinheira! Não preparo nada parecido com isso!

- Nem eu!

- Não foi você que preparou a janta?

- Não. Foi Bel.

- Bel? Por quê?

- Como por quê? Eu pedi e ela preparou. Pensei que tinham se encontrado na praia. Ela saiu daqui quase agora.

- É, eu a encontrei sim. Mas não imaginei que ela tinha vindo daqui. É claro que reparei no cabelo dela molhado e no seu também, isso levantou suspeita...

- Suspeita?

- De que ela tinha saído daqui. Não há muitas casas por perto.

- Não entendi a referência ao cabelo molhado.

- Não é para entender mesmo. Posso beber vinho? Questionei, pedindo que me passasse a taça que ficara perto dele.

- Claro! Por que ficou irritada?

- Não estou irritada.

- Pensei que gostasse da Bel.

- Gosto.

Limitei-me a comer. E esvaziar a primeira taça de vinho. Ele serviu-me mais. Depois, perguntei:

- Ela sabia que eu era a sua convidada?

- Ela quem?

- Bel.

- Por isso preparou o prato especial. Sempre faz o básico, arroz, salada...

- Ela sempre cozinha para você? Por que não ficou para jantar conosco?

- Ela coordena a cozinha no restaurante da Pousada. Mas, então você não gosta de cozinhar...

- Ela nunca janta com você?

- Esqueça a Bel.

Freqüentava a casa dele e “viu” que o perfume *Mouette* tinha acabado. Lembrei do que ela me dissera na loja.

- Ela gosta muito de você. Afirmiei.

- Também gosto dela.

- É claro que gosta. Resmunguei. Então ela preparou a janta, tomou banho e foi para o restaurante. Completei, como se falasse para mim mesma.

Ele observou-me.

- Não está boa a comida?

- Está ótima!

- Então por que se revoltou contra ela?

- Não me revoltei contra ninguém. Só quero compreender a situação.

- Situação?

- Estão juntos há muito tempo? Questionei.

- Juntos? Eu e Bel? Não! Ela... cuida de mim!

- Cuida de você?

- É uma boa amiga.

- Esse tipo de amizade eu não tenho!

- Por que está irritada?

- Estou irritada? Não! Desculpe... Eu acho que foi o vinho. Posso culpar o vinho?

Ele sorriu.

- Foi o vinho. Garanti. A sua vida particular lhe pertence, não a mim.

- Anita, a Bel cuida de mim e da casa! Ela cozinha, faz as compras, a limpeza...

- A limpeza? Ela trabalha para você?

- Mais ou menos isso. Não reparou em como a casa está limpa? Ela cuidou de tudo esta tarde, trabalhou um bocado, suou um bocado!

- E tomou banho antes de sair.

- Tomou. Disse ele, rindo de mim.

Rindo de mim por quê? Eu só estava curiosa. A Bel era empregada dele! Bem, talvez não fosse só isso, mas, por hora, joguei minha irritação pelo ralo da pia. E confessei:

- Ela cozinha muito bem! Esse prato está fantástico!

- Quer mais um pouco?

- Não.

Ele levantou e foi servir-se de mais uma porção. Preferi as batatas cozidas. Macias, saborosas... Mais vinho para acompanhar.

Terminamos a janta. Levamos as taças e a garrafa de vinho para a sala. A louça ficaria para Bel lavar, quando ela viesse “cuidar” dele no dia seguinte. Sentamos no sofá.

- Tenho que confessar uma coisa. Começou ele. A Bel preparou uma sobremesa, mas não tenho muito jeito para servir...

Levantei.

- Então me mostre onde guarda os pratos de doce. Falei.

Ele colocou-se de pé. Talvez empolgado com o meu repentino bom humor. Seguiu-me até à cozinha. Eu precisava de algo para acompanhar o vinho que bebia. Abri o armário que ele me indicou e peguei os pratos. Na geladeira, encontrei uma travessa de vidro azulado onde suspeitei estar a sobremesa que Bel preparou.

Ele entregou-me uma pá de bolo. Servi dois pratos.

- Parece delicioso! Comentei. O cheiro é bom. A aparência também. Vamos testar o paladar... Lambi a ponta do dedo lambuzado pelo creme quando fatiei o doce.

Guardei a sobremesa na geladeira e voltamos para a sala.

- É uma torta gelada de bolacha, creme de leite, chocolate... Você escreve seus poemas no computador? Perguntei, mudando radicalmente o assunto.

Ele demorou a entender sobre o que eu falava. Então respondeu:

- Nem sempre.

- Lápis, caneta?

- O que tiver a mão.

- Escreve à noite?

- Depende.

- Precisa estar sozinho para escrever?

- Nem sempre.

- Acho que, se eu fosse escritora, faria muitas histórias sobre as gaivotas. Elas dão nome ao lugar e estão em toda parte!

- E como se chamaria o seu livro, *Mouette*?

- É provável. Confessei, rindo.

Olhei ao redor.

- É muito bonita a sua casa...

- Você mora com seus pais?

- Não. Meus pais moram no interior do estado.

- Mora sozinha, então?

- Divido o apartamento com uma amiga, Débora.

- Ela também vende perfumes?

- Não. Ela é secretária-executiva numa grande empresa.

- Não tirou férias para acompanhar você?

Nesse instante, ouvimos alguém bater à porta. O Poeta levantou-se e foi atender.

- Fagundes, meu chapa!

- Não estou atrapalhando, estou?

- Não! Entre.

Ao notar minha presença, o homem que acabara de chegar estacou à porta.

- Está com visita! Volto outra hora, Solano.

- Que nada, Fagundes! Anita é uma amiga. Este é o Fagundes, não se aproxime muito, pois ele é um mestre com a tarrafa.

- Que é isso! Vai assustar a moça. Ele é que é o melhor na arte de tarrafejar.

O Poeta riu.

- Anita está de férias, hospedada na Pousada de Ituriel.

- Saulo Fagundes. Falou o homem, estendendo a mão para mim.

Sentaram. Solano no sofá ao meu lado, o visitante na poltrona.

- Olha, estão aqui. Falou, jogando um envelope sobre a mesinha de centro. Prefere que eu mande de volta, ou você mesmo faz?

O Poeta mostrou-se pensativo. Não respondeu de imediato ao outro.

- Eu mudei de idéia. Disse, enfim.

- Mudou?

Solano assentiu.

- Vai escrever sobre a Praia das Gaivotas, como lhe pedi?

Olhei curiosa para o Poeta. Ele manteve a atenção na taça de vinho.

Depois, como se despertasse de um sonho, comentou.

- Nem peguei uma taça para você!

- Não. Não se incomode. Hoje não vou beber.

- Por quê? Fez promessa?

- Mais ou menos. Prometi a minha mulher que não colocava uma gota de álcool na boca o mês inteiro.

- Um refrigerante?

- Não, não, só vim para lhe devolver os textos do rapaz, mas se me diz que fará o livro... Fecharemos negócio.

- Por falar em negócio, meu caro Fagundes, eu soube que a sociedade com a outra editora deu certo. Parabéns!

- Estamos ampliando o prédio. Vou contratar novos funcionários, uma secretária. Se souber de alguém, me avise... E para quando será o seu livro? Vamos planejar o lançamento?

- Não seja ganancioso. Brincou Solano. Primeiro o livro do Fábio. Disse, apontando para o envelope sobre a mesa.

Olhei estarecida para o Poeta. Do Fábio? O homem, sentado na poltrona esticou o braço e segurou o envelope. Não! Eu quis gritar: deixe-me

ler, deixe-me ler primeiro! O texto do Fábio exibia-se num envelope à minha frente e eu não pude estender a mão e alcançá-lo. Não pude!

- Já vou levar para a editora. Se aceita minha proposta, publicarei o livro do seu amigo.

- Feito! Proferiu Solano.

Ficaram de pé e apertaram as mãos, num pacto que eu tentava decifrar e compreender. Aqueles eram mesmo os poemas do Fábio? Aquele era o editor? Por que havia devolvido os poemas, então? E ele os estava levando de volta? Por que não os deixava ali para eu ler?

Solano acompanhou o visitante até a porta.

Com o envelope sob o braço, o editor acenou para mim.

- Foi um prazer, moça. Não esqueça de passar amanhã na editora.

O Poeta concordou em silêncio.

Apertaram-se as mãos e abraçaram-se.

Atônita, reconheci ter perdido a excelente oportunidade. Entretanto, Solano deveria ter consigo os originais. Onde os teria guardado? Como eu o convenceria a mostrar para mim?

Quando retornou à sala, antes de sentar, encheu sua taça de vinho e bebeu metade de um só gole.

- De quem eram aqueles poemas? Ousei perguntar.

- De um amigo.

- Amigo?

Ele não me deu resposta. Resolvi mudar a tática. Que magnífico *savoir-faire*!

- Você está escrevendo um livro de poemas sobre a Praia das Gaivotas? Como se chama?

- Uma espécie de homenagem em verso...

- Homenagem à Praia das Gaivotas? Gostei!

Ele se aproximou e sentou ao meu lado.

- Quer mais doce? Perguntei.

Ele balançou a cabeça negando. Passou a mão pelo rosto. Esfregou demoradamente os olhos. Pareceu-me cansado. Achei que era hora de me despedir, mesmo admitindo não ter cumprido minha missão. Estive tão perto do texto de Fábio! A imagem do envelope carimbada em minha retina dava-me arrepio só de lembrar...

- Está tarde, eu vou embora.

Coloquei a taça de vinho na mesa.

- Não vá.

Virou-se para mim. Segurou minha mão.

- Você está cansado. Argumentei.

- Não estou. Só não quero falar sobre o livro.

- Por quê? Inquiri, curiosa.

Ele remexeu-se. Inclinou-se, ainda segurando minha mão.

- É um assunto sobre que preciso pensar.

- Sobre o livro do seu amigo?

- Não, o livro que eu tenho que... o que eu vou... O meu livro. Fique mais um pouco. Pediu. Levou minha mão para junto dele e começou a examiná-la como se fosse adivinhar meu futuro pelas linhas ali presentes.

- E o livro do seu amigo? O editor não queria publicar?

- Os poemas são bons e vão ser editados.

- Ele vai pagar a publicação?

- Quem?

- O seu amigo.

- Não. Eu vou.

- Você? Pelo que entendi, o editor quer que você escreva um livro sobre este lugar, estou certa?

Ele respirou fundo.

- É exatamente isso. Fizemos um acordo.

- Deixe-me entender, o editor vai publicar o livro do seu amigo se você escrever um livro sobre a Praia das Gaivotas?

- Exato.

- O seu amigo vai ficar feliz! Quem não gostaria de ter um livro publicado? São bons os poemas dele? Eu adoraria ler...

Ele baixou o rosto, percebi o toque suave de seus lábios na palma da minha mão. Estremeci. O que ele estava fazendo?

- Está tarde, vou embora. Falei, sem me mover.

- Esse tempo todo afastado da civilização me fez um idiota! Nem sei mais conquistar uma mulher!

Admirada com a confissão, questionei:

- Está tentando me conquistar?

- Não notou? Por que acha que a convidei para jantar?

- Para me conquistar? Arrisquei.

- Exatamente, mas, acho que... perdi o jeito.

Aproximou o rosto do meu. O perfume dele me envolveu. Sem saber como agir, eu nada fiz. Ele beijou-me nos lábios. Primeiro um toque suave, depois, puxou-me para ele.

Eu deveria empurrá-lo para longe. Arrombar a porta do escritório, encontrar os originais de Fábio e cumprir minha missão. Tinha tudo isso em mente. Não naquele instante! Retribuir ao beijo do Poeta era a atitude crucial

do momento. Ergui a mão e toquei o cabelo dele. Não era longo, nem fino como o de Fábio. Aquele não era Fábio! Era Solano Braz! O Poeta!

O cheiro: *Mouette*. Barulho do mar, ao longe. Entre meus dedos, os fios dos cabelos dele, o gosto de vinho da sua boca na minha.

- É melhor você ir embora. Falou, encostando a fronte na minha e respirando fundo.

Eu também precisava de ar. Mas não me afastei. Inspirei o oxigênio impregnado de *Mouette*.

- Por que me manda embora? Sussurrei.

- Porque eu bebi muito e você tem idade para ser minha filha.

- O que tem o vinho a ver com a minha idade? Brinquei.

Ele arqueou os lábios. Não respondeu.

Afastou-se, mas não largou minha mão. Eu poderia tê-la puxado, levantado e saído naquele instante. Eu poderia... Porém nada fiz, além de acariciar a mão dele.

- Meu pai tem idade para ser seu pai, sabia?

Ele olhou-me, intrigado.

- Sou a filha mais nova de uma família de sete irmãos. Na verdade meu pai tem idade para ser meu avô. Por isso, não pense, em momento algum, que eu possa imaginar você como um pai!

- Mesmo assim, é melhor você ir para casa. Insistiu sem me soltar.

Ele estava me mandando embora? Mas, e o texto do Fábio? Eu precisava ficar ali e cumprir minha missão! Expulsava-me de sua casa? E quando eu voltaria? Quando surgiria uma oportunidade tão boa quanto aquela?

- Vai para casa, Anita, vai.

- Quer que eu vá para casa? Você se refere à Pousada, não é?

Ele não respondeu. Manteve o olhar fixo na minha mão entre as suas. Puxei-a, ríspida, pondo-me de pé. Então ele estava me expulsando do paraíso! O fato de estar escrevendo poemas sobre o lugar não lhe dava o direito de posse! Ou dava? Bati a porta com violência ao sair.

A Praia das Gaivotas era dos pescadores não do Poeta! Traduzi-la em versos não transportaria o lugar para o livro nem o deixaria dominar todos que por ali passavam...

Saí do quintal da casa dele e mantive o passo o mais rápido que pude na areia fofa. Quanto mais ligeiro andava, mais meus pés se afundavam, deixando um rastro de pequenas crateras.

O Poeta logo me alcançou. Puxou-me pelo braço. Tentei desvencilhar-me. Ele segurou firme.

- Não se zangue comigo!

- Você me mandou embora!

Puxou-me para ele e beijou-me. Por que eu não o impedia? Por que não me afastava? Acho que estava óbvio! Eu precisava levar em frente a minha missão! Beijar o Poeta não estava nos meus planos, é certo. Mas, quem disse que eu não poderia incluir novas estratégias?

Um abraço apertado foi suficiente para nos incendiar. Desejei despir as roupas, em chamas. Ele despiu a camisa. Seus beijos molhados aplacaram meu corpo ardendo em fogo. Deitamos na areia. Dizem que é bom rolar no chão para abafar as labaredas. Por que não nos atiramos no mar? Foi o nosso destino final. Um mergulho para esfriar as intenções. Com os pensamentos submersos, não quis emergir. Queria afogar as idéias, revelar-me uma nova pessoa.

A mão de Solano Braz puxo-me, a água do mar batendo em nossas pernas. Andamos com dificuldade até a areia.

- Está com muito frio? Perguntou.

- Muito.

Não era somente frio.

Passei a mão nos cabelos molhados.

Naquele momento desejei não ter uma missão a cumprir. O fato de estar ali com ele, na praia deserta, deu-me a segurança de que aquele paraíso era nosso! Mesmo que no dia seguinte eu me arrependesse ou tentasse nunca

mais pensar no que acontecia conosco, aquele momento jamais deixaria de existir em minha memória!

Diante do Poeta, criei coragem para perguntar, embora os lábios tremessem pelo frio:

- Você... consegue dizer o que escreve?

- Como?

- É capaz de expressar seus sentimentos...

- Não compreendo exatamente o que quer dizer, Anita, mas se quer ouvir sobre o que acontece entre nós...

- Quero! É capaz de dizer ou só consegue escrever em seus poemas?

Se eu pedisse você falaria?

- Sobre nós...

- Não consegue?

- E você consegue? Consegue dizer o que está sentindo agora? O que está sentindo agora, Anita?

- Não sou poeta, se sinto, falo, não guardo os sentimentos para jogar no papel.

- Então não deveria se envolver com um poeta.

Um não, dois. Não consegui evitar o pensamento.

Ele aproximou-se de mim, encostou os lábios em meu ouvido, sussurrou:

- Você é o que me aconteceu de melhor nos últimos anos. Se for embora amanhã, saiba que será lembrada. Se não for embora amanhã, fez uma pausa, respirou fundo, continuou, talvez eu nunca a esqueça.

Era o que eu queria ouvir? Não! Era mais do que eu esperava ouvir. Por que ele disse aquilo? Eu não queria ouvir! Não! Ele deveria ser como Fábio, expressar-se somente através dos poemas. Por que tinha facilidade em se expressar e o meu namorado não? Eu sabia. Eu sempre soubera o poder da palavra. Afinal, se insistia tanto com Fábio era porque eu tinha certeza do efeito que causaria em mim.

Ele me acompanhou até a Pousada. Frio. Nossas roupas coladas ao corpo.

- Ainda está zangada comigo? Eu mandei você embora, mas no fundo queria que ficasse.

- Não estou zangada com você, Poeta. Falei sem olhar para ele.

- Amanhã venho almoçar com você aqui.

Chegamos ao Restaurante.

Deixei-o na calçada e me afastei em silêncio.

Entrei. Não ergui a cabeça para olhar para o balcão. Senti que me observavam. Seria Ituriel ou a irmã? A Bruxa Moderna que “cuidava” do Poeta. Preferi passar por mal-educada para não passar vergonha. Subi direto ao quarto.

Eu não queria deixar minha mente vazia e permitir que os pensamentos inoportunos se infiltrassem em mim. Pensar para me arrepender? Não! Não me arrependeria. Tomei um banho bem quente e fui direto para a cama.

De manhã cedo, telefonei para Débora.

A ligação se completou. Aguardei.

Atenderam.

- Débora?

- Anita, é você?

- Está tudo bem?

- Está, por quê?

- Eu não dei mais notícias, achei que o Fábio poderia estar estranhando a minha ausência.

- Não. Ele acha que você está viajando pelo interior com a gerente da loja. Você vai voltar? Conseguiu o que queria?

- Ainda não.

- Quando pretende voltar?

- Não sei, Débora... você está bem?

- Estou. E você, Anita? Parece... diferente!

- Diferente, eu? Impressão sua.

- Acho que deve descansar. Fique quanto tempo quiser! Aqui está tudo bem. Eu fui à loja e uma das funcionárias comentou que a gerente disse que você deveria tirar o mês todo de férias.

- Você foi à loja? Por quê?

- Fui comprar um perfume... Olha Pipa, tenho que sair agora.

Descanse bastante. E não se preocupe conosco.

- Qualquer problema você me liga, certo? Até mais.

Desliguei o telefone.

Estava tudo bem por lá. Com Fábio, na loja, com Débora... Tranquilei-me. Ela notara diferença em mim? No que eu estaria diferente? Teria percebido na minha voz vestígios dos momentos com o Poeta? Impossível! Somente eu sabia o preço da minha missão!

Voltei para a cama. Dormi até às onze horas. Levantei, tomei banho e desci ao restaurante. Solano chegou logo em seguida.

Escolhemos uma mesa para almoçar. Ituriel deixou o balcão, foi até a cozinha. Minutos depois Bel veio nos servir.

- Gostou da janta, Anita? Perguntou sem cerimônia.

- Adorei.

- Ela pensou que eu tinha preparado a comida! Comentou Solano, rindo e abraçando-me diante da Bruxa Moderna, admirada.

- Seu namorado não tirou férias?

Olhei para ela. Falava comigo? Observei seu jeito, encarando-me, séria. Então, questioneei, atônita:

- Namorado?

- Quando conversamos, na loja de perfumes, você me disse que tinha namorado. Não lembra?

Baixei o olhar para o prato. Sem esperar minha resposta, ela se afastou. Busquei coragem para olhar no rosto do Poeta. Eu não lhe devia satisfação, mas detestaria ficar dando explicações. Não queria estragar minha missão sem nem ao menos a ter cumprido. O silêncio insuportável cresceu. Nem o ruído das pessoas em volta preenchia o vazio da minha justificção.

Para minha surpresa, ele se mostrou calmo. A expressão do rosto serena. Bebeu um gole de água e ofereceu-me. Aceitei.

Então, eu disse:

- Você não parece aborrecido com o que Bel falou. É por que não se importa?

- Nada disso! É natural que você tenha namorado. É jovem, bonita. Mas, está aqui sozinha! E isso mostra que algo não vai bem. Por algum motivo se separaram e ficaram longe um do outro. Digo uma coisa para você, Anita, se eu fosse seu namorado, não me afastaria de você um só minuto...

Puxei-o e o beijei nos lábios. Não sem antes verificar se Bel nos observava do balcão. Afirmativo.

Durante o almoço tentei rememorar a cena de quando Bel apareceu na loja. Por que diabos eu contaria sobre meu namorado? Falamos dos perfumes, ela me disse seu nome, perguntou o meu... Claro! Ela disse seu apelido e perguntou se eu também tinha um e... eu disse que meu namorado me chamava de Pipa! Estúpida! Ela se lembraria do meu apelido? É quase certo que sim! Se lembrava do namorado, lembrava também do apelido! E se o nome Pipa denunciasse algo ao Poeta? Fábio teria mencionado o meu apelido nas cartas? Ou nos Poemas? Não queria que o Poeta descobrisse quem eu era realmente. Não desejava ser desmascarada daquela maneira antes de cumprir minha missão; muito menos pela Bruxa Moderna que “cuidava” dele.

- Sabe, você não parece um poeta!

- Isso é um elogio ou uma ofensa?

- Você é descomplicado, tranquilo, natural... Pensa no aqui e agora...

- E um poeta não pode ser assim?

- Não! Deve ser solitário, confuso, doentio, amargo, mal-humorado, confinado em si mesmo. A poesia é um problema para você?

- Expressar os sentimentos em versos não faz com que uma pessoa seja igual à outra, quero dizer, cada um é cada um. Tem gente solitária, amarga e mal-humorada e não é poeta.

- É verdade! Concordei. Eu achava que...

O único poeta com quem convivi não era um exemplo para se generalizar? Os poetas não são todos iguais? Não são todos como Fábio?

- Como prefere o seu poeta, minha querida?

Olhei para ele, atônita.

- Gosto do seu jeito tranqüilo, de bem com a vida.

- Assim será. Você manda!

- Todo poeta toma banho de mar à noite?

- Não me lembre a loucura que fizemos! Quase arranquei a sua roupa... Se alguém aparecesse por ali naquele momento... Janta comigo?

- Aqui?

- Lá em casa. Tenho algo para lhe mostrar.

- Mostra. Pedi.

- Não. À noite eu mostro.

- Só à noite? Insinuei. Rindo.

- Só à noite. Confirmou, erguendo as sobrancelhas.

Ótimo! Mais uma chance de conseguir o texto de Fábio. Eu não podia me queixar, as oportunidades não cessavam. Isso mostrava, certamente, que eu deveria cumprir minha missão. O destino se encontrava do meu lado e me levaria novamente à casa do Poeta. Dessa vez eu não falharia.

Quando terminamos o almoço, convidou-me a ir à editora com ele. Insistiu. Disse que eu adoraria o lugar e as reformas do prédio.

Aceitei.

Ofereci meu carro para irmos até lá. Ele afirmou que usufruiríamos o passeio a pé. Concordei. Imaginei que ele não possuísse automóvel, pois contou que vendeu tudo o que tinha para comprar aquela casa na praia. Depois do almoço a caminhada fez bem. Ao lado dele, me senti tranqüila. Parecia que já nos conhecíamos há muito tempo! Ele segurou minha mão, seguimos pela praça em direção à estrada principal. Como a vida era simples ao lado do Poeta! Sol, verde ao redor, ar fresco, nuvens brancas, a mão dele na minha. Estava na hora de eu dar um basta nas comparações. Não! Nunca me sentira daquele modo ao lado de Fábio. Nunca!

Alcançamos a estrada principal e ao fundo a praia posou como um cartão postal. Pensei na saudade que sentiria do lugar quando eu não estivesse mais ali... Ler os poemas de Fábio não implicava em fazê-lo modificar seu

modo de ser comigo. Ele não passaria a dizer o que sente pelo fato de eu descobrir o conteúdo dos seus escritos. Minha atitude, minha missão não modificariam sua falta de jeito com as palavras faladas. Como me contentaria com a escuridão e o cheiro de mofo do apartamento dele, depois do frescor da casa do Poeta? Como dividiria a cama com a Poesia, na disputa da atenção de Fábio, quando para o Poeta eu era a estrela, a concha do mar? Como? Virei para Solano e quase lhe perguntei: Como?

Subimos um lance de escada de pedra e alcançamos a entrada do prédio da editora. Viramos mais uma vez para olhar a paisagem. Magnífica!

Na recepção, a moça cumprimentou Solano, simpática. Parecia conhecê-lo de longo tempo.

- Pode subir, seu Saulo o aguarda.

- Obrigado, Marília.

Dois pedreiros colocavam revestimento em uma das paredes. No alto da escada, outro homem pintava o teto num tom azul-claro.

O editor se encontrava numa sala ampla e iluminada pela luz natural. Chamou-me atenção a janela emoldurando a Praia das Gaivotas. Entre papéis e envelopes, na escrivaninha à nossa frente, o editor não nos viu.

- Muito trabalho, meu chapa?

Finalmente ele olhou para nós.

- Vou enlouquecer sem uma secretária! Como darei conta? O prédio mais parece um canteiro de obras! Não vejo a hora de mandar toda essa bagunça para o inferno!

- Vai valer a pena o sacrifício. Confortou Solano.

Aproximou-se e apertou a mão do editor. Fiz o mesmo.

- Gostou da editora? Perguntou-me.

- Gostei. E também da paisagem. Falei, apontando para a janela.

Ele sorriu, orgulhoso. Quem não se orgulharia de ter um pedacinho daquele lugar só para si?

- Vamos entrar?

Solano virou-se para mim.

- Você espera aqui? Juro que não demoro.

- Não se preocupe. Eu espero.

Apertou minha mão com força antes de soltá-la e seguiu o editor por uma porta à esquerda. Permaneci no centro da sala.

Havia uma cadeira atrás da escrivaninha. Sentei. Dali podia ver a praia ao fundo, através da janela.

Logo em seguida, ouvi vozes. A recepcionista subia as escadas. Ao me ver, sorriu. Dirigiu-se à sala do editor; a pessoa que a acompanhava parou, aguardando-a. Virei para cumprimentar.

- Pipa? O que faz aqui?

- Fábio? Eu...

Levantei e fui até ele.

- Vim trazer uma encomenda. Falei, aos solavancos.

Parados, um diante do outro, não nos tocamos.

- Eu tenho que ir! Está tudo bem com você, Fábio? Eu estou trabalhando muito... Ligo para você depois.

- Está bem, Pipa.

Aproximou o rosto do meu, numa atitude puramente mecânica, beijou-me nos lábios, no exato momento em que a recepcionista retornava. Ela nos observou, discreta. Fábio a seguiu. Eu? Sumi o mais rápido que pude. Teria saído pela janela se não estivéssemos no segundo andar.

Que situação estranha! Eu não conseguia digerir aquele acontecimento. Como o classificaria? Constrangimento? Parecíamos estranhos um ao outro! Aquele era Fábio, o meu namorado? Então, quem era o Poeta para mim? Alguém que eu usava para conseguir os textos do Fábio, a quem eu traía com o próprio Solano? E onde eu ficava naquela história toda? Estavam ambos lá dentro, na sala do editor! Eu daria tudo para me transformar na essência do perfume do Poeta e presenciar o encontro. Qual poeta? Fábio ou Solano? *Poète* ou *Mouette*? Finalmente Fábio estaria frente a frente com seu

ídolo, seu adorado guru! E eu ali, na sala ao lado. Não. Eu já não me encontrava na sala ao lado. Enquanto meus pensamentos disparavam em lembranças e temores por ser descoberta, meus passos me conduziram para longe dali. Eu ficaria aguardando que saíssem juntos? Eu não caberia naquela cena! Ou melhor, Fábio não se encaixava ali! Era como se o cinema fosse capaz de transportar *Carlitos* e o jogar na seqüência final de *Um americano em Paris*. O cenário rejeitaria o vagabundo. O cenário da Praia das Gaivotas rejeitaria a figura de um Fábio *noir*.

Desci a rua em direção à praia. Mudei o rumo e já não escolhia o trajeto, virava para cá e para lá, indo onde quer que a estrada me levasse. Caminhei sem destino. Não queria chegar a parte alguma. Andei durante horas. Percebi o quanto tinha caminhado quando senti dor nos pés. Parei para averiguar o tamanho da bolha que me ardia no calcanhar. Não era mais uma bolha, havia rebentado e tive que mancar na tentativa de eliminar a dor. De uma coisa tinha certeza, tudo que queria era me afastar o máximo da editora.

Só me dei conta da distância percorrida quando alcancei um posto de gasolina, onde parara para abastecer na vinda para a Praia das Gaivotas. Numa lanchonete anexa, entrei e pedi café. Sentar foi minha recompensa pela autopunição do longo caminhar.

Enquanto bebia o café, pensava nas nuvens que descera sobre meu paraíso. Eles agora se conheciam: Solano e Fábio. Cúmplices pelo ofício de escrever. Publicariam pela mesma editora, namoravam a mesma mulher... Por um minuto me senti culpada. Por um minuto me senti dividida. Mas o minuto passou. Cinco, dez, quinze minutos, meia hora. Soprei as nuvens do fim de tarde. Queria uma noite limpa e clara!

Deixei a lanchonete e fiz o caminho de volta. Dobrei a parte de trás do tênis para conseguir caminhar normalmente sem mancar. Não sabia dizer a hora exata, confiei no anoitecer para assegurar-me de que a tarde ia longe.

Ao chegar à Pousada, subi direto ao quarto. Joguei-me sobre a cama, exausta. Que dia louco! Descansei até perto das oito horas. Então, tomei banho, escolhi um sapato confortável que não machucasse o calcanhar ferido, uma roupa leve e rumei para a casa do Poeta.

Caminhei devagar pela praia. Não tinha idéia de como ele me receberia depois do meu sumiço da editora. Não pensei numa desculpa para lhe dar. Inventaria alguma na hora. Planejar mentiras não me agradava. A mentira inventada na hora atesta a criatividade de quem mente. Eu planejava minha missão e não a havia cumprido. Resolvi então deixar o momento reinventar a verdade, ou moldá-la conforme a minha necessidade.

A casa do Poeta encontrava-se iluminada. Atravessei o quintal. Bati à porta. Ele não demorou a atender. Hesitante, olhou-me, curioso, antes de perguntar:

- O que aconteceu?
- Como assim?
- Por que não me esperou?
- Eu... fui caminhar um pouco e...
- Por que não me esperou? Ficou entediada? Insistiu.
- Não eu...

Não estava funcionando! Nada me ocorria para justificar a minha saída da editora. Vasculhei minha mente e nada! Quase, quase revelei a verdade. O que estava acontecendo comigo? Uma mentirinha era só o que eu precisava.

- Entre. Disse ele, finalmente, ao perceber minha indecisão.

Na sala, a mesma limpeza e clareza da noite anterior. Fui sentar-me no sofá. Sem me consultar ele serviu-me um aperitivo. Aceitei.

- Solano, eu...
- Não precisa dizer nada, Anita.
- Sim, eu preciso.

Preciso contar-lhe uma mentira. Não deixaria que imaginasse o que melhor lhe conviesse.

- Eu precisava espairecer, pensar...

Ele olhou-me, sério.

- E pensou? Inquiriu, a voz suave.

O ambiente impregnado de *Mouette* não me deixava raciocinar. Necessitava vacinar-me contra o perfume do Poeta.

- No que pensou?

- Em você, em nós.

- Em você, em nós. Repetiu. E chegou a alguma conclusão?

- Só pensei.

- Não pense, viva! Foi porque Bel falou do seu namorado?

- Talvez.

- Gosta dele?

Baixei o olhar e bebi o resto do aperitivo sem nem ao menos identificar o que era.

- Já não sei. Disse, sincera.

Na verdade, essas três palavrinhas saíram desobedientes da minha boca. Precipitaram-se para fora antes que eu conseguisse travar os lábios.

Ele estendeu o braço, sua mão segurou a minha. Apertou-a, forte.

- Achei que você não vinha jantar. Na verdade, pensei muita coisa. Que você tinha ido embora, estava chateada comigo, tinha se cansado do paraíso... Na Pousada, Ituriel disse que você não havia voltado... Nós fomos comemorar a assinatura do contrato... Posso parecer um velho romântico, mas eu queria que estivesse comigo! Saulo, o amigo poeta e eu fomos comemorar no restaurante, com Ituriel.

- O amigo que vai publicar os poemas estava com vocês no Restaurante da Pousada?

- Sim. É um rapaz meio-quieto, mas deu para perceber que está realizando o grande sonho de sua vida.

- Como é mesmo o nome dele? Perguntei, só para confirmar.

- Fábio.

Como imaginar Fábio no Restaurante? Fábio na praia! Fábio no paraíso! Abençoado calo em meu pé! Faria mais cinco por não ter corrido o risco de voltar à Pousada e encontrar os três amigos comemorando juntos no Restaurante. Entretanto, eu, a namorada de Fábio, não estava com ele quando realizou seu sonho. E eu, a namorada de Solano, não estava com ele quando me quis perto de si. Quantos “eus” havia em mim? E todos estiveram ausentes naquela tarde, no momento importante na vida dos poetas. A Poesia, com certeza, estivera com eles.

- Senti sua falta. Confessou, acariciando o meu cabelo.

Aposto que Fábio não sentiu. Pensei comigo. Ou, mesmo que sentisse, não diria.

- Quando você for embora, começou ele, pelo menos me avise.

Ao ouvir suas palavras, me aproximei e o beijei na boca. Dali para o quarto dele foram poucos passos. Enquanto ele, deitado sobre mim, penetrava-me, murmurava palavras que de início achei desconexas. Não eram! Apenas o som da sua voz baixava e erguia-se conforme o prazer que sentia. Mas, se eu prestasse atenção, conseguiria entender cada vocábulo, cada expressão por ele proferida. O problema é que eu... estava ocupada em me concentrar no prazer que explodiria a qualquer momento. Todo o quarto cheirava a *Mouette*! Inclusive nós! Se havia uma coisa que eu jamais faria, era comparar os dois poetas na cama... Não comparamos como os homens agem, comparamos como nos tratam. Todos querem sentir prazer, nem todos o querem dar. Mesmo sem mencionar o desempenho dos dois poetas, ressaltaria a presença e a ausência da preocupação com a parceira. Ou seja, Solano seduzia-me também pela audição. Suas palavras penetravam-me o cérebro e despertavam o prazer na sua essência. Era dali que brotava o prazer. Não era somente uma parte do seu corpo dentro do meu! A sua voz abria o caminho primeiro, preparando-me para recebê-lo por completo.

Imaginei que ele também desejava ouvir minha voz, encaixando minhas palavras às suas. Tarefa difícil! Eu não desenvolvera esta habilidade e não fui capaz de traduzir em palavras o turbilhão de sentimentos que se aglomerava em mim. Dispus-me a ouvir e deleitar-me com este prazer. Não eram palavras levianas, sem sentido ou que somente externassem seu prazer, eram dirigidas a mim; o meu nome iniciava ou finalizava cada sentença. Ele, então, esgotou o vocabulário e calou-se por um momento enquanto o corpo refletia o incentivo oral.

Quando se deitou ao meu lado, puxou-me para si. Aconcheguei-me em seu peito.

- Do que você falava? Perguntei, sem olhar para ele.

- Eu?

- É, você! Ficou o tempo inteiro balbuciando algumas palavras...

- Você não compreendeu?

- Mais ou menos. Confesso que eu procurei focar o...

- Focar? Interrompeu-me.

- É, focar. Eu queria sentir prazer com você. Não digo só sentir prazer, eu queria mais.

- Por isso não ouviu o que eu dizia.

- Em compensação! Proclamei, rindo.

Ele achou graça do meu jeito.

- Eu não... Parei de falar. Não desejava revelar mais do que devia. Como não? Acabara de fazer sexo com ele! Como esconder sentimentos quando me despia por inteiro naquele ato? Eu não me envolvo facilmente com os homens. Concluí.

- Pensa que eu não notei? Mesmo que me dissesse o contrário, suas atitudes a desmascarariam, Anita. Sei que não se envolve com qualquer homem. E também não quero ser qualquer homem na sua vida. Sei que tem namorado, mas não perderia a oportunidade de ter você comigo enquanto estiver aqui.

- No seu paraíso?

- Nosso paraíso. Corrigiu.

Sorri, erguendo os olhos para ele.

- Vem morar comigo.

O que ele disse? Fiz silêncio na esperança de ele repetir.

- Vem morar comigo.

- Aqui? Consegui dizer.

Ele riu e afirmou.

- É, aqui. No paraíso. Olha, tenho algo para lhe mostrar!

Levantou-se, foi até a mesa no canto do quarto, abriu uma das gavetas e retirou uma folha de papel. Ocorreu-me que poderia ser ali o local que guardava os poemas do Fábio. Que pensamento alienígena! Fábio pareceu-me um ser fora do contexto em que eu estava vivendo. Mas, se ele era o motivo de eu estar ali...

O Poeta retornou e entregou-me o papel.

Sentei na cama e li.

Um poema! Um poema de Solano Braz. Tinha a Praia das Gaivotas como cenário, mas exaltava o amor, o reencontro com a vida, a descoberta do paraíso na terra.

- É lindo! É um dos que publicará no livro sobre a praia?

- É o único.

- O único?

- Escrevi ontem à noite.

- Só escreveu esse? Inquiri, pasma.

- Sabe há quanto tempo eu não escrevo um poema?

Neguei.

Ele não respondeu.

- E mesmo assim aceitou o trato com o editor?

- Se eu não aceitasse ele não publicaria o livro do meu amigo!

Observei-o, séria. Tão atônita quanto poderia estar ante aquela situação.

- Agora sei que posso escrever o livro que o Saulo quer.

Então era esse o motivo da poesia não ser um problema para ele: ela simplesmente não existia mais na sua vida! Mas, enfim retornara. Infiltrar-se-ia entre nós? Talvez não. Ele voltara a escrever e continuava o mesmo! Éramos somente os dois na cama. A presença da Poesia encontrava-se na sua escrita, não saía do papel para nos atormentar, assombrar os momentos de intimidade.

- Você foi o motivo, Anita. Com você eu consegui escrever novamente. Este lugar era um refúgio para mim, você o transformou num paraíso! Abriu meus sentidos para a natureza, para as cores, o cheiro da vida, a alegria, o gosto do seu perfume. E, se não prestou atenção, foi esse poema que recitei em seu ouvido, momentos atrás...

- Foi? Inquiri, num fio de voz.

O que mais eu poderia dizer? Cale-se? Não revele seus sentimentos? Deixe-os para o papel? Não é correto revelar-se verbalmente? Engula as palavras? Engoli eu mesma as palavras que me envenenariam. Eu que pregava a importância da palavra oral, naquele momento, achava-me vítima dela. Não queria ouvir.

- Você era o que faltava neste... paraíso. Parou de falar, olhou para mim. Perguntou: O que foi?

Nada respondi. Virei o rosto.

- Está chorando? Perguntou, admirado.

Não, eu não estava! Aquelas malditas lágrimas não deveriam denunciar o que eu tentava esconder. Esconder de quem? De mim?

Eu o havia inspirado. Teria raptado a Poesia da vida de Fábio? Trouxera-a na bagagem até a Praia das Gaivotas e a entregara ao Poeta? Seria uma doença à qual eu era imune e transmitia para quem deitasse comigo? Se Fábio jamais escrevesse poema algum, estaria curado. Se continuasse criando seus textos, eu a teria transmitido ao Poeta, como um vírus que se alastra e a todos contamina. Mas, o Poeta não parecia enfermo! E, além do mais, me agradecia pelo contágio.

Coloquei-me de pé e virei para ele esperando que me indicasse o caminho do banheiro.

- A primeira porta à esquerda. Disse.

Lavei o rosto na pia. Admiti que Bel “cuidava” muito bem da casa. O ambiente cheirava a limpeza. E concluí, o apartamento do Fábio caberia ali dentro.

Voltei ao quarto.

Sentei na cama ao lado dele.

- Bel faz um excelente trabalho de limpeza na sua casa! Declarei, irônica.

Ele riu. Uma gargalhada sonora, solta.

- Está com fome?

- Um pouco.

- Vamos ver o que temos no *freezer*? Bel não pôde vir hoje e teremos que nos virar com algo congelado. Você se importa?

- É claro que não. Mas, acha que ela está... com ciúmes?

- Quem?

- Bel.

- Com ciúmes, por quê?

- Ora, Solano, ela gosta de você!

- Bobagem. Só não veio hoje porque estava atarefada no restaurante, já aconteceu outras vezes.

Na cozinha, ele abriu o *freezer*. Virou-se para mim. Disse.

- Gosta de...

Segurou a forma de alumínio e mostrou-me.

- O que é?

- Torta de frango. Respondeu, lendo na etiqueta da embalagem.

- Parece deliciosa. Afirmar, o riso contido.

Ele jogou nosso jantar no forno.

Puxei uma cadeira e sentei. Pensei por um momento e retomei as palavras dele ditas no quarto. Queria experimentar-lhes o gosto também ali na cozinha. Alguns enunciados possuem sentidos ambíguos e soam de modo diverso conforme o ambiente da casa. O quarto e a cama são, de todos os locais, os mais perniciosos para certas declarações. A cumplicidade entre lençóis desvanece ao alcançar algum outro cômodo menos íntimo. Na cozinha, entre armários, fogão, pia e congelados pré-cozidos pela Bruxa Moderna, as palavras dele amornariam o calor da primeira declaração? Eu quis provar; a mim e a ele.

- Tem noção do que me propôs?

- Desafiei você a comer uma torta de frango.

- Do que me propôs, no quarto. Insisti.

- Convidei você pra morar comigo. Não, não foi um convite, foi um pedido.

- Tem noção do que me pediu?

- Tenho.

- Mas você nem me conhece direito! Eu posso ser uma ladra... Uma ladra que está aqui para roubar o seu tesouro... Completei, séria.

Ele ergueu as sobrancelhas. Talvez pensasse que eu enlouquecera, ou tentava imaginar de onde eu tirava aquelas idéias... Ou, por um breve instante, pareceu-me suspeitar de que haveria alguma verdade nas minhas palavras. Então, aproximou-se de mim, ergueu meu queixo com a mão, fazendo-me olhar em seu rosto.

- Mesmo que você leve tudo que tenho, ainda ficarei em débito com você. O maior tesouro, você me deu! Inspirou-me a escrever novamente.

Como conseguia dizer tudo aquilo? As palavras saíam de sua boca naturalmente! Sem bloqueios nem censura. E toda essa confissão olhando em meus olhos.

Não temia que eu abrisse a porta e o deixasse confessando seu amor às paredes? Afinal, o que eu estava fazendo ali? E por que eu iria embora? Eram aquelas as palavras que sempre desejei ouvir da boca de Fábio! Mas não era Fábio que as proferia naquele momento. Era o Poeta, o outro poeta, aquele cuja casa invadi em busca do texto do meu namorado. Em qual bifurcação do caminho desviei minha missão? De tanto planejar roubar os poemas de Fábio fizera calo em minha mente! Era doloroso pensar a respeito. Esqueça, Anita, esqueça! Falei para mim mesma. Só não soube explicar como.

- Ficou calada. Observou ele. Quando se chega à minha idade, escolhe-se a felicidade hoje, não a que virá daqui a dois ou três anos... Não sei

o que você espera da vida, mas a vida é aqui e agora! E estamos os dois aqui.

E agora?

Agora? Refleti.

Respirei fundo.

- Agora estou aqui com você. Para que pensar no amanhã? Respondi.

Ele sorriu, discreto.

Beijou-me nos lábios, suavemente.

- Vamos jantar.

Concordei. Não havia mais nada a dizer. Não naquela noite.

Poète X Mouette

- Não está ruim, está?

- Pelo contrário! Está deliciosa. Deve ser alguma poção especial,
digo, receita especial.

Ele riu.

- Ela já foi casada?

- Quem?

- Bel.

- Não sei dizer. E o seu namorado?

- O que tem? Inquiri, atônita, como se, ao invés de “seu namorado” ele tivesse dito “Fábio”. O que tem ele? Repeti, tentando parecer tranqüila.

- Estão juntos há muito tempo?

- Não estamos juntos, quer dizer, não moramos juntos.

- Vocês namoram há quanto tempo? Insistiu.

- Quase um ano.

- O que ele faz?

- O que ele faz? Prefiro não falar sobre isso, Solano. Não é importante.

Ele pareceu concordar, mas, ainda fez uma pergunta:

- Por que você se afastou dele?

- Eu... queria pensar. Ele tinha dificuldade em revelar o que sentia por mim, então, resolvi dar um tempo para ele pensar.

- Separados pensam melhor?

- É, acho que sim.

Ele balançou a cabeça, inconformado.

A imagem de Fábio assumiu uma figura longínqua e apagada na minha mente. Tive dificuldade em visualizar seu rosto. Eu precisava voltar

rápido para casa, antes que a imagem desaparecesse por completo! Tentei puxar pela memória momentos ao lado dele. No apartamento, na luta vã pela sua atenção. Na empolgação com a correspondência com Solano Braz. Solano Braz! Era realmente o guru dele diante dos meus olhos e compartilhando, há momentos atrás, sua cama comigo? Era! Lembrei de uma noite, em particular, quando resolvi fazer ao Fábio uma das muitas surpresas que planejava. Ele ao abrir a porta do apartamento disse para mim:

- Por que não telefonou avisando que vinha?
- Preferi fazer surpresa. Anunciei, enlaçando seu pescoço.
- Eu estava escrevendo!
- Já jantou?
- Não estou com fome.
- Tem certeza? Perguntei, desabotoando os primeiros botões do casaco, mostrando a ele a surpresa.

Logo despertei seu apetite. E o meu também.

Sentada diante do Poeta, tal cena me parecia irreal! Aquela era eu? Ou melhor, qual delas era eu? A que quase se desnudava para ser convidada a entrar no apartamento do namorado, ou a que fingia ser outra pessoa para conseguir os poemas desse mesmo namorado? Quantas havia dentro de mim? Talvez quando cheguei ali, na Praia das Gaivotas, eu fosse outra, naquele

momento, com o Poeta, eu tinha certeza de ser eu mesma. Se eu ainda fosse capaz de me reconhecer.

- No que está pensando, Anita?

Respirei fundo.

Como não queria mentir, nada falei.

Terminamos a janta e nos sentamos no sofá da sala.

Segurei a mão dele.

- Esse seu amigo que publicará o livro de poemas, como você o conheceu?

- Acredita que eu não o conhecia pessoalmente?

Acredito! Pensei comigo. Ele continuou.

- Certo dia eu recebi uma carta, assim, do nada, de alguém que eu nem sabia quem era. Dizia-se amigo de um amigo e desejava saber a minha opinião sobre os poemas que escrevia. Eu li, reli, eram bons...

- Sobre o que ele escrevia? Interrompi.

- Os poemas? Nenhum assunto específico, vida, paisagem, amor...

Amor? Questionei em silêncio.

- Respondi a carta e vieram outras.

- Por que não trocavam *e-mails*? Inquiri, afinal, tocara no assunto com a intenção de obter aquela resposta.

- Se você o tivesse visto, não perguntaria!

- Por quê?

Ele riu.

- Por que diz isso? Insisti.

- Ele parece um morador de alguma caverna subterrânea, ou algo do tipo, o cabelo bate no ombro, a pele não vê o sol há bilhões de anos!

- E depois as mulheres é que são cruéis! Observei, irônica.

- Diz isso porque não o viu... Ele provavelmente nunca ouviu falar em computador ou *internet*! Mas, confesso que trocar correspondência com ele me proporcionou um exercício agradável.

- E você guarda as cartas dele?

- Devem estar por aí.

- E os poemas?

- O Saulo vai publicar.

- Sim, mas, onde...

Ele puxou-me para si. Encostou sua cabeça na minha. O barulho suave do mar fez-se presente. Na verdade, estivera presente o tempo inteiro, meus ouvidos já se haviam acostumado a ele. E a que mais eu me acostumara? Ao perfume do Poeta, que eu também passara a usar pela sua proximidade? Exato! Eu já não cheirava a *Poète*! Quem me conhecia, saberia a diferença.

Mas, quem me conhecia a ponto de notar a diferença? O meu cheiro, o meu gosto, só quem conhecia era Fábio! Ele perceberia em mim o cheiro do Poeta? Sentiria em mim o gosto do Poeta?

Como e quando Fábio perceberia isso? Quando eu retornasse após cumprir minha missão?

- Vamos olhar o mar?

Olhar o mar? Para quê?

Ele estendeu-me a mão. Segurei-a e o segui. A noite estrelada, porém fria, nos aguardava do outro lado da porta. Caminhamos até a praia. Sentamos na areia. Ele passou o braço sobre meus ombros. Olhamos o mar.

Imaginei que ele necessitava daquela quietude e me mantive em silêncio. Cheguei à conclusão de que eu pertencia àquele paraíso! Sentia-me parte do ambiente. A natureza acolhia-me e eu me integrava a ela. Eu era a areia, a espuma, as ondas e o vento que passava por nós. A simbiose do Poeta em seu *habitat* já me era familiar, eu não me sentia uma estranha, uma visitante prestes a partir. A palavra “partir” violentou-me o pensamento. Partir para longe do paraíso? Para longe do Poeta? E onde eu me aqueceria numa noite fria como aquela, quando estivesse longe dos braços dele? Na caverna subterrânea onde o Poeta supôs Fábio morar?

Segurei o rosto do Poeta e o beijei muitas vezes, nos olhos, na face, na testa, no queixo, na ponta do nariz. Beijei-o e beijei-o. Meu impulso externou uma vontade contida; retida na missão por cumprir e, finalmente, liberta ante o magnetismo do mar. As gaivotas que por ali sobrevoassem, embora eu não visse nenhuma, seriam testemunhas de um extravasamento não planejado.

Deitamos na areia. Olhamos o céu, ouvimos o mar.

Mas, logo entramos. O paraíso se estendia pelo interior da casa. Minha primeira noite na casa do Poeta! A cama do Poeta. Acordei de madrugada, ele dormia. Olhei o ambiente ao redor. Silêncio. Só o mar continuava sua vigília, lenta e sonolenta, num incansável afago na areia. Enfim, chegara o momento de eu cumprir minha missão. Arrastaria o corpo, sorrateiramente, sobre os lençóis. Descalça, atravessaria o corredor. Da sala, onde deixáramos a claridade de um abajur, eu tomaria a direção do escritório. Uma investigação atenta me levaria às cartas de Fábio e, entre elas, encontraria os poemas. Minha missão estaria completa! Virei para o lado, abracei o Poeta e voltei a dormir...

Acordamos juntos. Bem, suspeitei que ele já houvesse levantado e voltado para a cama, fingindo também dormir. O cheiro do café o denunciou.

- Bom dia! Falou, quando olhei para ele.

- Que horas são?
- Tem compromisso? Inquiriu-me.
- Não. É que parece tão tarde...
- Para o café da manhã é tarde, para o almoço, um pouco cedo.
- Almoço?
- Vamos almoçar no Restaurante da Pousada?
- Está na hora do almoço?
- Quase.

Como pude dormir tanto? Perdi a chance de finalizar a minha missão! Lembrei-me que acordara de madrugada, mas a possibilidade de afastar-me do Poeta não me agradou. Eu aproveitaria uma segunda chance? Não tinha muita certeza... Na verdade, não queria pensar sobre Fábio. Não naquele momento, quando o Poeta prolongou nossa estada na cama. Varri do pensamento qualquer imagem da cidade, da loja, da vida que levava antes de chegar ao paraíso.

Perto do meio-dia fomos almoçar no restaurante da pousada. Eu que voltava com a mesma roupa da noite anterior, denunciei o pernoite na casa de Solano.

Escolhemos uma mesa e nos sentamos. O Poeta puxou sua cadeira para junto da minha e ali, diante dos olhos de Ituriel, segurou minha mão. Logo sua irmã surgiu para nos atender.

- Hoje preparei seu prato predileto, Solano. Disse, dirigindo-se a ele.

- Você vai adorar! Ele falou para mim.

Então Bel, finalmente, me encarou e proferiu, alto.

- O seu bom gosto não se restringe só aos perfumes que vende, não é, Pipa?

Não respondi. Demorei a perceber como ela me chamou. Quando digeri sua fala, estremei. Ela me chamou pelo apelido! Lembrou do que eu lhe dissera na loja. Era realmente uma bruxa! Como explicar uma memória como a dela? Só havia mesmo uma explicação: sua paixão pelo Poeta. Somente uma mulher apaixonada poderia buscar na memória detalhes tão pequenos para utilizar contra a rival. E ela o fez com maestria. Lembrava-se certamente que eu lhe dissera que o meu namorado me chamava de Pipa e trazer-me à lembrança um namorado, naquele momento, era o seu desejo. Não posso negar a físgada de culpa que me apertou o coração. Embora o meu temor fosse outro. Não o de lembrar de Fábio, mas, de imaginar que ele tivesse citado meu apelido nas cartas para Solano ou em algum poema que

escrevera. Receei olhar no rosto do Poeta. Aguardei. Ela se afastou. Pulverizou seu veneno sobre nós e voltou às suas poções mágicas na cozinha.

Nada aconteceu.

Um homem se aproximou, cumprimentou Solano, trocaram algumas palavras. Antes de se despedir o homem sorriu-me, exibindo dentes desalinhados como cartas mal-embaralhadas.

Resolvi olhar nos olhos do Poeta. Recebi um beijo como resposta. O nome Pipa nada significava para ele! Não teria ouvido? É claro que ouviu! Todos ouviram. As gaivotas ouviram. Nada significou!

Refeita do susto, abracei-o e o beijei na boca, na intenção de me exibir para a Bruxa Moderna que nos espiava pela porta da cozinha.

Notei a presença de alguém diante da nossa mesa. Virei para olhar.

- Débora?

Ela sorriu, mesmo expressando espanto ao me ver nos braços do um homem que ela não conhecia.

- Aconteceu alguma coisa? O que faz aqui? Inquiri, aflita.

- Eu precisava falar com você... Liguei várias vezes ontem à noite, você não atendeu...

- Sim, mas, o que houve?

Ela, de um momento para outro, suavizou a expressão que trouxera consigo e comentou, olhando ao redor:

- Esse lugar é bonito! Agora compreendo por que ficou mais tempo do que planejava, Anita.

- Solano, esta é a amiga que mora comigo. Expliquei, apresentando-os.

- Ela é que mora comigo. Corrigiu, rindo, estendendo a mão ao Poeta.

- Sente-se. Convidou ele. Almoça conosco?

- Não... Eu...

- O seu perfume... Comecei, sem mesmo precisar me aproximar dela.

É *Poète*?

Ela concordou.

- É um perfume maravilhoso! Você tinha razão.

- Não usa mais o seu *Imaginaire*?

- Troquei. Não é proibido, é? Aposto que também trocou! Qual usa agora?

- *Mouette*. Respondi olhando para o Poeta.

Ele pareceu-me confuso. Provavelmente se questionava se falávamos realmente de perfumes. Talvez não!

Débora baixou a cabeça, disse, séria:

- Preciso falar com você.

- Claro! Vamos até o meu quarto? Sugeri. Virei-me para Solano. Eu já volto!

Ele nos observou, calado.

Subimos as escadas sem trocar uma palavra. O que quer que ela tivesse para me dizer, precisava ser longe dos olhos do Poeta.

Entramos e eu fechei a porta.

- Sente-se. Aponte a cama.

Ela atendeu. Antes, porém, foi até a janela e deu uma rápida olhada em direção ao mar.

- Eu me sinto péssima!

- Mesmo com esse paraíso ao nosso redor? Brinquei, tentando animá-la e convencer a mim mesma de que nada de ruim acontecera.

- É um lugar esplêndido! Mas, eu preciso contar algo...

- O que é? Diga!

Sentei ao lado dela, na cama.

- Bem, o Fábio tem ido procurar você no apartamento...

- Você contou a ele onde estou? Eu o encontrei na editora e...

- Encontrou?

- Sim. Mas falei que tinha ido fazer umas entregas. Acho que ele não desconfiou.

- É, ele não desconfiou. Ele acredita mesmo que você está em serviço com a gerente da loja.

- Isso é bom, porque eu ainda não... Mas, por que está tão aflita, Débora?

Ela respirou profundamente.

- Bem, é que...O Fábio tem ido lá em casa e...

- Você sempre diz a ele que não estou?

- Ele não vai mais procurar por você, Pipa.

- Não vai? Mas, você disse...

- Ele vai por minha causa! No começo sim, agora, não...

- Mas você disse... Então ele vai...

- Por minha causa. Nós... estamos... estamos apaixonados!

- Apaixonados? Você e Fábio? Inquiri, incrédula.

- Como você e Solano Braz. Afirmou ela.

- Não, Débora. Solano e eu... É diferente! Estou com ele para conseguir os poemas do Fábio...

- A quem está enganando? Eu vi vocês lá embaixo, no restaurante, aos beijos... Se aquilo não é paixão, então o que é, Pipa?

- Você nunca me chamava de Pipa!

- Agora eu chamo.

- É a convivência com Fábio?

- Talvez. Olha, Anita, eu vim contar tudo porque me sentia péssima por trair você. Sempre fomos amigas. Eu e Fábio... aconteceu! Não deu para evitar. Mas, quando cheguei aqui e vi você e Solano Braz juntos, imaginei que você também estava apaixonada e me senti menos culpada. Agora você vem com este rancor! Não enxerga o óbvio?

- O óbvio é que você está dormindo com meu namorado!

- E você, não passou a noite na casa do seu amigo? Eu telefonei muitas vezes! A dona da Pousada disse que você tinha ido jantar com ele e que não voltou para dormir aqui.

Virei o rosto para não encará-la. Mais uma da Bruxa Moderna!

- É diferente, Débora, você não entende? Eu me aproximei de Solano para conseguir ler os poemas do Fábio!

- Pára de dizer isso! Essa não é você! Não seria capaz disso! Você é honesta demais! Se traiu o namorado, como eu traí nossa amizade, foi por paixão!

Fiquei uns minutos em silêncio. Olhei para o tapete sob meus pés.

- Está mesmo apaixonada por Fábio?

- Estou. Respondeu, num fio de voz.

- Mas, vocês não têm nada em comum! Ele é tão... E você... E a sua independência, a sua liberdade...

- Eu ainda tenho a minha liberdade. Não é uma troca e ele sabe disso, e compreende muito bem.

- Ele... Ele diz o que sente por você?

Lutei com as palavras, mas consegui pronunciar a sentença completa (a que preço, só eu poderia saber).

- Sim. Resumiu ela.

- Está certo, Débora. Comecei, engolindo o orgulho sem nem ao menos ter almoçado para evitar a indigestão. Eu compreendo.

- Não fique zangada. Gosto muito de você.

- Ele sabe que veio falar comigo?

- Não!

- Não lhe contou onde estou, contou?

- Não. Vim porque não suportava mais a situação.

Concordei, embora pensasse: e ele suporta muito bem a situação! Atuou de modo espetacular na editora. Dissimulado!

- Tenho que voltar para cidade. Você tem idéia de quando voltará?

Já que a missão perdeu o sentido. Completei em pensamento. Entretanto, se eu voltasse, teria que encarar os dois juntos?

- Ainda não sei... Gosto daqui.

Ela colocou-se de pé. Tomou a direção da porta. Antes de sair, virou-se para mim.

- O Fábio me convidou para morar com ele.

Olhei para ela.

Era irreal a imagem dos dois no apartamento dele! Será que ela não sentia o cheiro de mofo? Gostava de compartilhá-lo com a Poesia? Já teriam sido apresentadas? Já teria usado o banheiro e percebido que precisaria de pernas fortes para não sentar? Teria comido pizza requentada? E as noites que ele dormia na escrivaninha? Eu a alertaria para tudo isso? Não. O Fábio dela provavelmente era outro.

- Bem, eu fui honesta com você.

- Obrigada. Falei, irônica.

- Acho que não será difícil encontrar outra pessoa para dividir o apartamento...

Assenti, olhando em seu rosto, disfarçando as preocupações que desciam sobre mim. Como eu encontraria alguém para morar comigo? Os

pontos de interrogação bombardearam minha mente. Eram tantos! Nem prestei atenção à saída dela. Se me disse mais alguma palavra, não ouvi.

Continuei sentada na cama. Tentava ser racional, reorganizar as idéias, enxergar alguma luz quanto à minha missão ali. Missão? De que adiantaria ler os poemas de Fábio? Embora precisasse confessar que as tentativas para concretizar minha meta, durante a noite, foram inexistentes. Eu nem ao menos tentara! Senti que não valeria a pena? É claro que não! O calor do Poeta me prendeu e sumiu com as idéias na minha mente. A missão aos poucos perdera o significado? Mas, isso não justificava o interesse de Débora por Fábio. Quem conquistou quem? Quem se deixou conquistar? Ela, uma solitária. Ele, abandonado. Que dupla! É claro que acabariam juntos! E a minha ausência os aproximou. Fiz o papel de destino na vida deles.

Ouvi batidas à porta.

Não me movi.

O Poeta, então, colocou meio corpo para dentro do quarto.

- Está tudo bem? Vi sua amiga sair e... você não desceu! O que foi?

- Ela veio me contar que... não vai mais morar comigo... Vai morar com o namorado. Completei.

Ele olhou ao redor, deu alguns passos pelo ambiente. Talvez entrasse ali pela primeira vez.

Antes que ele dissesse algo, levantei, peguei minha bolsa e a chave do carro.

- Preciso ir à cidade! Falei, saindo.

Deixei-o no meu quarto. Com a sensibilidade de poeta, perceberia o rastro de interrogações que eu espalhava pelo caminho?

Outros rumos

A cidade não era a mesma! Ruídos, cheiros, perturbações. Caos! Ainda no estacionamento da Pousada, levei quase dez minutos tentando fazer o carro pegar. A pressa piorava a situação e a todo instante olhava para a porta do restaurante, temendo que Solano me alcançasse antes de o motor resolver funcionar. Mas ele não apareceu. Deixou que eu fosse resolver o problema trazido por Débora. Parti para a cidade e, por todo o caminho, esquematizei meu roteiro. A raiva nos faz pensar em vários assuntos ao mesmo tempo e a única nuvem negra que nublava o céu do paraíso me acompanhou pela estrada ameaçando uma tempestade por vir.

Deixei o carro na praça, perto da loja de perfumes. As árvores, pálidas e magras, estendiam seus galhos uns sobre os outros. Aquele lugar foi palco de meus encontros com Fábio. Fiz questão de parar diante do banco onde sentávamos. Não me disse nada! Pedra não fala, é claro! Mas não despertou sentimento algum em mim. Passado! Mesmo que eu ainda me enganasse enquanto tentava cumprir a missão na casa de Solano, Débora trouxe-me à realidade. E se ela e Fábio não estivessem juntos? Aquele banco permaneceria mudo para mim? Eu tocaria sua superfície crespa com a ponta dos dedos sonhando com o namorado poeta? Se eles não estivessem juntos eu conseguiria dormir com Fábio depois de ter deitado com Solano em sua cama?

Tomei a direção da loja. Na calçada, o movimento de pedestres era tão intenso como o dos carros na rua. Convivi durante anos sem notar o incômodo que aquilo me proporcionava. Buzinas, correria, falatório... Folhetos eram entregues nas sinaleiras e, também, aos que passavam. Tive que aceitar meia dúzia de panfletos para chegar à porta da loja. Joguei-os no lixo, sem ler.

- Olha quem voltou! Ouvi uma funcionária dizer à outra, apontando na minha direção.

Sorri.

- Está bronzeada! E com uma aparência fantástica!

Disseram, reunindo-se a mim.

- A Lurdes está aí?

- Está sim, acabou de subir.

- Então vou lá falar com ela. Tudo bem aqui na loja?

Responderam que sim.

Subi ao escritório da gerente.

Bati à porta antes de entrar.

- Quem é?

- Sou eu. Respondi, entrando na sala.

- Anita! Nossa! Como está diferente!

- Estou? Inquiri, aproximando-me da sua mesa.

- Uns dias de férias, e você está novinha em folha! E esse rostinho bronzeado!

- É consequência. Afirmi. Eu... quero pedir demissão.

- Demissão? Por quê? Aconteceu alguma coisa, Anita?

- Vou voltar para casa.

- É algum problema de família?

- Não. O fato é que a amiga que divide apartamento comigo vai morar com o namorado e não terei como arcar com as despesas sozinha. Foi

uma decisão difícil, mas preciso refazer a minha vida. Sabe que adoro este serviço, a loja...

- É, eu sei disso! Mas, você tem certeza? Não vai se arrepender depois? E se arranjar alguma pessoa para morar com você... Talvez as moças conheçam alguém.

- Eu já decidi. Não me arrependerei. Mas sei que sentirei saudades.

- Nós também sentiremos.

- Eu sei, Lurdes. Sei também que compreende como está sendo difícil para mim.

- Vou providenciar os papéis. Eu a dispensarei das obrigações, mas receberá o que for justo e da lei. Quando pretende partir?

- Assim que resolver tudo. Confio em você. Sei que seremos sempre amigas.

- Pode confiar. Passe ainda esta semana aqui, está bem?

- Claro. Eu telefono para ver se está tudo pronto para eu assinar e venho. Está bem? Só tenho a lhe agradecer. Desculpe voltar assim e deixar você na mão...

- Acontece. Resumiu ela.

Deixei a loja. A primeira etapa do roteiro que planejava estava cumprida. Confesso que, por pouco, não chorei. A voz falhou, os olhos

fixaram-se na parede para evitar as lágrimas. Creio que ela notou. Talvez isso tenha feito com que se compadecesse de minha situação e não colocasse obstáculo quanto ao meu súbito pedido de demissão. Deixei que ela pensasse que a casa a que me referi era a de meus pais, no interior...

Peguei o carro e rumei para casa. Ou melhor, para o apartamento. Aproveitaria a ausência de Débora e faria o que tinha de ser feito.

Esvaziei o guarda-roupa. Juntei tudo em duas malas. Não deixaria que a minha lembrança atrapalhasse o ritual de acasalamento dos namorados. Não entrei no quarto de minha amiga. Não havia nada meu lá. Seria em sua cama que consumavam a paixão? Ou escolhiam o sofá da sala, o tapete... Nada mais ali os faria recordar a minha presença. Se Débora não se constrangeu com alguns resquícios deixados por mim no apartamento de Fábio, ele também não se importou com o meus pertences ali. Eu resolveria isso para eles. Não esqueceria um anel, um pente, uma meia sequer! Eu simplesmente deixaria de existir para eles.

Enchi uma sacola com miudezas do tipo escova de dente, maquiagem... Ao sair, joguei a chave por baixo da porta, na última tentativa de esvair-me por completo do lugar.

Carreguei tudo para o carro.

Eu os havia libertado da minha pessoa, mas eu é que me sentia livre!
Parti. A estrada me conduziu de volta ao paraíso.

Talvez, se eu soltasse o volante do carro, ele não desviasse do rumo desejado. Conectado a mim, ansiava pela volta ao paraíso. Imaginei saber o que Solano Braz sentia em relação àquele lugar. Contagiou-me a sua aversão à poluição, ao movimento da cidade. Voltar à Praia das Gaivotas era tudo que eu desejava naquele momento. Porém, no caminho, parei na penúltima etapa do meu roteiro planejado no calor da raiva e revolta pelo acontecido.

Estacionei ao lado da editora de Saulo Fagundes.

Antes de subir os primeiros degraus, observei a praia, ao longe. Como explicar a minha atração por aquele lugar? As ondas agitavam-se conforme o vento e arredondavam-se despejando a espuma sobre a areia.

Entrei na editora.

A recepcionista pareceu reconhecer-me. A mesma que me viu chegar com o Poeta e beijar Fábio nos lábios. Preferia que pensasse estar me vendo pela primeira vez.

- Boa tarde! Tudo bem?

Já era de tarde? Eu não havia almoçado! Por causa da visita de Débora não provei a receita mágica de Bel. Solano teria almoçado sozinho?

Eu o deixei sem explicação, no quarto da pousada... Bel, por certo, lhe fez companhia.

- Posso lhe ajudar?

- Eu queria falar com o Fagundes. Expliquei.

- Você esteve aqui com Solano Braz, não foi? Perguntou-me, simpática.

Ela lembrava. Lembrar-se-ia também da cena do beijo?

- O meu nome é Anita. Será que ele pode me receber?

- Só um instante. Pediu-me, pegou o fone do gancho. Falou com o editor e em seguida permitiu minha subida à sala do chefe.

Depois da escada, alcancei a sala anexa e bati à porta do escritório do editor.

Como não houve resposta, entrei.

- Com licença? Falei, ao aproximar-me da sua mesa.

Ele colocou-se de pé, veio em minha direção, a mão estendida.

- O Solano não está com você?

Apertou minha mão e conduziu-me até uma das cadeiras diante da sua escrivaninha.

- Eu queria falar com você sobre a vaga de secretária. Ainda não foi preenchida, foi?

- Não! Viu a bagunça na mesa da outra sala? E a correspondência?

Um caos! Apontou para a caixa no balcão às suas costas, lotada de envelopes e papéis diversos.

- Eu queria me candidatar à vaga.

Ele olhou-me, atônito.

- Quer trabalhar como minha secretária aqui na editora? Inquiriu-me, hesitante.

- Eu pedi demissão na loja onde trabalhava e... Sei que não me conhece. Mas, em três meses de experiência, creio que saberá se me adaptarei ao cargo e às suas exigências. Falei, a voz firme, as pernas trêmulas.

- Não me adapto facilmente aos funcionários, preciso confessar. Por isso mesmo ando protelando a contratação. Procuro uma secretária, mas não coloquei anúncio em jornal, acredita? Esperava que a pessoa certa para a função caísse do céu! É que todos aqui são de minha confiança. Procuro contratar pessoas da redondeza, seria impossível alguém vir da cidade e voltar todos os dias. Existe a questão do tempo que levaria para chegar aqui; eu exijo pontualidade. E tem a questão do salário que não cobriria a passagem diária de ônibus... Não levo em conta a experiência profissional. Muitos funcionários daqui fizeram ou ainda fazem cursos pagos pela editora. Quando vale a pena, investimos no pessoal. O fato de ser amiga de Solano me deixa tranquilo

quanto à confiança que sei que posso ter em você, afinal, eu a conheci na casa dele. Mas, você mora perto?

- Moro na Pousada.

- Na Pousada?

- Na Pousada das Gaivotas.

- Na Pousada de Ituriel?

- Exato.

- É bem perto! Admitiu. A voz denunciava a sua surpresa mal disfarçada.

- Então, vamos fazer uma experiência? Insisti, corajosa.

- Sabe, Solano disse que foi graças a você que ele voltou a escrever.

- Ele disse isso?

- É um homem sincero. Acho que todos os poetas são sinceros, não acha?

- Não.

- É, talvez não. Mas sei que Solano é. Eu o conheço muito bem! Eu publicarei o livro que ele vai escrever em homenagem a este lugar maravilhoso, mas não faz idéia há quanto tempo venho insistindo com ele! Cheguei ao extremo de fazer chantagem quanto à publicação dos poemas do amigo dele! E nem assim ele topou. Devolvi os textos do rapaz, você estava lá

naquela noite... Então, de uma hora pra outra o homem deslancha a escrever sobre algo que se negava antes. Como explica isso?

Ergui os ombros, numa resposta silenciosa.

Ele sorriu.

- Pode começar amanhã?

- Claro! Quer fazer algum teste, entrevista, cadastro... Eu nem ao menos trouxe meu currículo... Completei, envergonhada.

- Vamos fazer uma experiência, está certo? Creio que se adaptará bem ao cargo. Se é organizada, pontual, atenciosa com os clientes, será a secretária ideal. Vamos nos dar bem, Anita. Concluiu, enfático.

Saí de lá realizada. Como tudo estava dando tão certo para mim!

Peguei o carro e tomei a rua que descia em direção à Pousada. Senti como se aquele lugar me pertencesse, ou seria o inverso?

Deixei as malas no carro e entrei na Pousada. Rezei para que Ituriel estivesse na recepção. Estava. Aproximei-me do balcão.

O assunto que trataria com ele dizia respeito à minha estada no local. Não desejava mais pagar diária pelo quarto. Queria pagar aluguel. Passaria a morar na Pousada e esperava, ardorosamente, que ele me fizesse um desconto significativo. Mas, após eu lhe explicar a minha intenção, a sua pergunta foi:

- Já falou com Solano?

- Com Solano? Por quê?
- Pensei que...
- O quê?
- Ele pagou a sua hospedagem aqui.
- Pagou?
- Pensou que você tinha ido embora.
- E as minhas coisas, ainda estão aqui?
- Estão no quarto. Achei que voltaria para buscar.
- Por que ele pagou...
- Se quer a minha opinião...

Eu não queria, mas ele deu assim mesmo.

- Acho que pelo jeito que você saiu, ele imaginou que não voltaria mais.

- Sabe onde ele está? Perguntei.

Ele negou.

Pensei por um momento.

Então, dei as costas ao dono da Pousada e saí para a praia. Olhei ao redor.

Alguns pescadores conversavam em pequenos grupos. As calças dobradas até aos joelhos. Outros usavam macacão de borracha preto. Em suas

mãos, tarrafas prontas a serem atiradas ao mar. Solano não se achava entre eles. Afastei-me na direção da casa do Poeta.

Caminhei apressada, embora, na areia fofa, eu não conseguisse ritmar meus passos. Logo parei para respirar. Tomei fôlego e prossegui.

Imaginei que o encontraria diante da casa, olhando o mar, como fizéramos na noite anterior. Engano meu! Segui pelo quintal e bati à porta.

Demora.

A porta se abriu. O rosto do Poeta expressou admiração. Sem nada dizer, ele deu um passo para trás, permitindo a minha entrada.

Fui direto sentar no sofá. Ele ficou de pé, recostado nas costas da poltrona. Silêncio.

Então, ele arriscou, a voz grave.

- Veio se despedir?

Olhei para ele.

- Por que achou que eu tinha ido embora?

- Me pareceu óbvio. Sua amiga veio chamá-la de volta, não foi?

- Não. Ela veio me contar que se mudará para a casa do namorado e eu tive que ir fazer as malas. Planejei morar na Pousada por algum tempo, mas me informaram que já não estou mais hospedada lá... Por que pagou a conta? Pensou que eu não voltaria?

- Me pareceu óbvio. Repetiu.

- Eu... pedi demissão na loja de perfumes. Vou... vou trabalhar como secretária, na editora do seu amigo.

- Do Fagundes? Já acertou com ele? Inquiriu, desconfiado.

- Vim de lá agora. Ele aceitou, por sua causa, é claro. Mas vou tentar não decepcioná-lo.

- Então foi por isso que saiu correndo para cidade, para pedir demissão e deixar o apartamento? Questionou ele, aproximando-se do sofá e, finalmente, sentando ao meu lado.

Foi a minha vez de levantar, afastar-me dele e tomar sua posição anterior.

- Tenho algo para lhe contar, Solano. Sei que vai me odiar, mas, preciso esclarecer tudo.

Curioso, deu-me atenção.

- Eu... Nem sei como começar... Eu vim para Praia das Gaivotas para conhecer você. Revelei, de imediato.

Ele não demonstrou reação alguma.

- Eu planejei conhecer você. Planejei tudo...

- Não estou entendendo, Anita. O que planejou exatamente?

- Conhecer você, me aproximar de você... Entrar aqui na sua casa. E tudo, quase tudo, saiu de acordo com meus planos.

- Planos? Que planos?

- De conhecer você, me aproximar, estar aqui...

- Isso você já disse!

- Ah, Solano! Pensei que seria mais fácil lhe dizer a verdade... Eu tenho, eu tinha um namorado...

- Isso eu sei. Não tem mais?

- Não.

- E isso não é bom?

Olhei para ele. Hesitei.

Aos diabos com o ex-namorado! Não queria que ele me odiasse por causa de um namorado que já não fazia parte da minha vida. Por que estragar tudo? Débora e Fábio estavam juntos, por que eu não podia ficar em paz com Solano? Precisava ser totalmente honesta? Não, não precisava! Ele sabia da existência de um namorado. Precisava dizer-lhe o nome? Explicar quem era? Pois este namorado nem sabia dos meus planos! E fora exatamente por causa dos meus planos que ele acabou nos braços de Débora! Resolvi, então, contar uma meia-verdade:

- A minha amiga, o meu ex-namorado... Bem, eles estão juntos.

O Poeta admirou-se. Ergueu as sobrancelhas.

- Veja que ironia! Continuei. Ele a visitava para saber sobre mim e acabaram se apaixonando um pelo outro. Resumi.

- Você ficou magoada?

- Na verdade não. Fiquei decepcionada... Com a Débora, principalmente.

- E quanto à missão que planejou... Que história é essa?

- Acho que a minha missão era esquecer meu namorado. Agora sei que esta era a minha missão, e quando pensamos que temos o destino nas próprias mãos, ele nos prega uma peça. Minha missão era conhecer você. Completei, voltando a sentar ao lado dele.

Segurei sua mão. Ele aproximou os lábios dos meus. Beijou-me. Tudo voltou a ser como antes. Eu estava nos braços do Poeta! Na cama do Poeta. Que, a partir daquele dia, ele começaria a compartilhar comigo. O cheiro dos lençóis, o perfume no travesseiro dele já representavam momentos significativos na minha vida. Ali, o sol, sempre presente, jamais permitiria o odor de mofo.

Voltamos à Pousada para buscar minhas roupas. As malas, inclusive as que eu deixara no carro, Ituriel mandaria entregar mais tarde. Ainda no

quarto da Pousada, não esqueci da concha com que o Poeta me presenteara quando o conheci.

- Lembra? Perguntei, mostrando-lhe.

Ele apertou os olhos na direção do objeto.

Sorriu.

- Você guardou!

- Bel a roubou, mas eu a recuperei. Relatei, erguendo o queixo expondo meu ato de bravura. Veja! A concha não saiu ilesa da disputa! Espalmei a mão na direção dele.

- Não fala sério. Duvidou.

- Estou brincando. Eu a atirei contra a parede. Mas, é verdade que Bel a roubou de mim e eu a recuperei.

Ele riu. Eu não fora convincente.

Novos rumos

Deixamos a Pousada e voltamos à casa dele por uma rua paralela à praia. Havia outra passagem por uma estrada de terra batida que dava nos

fundos do seu terreno. Seria por ali o meu caminho até a editora no dia seguinte. Do contrário, chegaria ao trabalho com os sapatos cheios de areia.

O carro ficaria no estacionamento da Pousada. Eu não precisava dele! Iria à editora a pé. Teria utilidade somente para alguma ida à cidade, eventualmente. Naquela noite, um empregado da Pousada entregou-me as malas e pude organizar minhas roupas na cômoda no quarto de Solano.

- Não acha que vai estranhar a minha presença diária? Quero dizer, uma coisa é passar a noite comigo, outra bem diferente é me ter por aqui o tempo inteiro!

- Não sei se vou suportar! Brincou. E você, o que fará com um velho como eu?

- Um velho como você! Estou certa de que pensarei em algo...

Por que a vida não poderia se resumir àquela noite? A harmonia da natureza nos contagiou. Antes de dormir fomos olhar o mar. Sentamos na areia. Ele me abraçou, recostei a cabeça em seu ombro. O ruído das ondas pareceu-me a respiração do mar. Nos conectamos a ele. A espuma quase alcançando nossos pés.

Depois entramos.

No dia seguinte, acordei cedo. Solano já estava de pé. Conversava com alguns pescadores na frente da casa. Bebiam café. Admirei neles o jeito simples de viver. Como pude passar tantos anos em meio ao burburinho da cidade? Respirando o ar fresco da manhã, fui até os homens e abracei Solano diante de olhos curiosos, porém discretos, de seus amigos.

Antes de sair, coloquei o perfume do Poeta. O frasco que eu mesma vendi para Bel. *Mouette* seria o meu cheiro também! Atravessei o quintal e alcancei a estrada nos fundos do terreno.

Na editora, a recepcionista cumprimentou-me. Deu boas-vindas e desejou-me sorte no serviço de secretária. Achei-a simpática, porém, no início, todas são. Não tínhamos o mesmo cargo, isso não acirraria uma disputa entre nós. A vaga de secretária não fora ocupada por ela, isso significava que ela preferia trabalhar na recepção ou não tinha capacidade para ser secretária do editor.

Subi e ocupei minha escrivaninha. Ou melhor, primeiro a desocupei. Tirei os envelopes, alguns ainda por serem abertos. Tentei classificar de um modo geral cada tipo a ser reclassificado com mais precisão depois. Depois que eu me organizasse no serviço. Teria tempo para isso mais tarde.

Quando o editor chegou, causou-lhe ótima impressão a mesa praticamente vazia.

Passei quase toda a manhã na sala dele. Explicou-me o serviço. Entregou-me o que, segundo ele, era uma agenda que valia ouro, pois ali estavam os telefones de todos os contatos que muitos dariam a vida para conseguir. Pareceu-me exagero, porém guardei-a na gaveta, chaveada.

Não saí para almoçar. Achei prudente ficar e organizar o serviço. Solano não apareceu. O fato de ser amigo do editor talvez o fizesse passar dos limites quanto a freqüentar o meu local de trabalho, mas isso não aconteceu. Mandou um funcionário do Restaurante levar-me um sanduíche. Gostei!

À tarde, o editor pediu-me para organizar a sua mesa. Ele tinha um compromisso na cidade e voltaria no final do expediente.

- Fique à vontade para organizar tudo a sua maneira. Só não esqueça de que você terá que achar depois, quando eu precisar. Use a estante, os arquivos. Os móveis ainda estão vazios, chegaram na semana passada. Felizmente a reforma do prédio acabou!

Saiu e eu tive toda a sua sala para mim. E o serviço também. Dali avistava a praia, como na minha sala, anexa.

Prendi o cabelo num coque e coloquei-me a selecionar documentos e o que havia sobre a mesa do editor. Papel, papel, e mais papel! E assim, diante dos meus olhos, surgiu o envelope com os poemas de Fábio. Segurei com ambas as mãos e os levei até a janela, incrédula. Finalmente, o texto de Fábio!

Não posso negar o batimento acelerado do meu coração. Abriria ou não o envelope? Haveria interesse ainda em concretizar aquela missão? Não! Mas, a curiosidade foi maior. Não resisti. Puxei o maço de folhas de dentro do envelope e comecei a leitura do texto.

Os originais se dividiam em três partes: *A busca pela natureza*, *A busca pelo eu do poeta*, e *A busca pelo amor verdadeiro*. O título do livro era o mesmo da terceira parte, ou seja, *A busca pelo amor verdadeiro*. Não pude deixar de rir. Não por causa dos poemas ou pela minha missão cumprida, mas por, talvez, Fábio finalmente ter encontrado em Débora o seu verdadeiro amor. Não senti rancor. Deixei o envelope num local onde o editor encontrasse facilmente.

No final da tarde, após Saulo Fagundes chegar, deixei a editora. Meu primeiro dia de trabalho! E eu que imaginava ler os poemas de Fábio na casa do Poeta...

Na ida para casa, passei no Restaurante da Pousada. Se encontrasse Solano ficaríamos para jantar, do contrário, me faria bem uma caminhada pela praia. Ituriel informou-me que Solano almoçou ali, mas saiu em seguida. Agradei a informação. Bel surgiu à porta da cozinha e me cumprimentou. Aproximou-se do balcão, receei que planejasse falar comigo.

- Não pense que não gosto de você, Pipa.

- Me chame de Anita.
- Está morando com Solano?
- Já deu para notar?
- Olha, Anita, eu gosto muito dele e se você o magoar...
- Está me ameaçando?
- Estou lhe prevenindo.
- Eu gosto dele, Bel.

Ela empertigou-se. Olhou para o irmão e dirigiu-se ao seu artesanato, no canto. Sentou-se diante da almofada e começou a passar habilmente os bilros pelos dedos, a renda tomava forma.

- Até mais, Ituriel.
- Boa noite, Anita.

Pelo menos o irmão era educado! Ver a Bruxa Moderna ali, tecendo sua renda, lembrou-me uma aranha. Eu não cairia na sua teia! Porém seu silêncio mostrou-me paciência e expectativa de que algo acontecesse e...

Aconteceu!

Tirei os sapatos e desci os degraus em direção à praia.

A sensação de meus pés em contato com a areia, depois de um dia inteiro de trabalho, era prazerosa. Faria aquele trajeto todos os dias! Decidi. Não passaria na Pousada, não. Mas, caminharia pela praia na volta da editora

nos fins de tarde. Quanta diferença do lugar onde morava, na cidade. Caminhar pela areia foi para mim como o prêmio pela missão cumprida. Eu tinha que admitir, mesmo perdendo o sentido a leitura do texto de Fábio, concluí a minha missão. E além do mais, trabalhava como secretária, como sempre sonhei. Talvez o meu salário fosse tão bom quanto o de Débora! Era o pagamento pelos sacrifícios que precisei fazer.

O sol se escondia entre nuvens. As gaivotas chegavam para o *happy hour*. Eu, usando *Mouette*, quase me juntei a elas. Permitiriam a minha participação nos seus encontros? Eu lhes contaria sobre as minhas tarefas na editora, elas revelariam as dificuldades em encontrar algum peixe suculento. Nos recolheríamos aos ninhos. Cada qual com seu par. Eu, com o Poeta.

Entrei no terreno de casa, algumas gaivotas levantaram vôo, outras, começavam a habituar-se a minha presença e permaneceram ao redor.

Bati à porta.

Ele demorou um pouco a abrir, mas estas foram as suas palavras quando me atendeu:

- Vou lhe dar uma cópia da chave.

Depois, abraçou-me forte. Disse estar com saudades e levou-me pelo braço até o escritório.

Larguei a bolsa sobre a escrivaninha. E os sapatos num canto, no chão.

Ele entregou-me algumas folhas.

- Leia.

Passei os olhos pela sua letra. O paraíso descrito em seus poemas refletia o cenário lá fora. Podia sentir o cheiro do mar nas palavras, o azul do céu traduzido em sentimentos, o toque da areia nas sentenças que descreviam o lugar.

- Você ama muito a Praia das Gaivotas, não é?

Ele aproximou-se por trás de mim. Abraçou-me pela cintura. Pousou o queixo sobre meu ombro.

- Sempre amei, mas não conseguia escrever sobre ela. Você me inspirou.

- Eu, que vim da cidade, inspirei você a escrever sobre este paraíso!

- Gostou dos poemas?

- Amei! Eu vim caminhando pela praia. E, lendo os seus poemas, foi como se eu tivesse percorrido duas vezes o caminho.

- Por que veio pela praia? Para demarcar o seu território?

- Demarcar meu território?

- Foi o que eu fiz quando me mudei para cá! Demarquei meu território, na praia diante da casa.

Achei graça.

Descongelamos uma torta salgada para a janta. Bebemos vinho. Eu contei a ele sobre o meu dia na editora. Ele relatou-me como passou a tarde criando seus poemas.

- Bel ameaçou-me.

- Ameaçou você? Por quê?

- Se eu não cuidar bem de você ela liquidará comigo!

Ele fez uma careta. Pareceu não compreender o que eu dizia. É claro que compreendia! Não era cego, nem surdo. Qual homem não desconfiaria dos cuidados que ela lhe dedicava?

- Ela nunca se insinuou para você? Confesse!

- Não venha com essa história... Garanto que nunca houve nada entre mim e a Bel. Ela limpava a casa, fazia compras... Eu mal a via aqui, saía de manhã com o pessoal e voltava de madrugada. Agora mudei, por sua causa, fiquei mais caseiro...

Levamos as taças de vinho para a sala. Abraçados, sentamos, no sofá.

Então ouvimos batidas à porta.

Olhamos um para o outro, aborrecidos com quem quer que tenha vindo nos interromper.

Solano levantou-se. Foi atender.

Coloquei-me de pé e o segui.

- Boa noite! Espero não estar incomodando.

Aquela voz...

- Não. Entre! Entre, Fábio!

A figura magra adentrou no ambiente. Ainda olhando para Solano, disse:

- Esta é Débora, minha namorada.

Trocaram apertos de mão. E finalmente, deram conta da minha presença.

O casal estacou. Inclusive Solano, que não sabia se fechava a porta ou apresentava-me a quem ambos já conhecíamos.

- Anita! Você aqui! Disse-me Débora, aproximando-se.

Sorri, mas não pensei em nada para falar. Fábio olhou para mim e para Solano várias vezes. Tentava decifrar o enigma da minha presença ali. Felizmente Solano não me lançou nenhum olhar inquiridor. Fechou a porta, finalmente, e voltou-se para nós.

- Sentem-se. Aceitam um vinho?

Aceitaram.

Solano pegou mais duas taças e os serviu.

- Que bom ver você, Anita! Revelou, minha amiga, sentando-se junto a mim, no sofá.

Tranqüila, iniciou uma conversa que eu, sinceramente, não ouvi. Não pude culpá-la. Débora nem desconfiava que eu havia contado a Solano sobre ela e meu antigo namorado estarem juntos! Ou seja, Fábio.

- ...devem estar sentindo sua falta na loja e...

Não pude olhar no rosto de Fábio. Felizmente o mesmo acontecia com ele em relação a mim. Conversava, tímido, com Solano. Eu não ouvia o que ele falava. Solano, talvez, também não.

- Não teríamos achado a casa sem ajuda! Passamos na Pousada das Gaivotas e a proprietária explicou direitinho como achar a casa de Solano Braz. Comentou Débora.

Então Bel os enviou! Concluí comigo. Se não tivesse indicado o caminho, na certa, desistiriam e iriam embora sem a inconveniente visita.

- Queria me desculpar, Anita. Eu fui tão estúpida com você... Falou-me, a voz baixa.

- Não se desculpe. Eu é que não queria enxergar o óbvio!

- Então... vocês estão juntos? Fez um gesto circular com a mão.

Assenti.

- Estou trabalhando numa editora aqui perto.

- Saiu da loja?

- Sim. Eu peguei minhas coisas no apartamento... Você não estava...

Já se mudou?

- Ainda não. Na semana que vem... Você não volta para cidade?

Não respondi.

Fábio e Solano, na Praia das Gaivotas! Aquela cena eu jamais imaginei presenciar. A casa de Solano lhe pareceria limpa e arejada demais? O Poeta, educado, dava atenção ao jovem admirador. Se não fosse a minha presença, Fábio realizaria por completo seu sonho de trocar idéias com seu guru! Se não fosse a minha presença, ele não publicaria seu livro de poemas! Disso ele nem suspeitava. A publicação estivera por um triz.

- Ele insistiu tanto para que viéssemos! Admira muito Solano Braz.

Confidenciou-me ela.

Como se eu não soubesse!

Estaria tudo bem se eu não tivesse revelado a minha “meia-verdade” a Solano. Por que eu teimava em ser tão correta? O que ele estaria pensando naquele momento? Ao ver Débora com Fábio, ficou óbvio! Fábio era o meu ex-namorado! Se eu sabia da correspondência e do livro de poemas, por que

não lhe revelei que era aquele o meu namorado? Essas deveriam ser as interrogações a povoarem o pensamento do Poeta.

Em nenhum momento Fábio dirigiu sua palavra a mim. Seu olhar, algumas vezes. Era o mais cego. O mais cego dos três sobre o que aconteceu. Débora sabia da minha missão, do meu envolvimento com Solano Braz. Solano conheceu Débora e eu lhe contei que ela estava com meu ex-namorado. E acabou descobrindo, com aquela visita, que se tratava de Fábio! Em sua cegueira, Fábio não tinha idéia do que eu fazia ali, não sabia da minha missão, nem que Débora fingiu não conhecer Solano Braz.

- Estão programando o lançamento do livro do Fábio. Você vai, não vai?

Inclinei a cabeça, muda.

Ela entendeu como um “é óbvio que sim”.

Vendo Fábio apertar a mão de Solano, presumi que iriam embora. Débora levantou e eu fiz o mesmo. O namorado estendeu-lhe o braço, ela achegou-se a ele. Disfarcei. Ao lado de Solano, segurei sua mão. O toque frio da sua pele me fez estremecer e a larguei no mesmo instante. Nos encaminhamos para a porta. Débora beijou-me. Fábio e eu trocamos um rápido olhar.

Despediram-se.

Solano aguardou que alcançassem a praia, depois fechou a porta. Mas não se afastou, baixou a cabeça, quase a encostando à parede diante dele.

Eu precisava dizer alguma coisa!

Sentia, com aquele silêncio, a natureza me expelindo para longe do paraíso! Eu não era digna do lugar. Não pactuava da pureza das gaivotas! Pretensão minha pensar que seria aceita ali. Eu que vendia perfumes! Esforçava-me para compreender o que os clientes buscavam em cada fragrância. Nutria suas necessidades com odores que despertavam sensações diversas. Talvez tudo não passasse de ilusão! A satisfação dos clientes ou a minha em satisfazê-los? Eu poderia não ter aceitado o perfume que Fábio comprou para mim! Deveria ter espatifado o frasco no chão de pedra da praça. Aceitei. Aquele perfume foi o início de tudo: *Poète*! Eu já adorava a fragrância mesmo antes de me envolver com Fábio... A poesia invadiu a vida de uma vendedora de perfumes e mudou seu futuro. Eu não estaria ali se não fosse a poesia. Observando Fábio e Débora juntos, concluí que não foram totalmente perdidos os novos rumos que tomei. Graças ao meu afastamento, minha amiga encontrara seu par. Sentindo-me satisfeita pela boa ação, não tive outra saída a não ser seguir para o quarto e arrumar minhas malas.

Peguei minhas roupas e as atirei dentro da mala aberta, sobre a cama. Esvaziei a primeira gaveta. Abri a segunda.

Era melhor mesmo eu partir, eu seria incapaz de fingir por muito tempo, afinal, a missão ali sempre fora buscar o texto de Fábio! Pesaria menos na minha consciência o Poeta saber de tudo. Com a minha partida ninguém nunca mais ouviria falar em mim. Logo eu seria esquecida pelo Poeta, pela Bruxa Moderna. Ituriel com o passar do tempo se esqueceria que houve ali uma hóspede chamada Anita... Bel voltaria a “cuidar” do Poeta e concluiria que a sua teia bordada com renda de bilro me havia realmente enredado. Maldita Bruxa Moderna! Que ficasse com tudo! A Praia das Gaivotas já era sua mesmo, antes de eu invadir seu paraíso. Cheguei a sentir, naquele momento, o cheiro do perfume dela: *Plage*. Eu que usava *Poète* vivia em harmonia com o bolor no apartamento de Fábio. *Mouette*! O que significava realmente usar o mesmo perfume que o Poeta? As gaivotas, *Mouette*, viviam na praia, *plage*, da Bruxa Moderna. E fora ela mesma que, ao entrar na loja de perfumes, me apresentara a fragrância. Passado! Tudo passado, tudo se perdera! Eu encontraria um outro emprego, nunca mais apareceria na frente do editor Saulo Fagundes, editor dos Poetas. Encontraria um emprego, não de secretária, nem de vendedora de perfuma, longe da Praia das Gaivotas. Eu logo estaria bem longe dali. Longe.

Desocupeí a última gaveta.

- O que está fazendo? Perguntou-me o Poeta, na porta do quarto.

Não olhei para ele, nem parei o que fazia.

- Por que vai embora? Insistiu.

Por que eu ia embora? Não era óbvio? O que ele queria? Que eu lhe explicasse tudo o que aconteceu? É, talvez fosse isso! Ele estava me dando oportunidade para me explicar.

Parei. Ele merecia uma explicação...

Sentei na cama, ao lado da mala. Sem olhar para ele, comecei:

- Como você já deve ter percebido, Fábio era o meu namorado. E eu me aproximei de você por interesse. Fábio nunca soube... Eu queria ler os poemas dele! Ele não me deixava... Disse que havia enviado por carta para você. Eu precisava ler, saber o que ele realmente sentia por mim! Ele não dizia... Eu li o seu endereço num envelope, no apartamento dele... E planejei me aproximar de você e ler os poemas. Ele me fez crer que os poemas falavam de mim, de nós...

- Ainda quer ler? Eu vou buscar para você! Ofereceu-me, a voz dura.

- Não! Não precisa. Já sei que não falam de mim. Eu os li hoje, na editora. Já sei do que se trata. Pelo menos a busca de Fábio pelo amor terminou. Agora, ele e Débora estão juntos...

- Você é uma moça estranha, Anita! Interrompeu-me. Pensei que a encontraria aos prantos. Mas não derramou uma lágrima sequer. Porém,

mesmo sendo tão forte, decidida, desiste muito fácil! Se já leu os poemas, cumpriu o que planejou, não é?

Corri o olhar do tênis dele ao tapete sob meus pés. Não conseguia encará-lo.

- Então, por que está indo embora? Você desiste fácil, Anita! Desistiu do seu namorado, agora vai desistir de ficar aqui, comigo.

Protestei.

- Fábio não gostava de mim! Por isso era incapaz de me dizer o que sentia... Por que eu iria lutar por algo que não existe? Finalmente percebi que exigia tanto dele, mas eu também nada sentia por ele.

- E o que sente por mim?

Levantei.

Na frente dele, não dei um passo adiante. Respirei fundo duas vezes. Entreabri os lábios. Soltei um longo suspiro, indignada comigo mesma. Exausta, ergui os braços numa expressão silenciosa.

- Fala, Anita! Fala, fala...

Eu provava do próprio veneno. E se eu pensava ter o antídoto, enganava-me. O Poeta me fazia refletir sobre as próprias ações e não me senti confortável. Não contei, naquele instante, com a cumplicidade das palavras. A expressão verbal simplesmente me havia abandonado. Desertou do meu

pensamento. Eu tinha pleno conhecimento do que poderia dizer, se quisesse... Mas, no momento, tive dificuldade de pronunciar uma só palavra que revelasse a ele, e também a mim, meus verdadeiros sentimentos. E não era aquela a minha insistência com Fábio? Eu o colocava contra a parede, exigia dele algo além de sua capacidade. A única e grande diferença é que ele não tinha nada a dizer, então preferia calar-se. Eu não! Eu tinha muito a dizer. Mas, por que não conseguia?

Um olhar bastou. Traduzi com a expressão do olhar o sentimento que as palavras se recusavam a expressar. E ele compreendeu! Para que exigir o que estava além das minhas possibilidades? Eu exigi de Fábio o que ele não era capaz de dizer. Mas o Poeta foi sensível o bastante para compreender. E todo o paraíso compreendeu! As gaivotas que dormiam, o mar que presenciara nossos momentos e capturava nosso olhar todas as noites. Compreenderam.

Assim, na minha mudez expressiva fui readmitida no paraíso.

E fiquei.

Mas, primeiro, ele disse:

- Então pede!

- O quê?

- Pede para ficar.

- Eu quero ficar.

- Pede!

- Me deixa ficar? Solano, me deixa ficar!

2. DIÁRIO DE UM OFÍCIO DECORATIVO

2. DIÁRIO DE UM OFÍCIO DECORATIVO

Agosto

Sexta-feira 13

*Assim começa, assim termina. A vida se faz em ciclos. Foi na releitura de **Cartas a um jovem poeta**, de Rilke, que surgiu a idéia do enredo para o título **Em busca do texto perdido**. A semente germinou do seguinte resumo:*

Narradora prestes a se casar, intriga-se com a amizade do namorado com seu conselheiro. Eles trocavam correspondência há mais ou menos um ano e ela nunca leu carta alguma, mas sabia como o namorado ficava eufórico quando recebia a correspondência. Era poeta. O outro, já consagrado e idolatrado... O namorado não conseguia dizer para ela os seus sentimentos. Jamais dissera que a amava, embora ela acreditasse nos sentimentos dele, porém desejava ouvir. Ele dizia que escrevia ao amigo (nos poemas e nas cartas) o verdadeiro amor por ela. Então, em segredo, ela inventa uma viagem e vai até ao amigo dele tentar obter as cartas que o namorado escreveu. Mas não revela quem ela é, nem o que pretende.

2.1 Palavras

Agosto

Segunda-feira 16

Imprimi fotos de ... para compor Solano Braz, o poeta. Vou manter o nome Anita e o apelido: Pipa. Fábio sempre foi o nome de pessoas inalcançáveis para mim.

Tudo começou num primeiro impulso, numa vontade não contida de deixar aflorar um sentimento. A leitura de Rilke apenas despertou, não a idéia, mas o sentimento que aguardava o momento de se expandir e se pronunciar em palavras.

Algumas vezes a busca pelo nome ideal para um personagem requer paciência, outras vezes o nome é o primeiro elemento a surgir, o primeiro sinal da presença que caracteriza esse novo ser. Um futuro trágico poder-se-ia prever a uma personagem que assim se denominasse: Silurga. Existe mesmo a impossibilidade de encontrar a felicidade com este nome, afirmaria Mario de Andrade¹, em suas anotações para o projeto de uma narrativa *Em busca da*

¹ ANDRADE, Mario de. **O turista aprendiz**. São Paulo : Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p.119.